

EVANDRO MORAIS PEIXOTO

**DESENVOLVIMENTO DE VERSÃO DA ESCALA
DIAGNÓSTICA ADAPTATIVA PARA ATLETAS
(EDAO-AR-A)**

**PUC-CAMPINAS
2012**

EVANDRO MORAIS PEIXOTO

**DESENVOLVIMENTO DE VERSÃO DA ESCALA
DIAGNÓSTICA ADAPTATIVA PARA ATLETAS
(EDAO-AR-A)**

Dissertação apresentada ao programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do centro de ciências da vida – PUC-Campinas, como requisito para obtenção do título de mestre em Psicologia como Profissão e Ciência.

Orientador: Profa. Dra. Elisa Medici Pizão Yoshida.

**PUC-CAMPINAS
2012**

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas e
Informação - SBI - PUC-Campinas

t796.4019 Peixoto, Evandro Morais.
P379d Desenvolvimento de versão da escala diagnóstica adaptativa para
atletas (EDAO-AR-A) / Evandro Morais Peixoto. - Campinas: PUC-
Campinas, 2012.

130p.

Orientadora: Elisa Medici Pizão Yoshida.
Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Cam-
pinas, Centro de Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia.
Inclui bibliografia.

1. Atletas - Aspectos psicológicos. 2. Psicologia - Avaliação. 3. Atle-
tas - Avaliação. 4. Esporte. 1. Yoshida, Elisa Médici Pizão. II. Pontifícia
Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida. Pós-
Graduação em Psicologia. III. Título.

22 ed. CDD – t796.4019

EVANDRO MORAIS PEIXOTO

**DESENVOLVIMENTO DE VERSÃO DA ESCALA
DIAGNÓSTICA ADAPTATIVA PARA ATLETAS
(EDAO-AR-A)**


BANCA EXAMINADORA



Presidente Profa. Dra. Elisa Medici Pizão Yoshida



Prof. Dr. Afonso Antonio Machado



Profa. Dra. Sonia Regina Fiorim Enumo

**PUC-CAMPINAS
2012**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer à minha família, a base de todos meus valores, pessoas que me dão força para vencer os desafios por onde passo. Em especial à minha mãe: Josefa Morais Peixoto, quem me faz experimentar cotidianamente o sabor do amor mais profundo e infinito.

O meu obrigado muito especial à Elisa Medici Pizão Yoshida pela oportunidade de apreender seus ensinamentos que vão muito além da prática profissional, pelos exemplos de força e amor à vida, assertividade, e capacidade de se fazer entender e cativar pessoas com experiências de vida tão diferente.

Meus sinceros agradecimentos às pessoas que contribuíram ativamente para o meu desenvolvimento profissional. Profa Dra. Maria Leonor Espinosa Enéas, professora no sentido mais abrangente da palavra, uma ‘parceira de jogo’ nos campos científicos. Apresentou-me a pesquisa como uma atividade prazerosa, na qual com dedicação e treinamento todos os ‘jogadores’ saem vitoriosos.

Profa Dra. Gláucia M. da Rocha pelo reconhecimento de minha capacidade e por ter sido a primeira pessoa a incentivar o meu ingresso na carreira acadêmica.

Profa Dra. Sônia Silva pelo exemplo de simplicidade no contato com seus alunos e pelo incentivo na construção deste trabalho.

Prof. Dr. Fabiano Silva pelas oportunidades concedidas ao longo destes dois anos, assumindo um papel fundamental no meu desenvolvimento profissional.

Meus sinceros agradecimentos à Bartira Pereira Palma, pela cumplicidade nos momentos de ausência, por seu companheirismo e carinho mesmo nos momentos que minha cabeça estava nas atividades por fazer, saiba que minhas palavras sempre serão limitadas para expressar minha gratidão e meu amor por você.

A todos os participantes que nestes anos compuseram e compõem o grupo de pesquisa, em especial Giovanna Corte Honda, pelo apoio na realização deste trabalho e por tornar-se uma parceira de escrita, e Eduardo Khater pelo apoio tecnológico inquestionável e pelos momentos especiais que passamos juntos.

À Soraia Ciccone, Eveline Barbosa, Thiago Jurato, Walquiria Ribeiro e Bruna Praxedes Yamamoto companheiros de viagem e críticos implacáveis, este trabalho, certamente, não teria a mesma qualidade sem os comentários de cada um de vocês.

À Profa. Dra. Marilda Lipp e Profa. Dra. Tatiana Nakano pelos apontamentos pertinentes e cuidados no exame de qualificação.

Aos componentes da banca Prof. Dr. Afonso Antonio Machado e Profa Dra. Sonia Regina Fiorim Enumo pelas valiosas sugestões possibilitando-nos importantes reflexões e futuras perspectivas.

Às funcionárias da secretaria de pós-graduação para as quais dei tanto trabalho com dúvidas infundáveis.

Aos Dirigentes esportivos, Técnicos e Atletas que aceitaram gentilmente fazer parte desta pesquisa.

A CAPES pelo apoio financeiro.

Por fim, agradeço a Deus por me proporcionar o encontro com cada uma destas pessoas que tornaram os caminhos percorridos muito mais agradáveis.

SUMÁRIO

Resumo.....	7
Abstract.....	8
Apresentação.....	9
Introdução.....	12
Referencial teórico.....	16
Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada (EDAO) – Origem e Evolução.....	22
Objetivos.....	28
Objetivos Específicos.....	29
Método.....	32
Participantes.....	30
Juízes.....	31
Instrumento.....	32
Procedimento.....	33
Plano de análise dos resultados.....	35
Resultados.....	37
Análise das propriedades psicométricas.....	41
Escala Afetivo Relacional (AR).....	41
Escala Produtividade (Pr).....	52
Discussão.....	64
Considerações Finais.....	77
Referências.....	80
Anexos.....	90

INDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Correlação item-total e alfa de Cronbach (α) (se o item for excluído da escala A-R (n=30) e correlação item-total alfa de Cronbach (α), excluindo-se os itens cuja correlação item-total foi menor que 0,2 (n=20).....	42
Tabela 2 – Cargas fatoriais extraídas pelo critério raiz latente (autovalores >1) e rotacionadas pelo método Promax.....	45
Tabela 3 – Alfa de Cronbach (α) da escala A-R (autovalores > 1).....	46
Tabela 4 – Cargas fatoriais rotacionadas pelo método PROMAX (cinco fatores) da escala A-R.....	47
Tabela 5 – Alfa de Cronbach (α) por fator (rotação de quatro fatores) da escala A-R.....	47
Tabela 6 – Cargas fatoriais rotacionadas pelo método Promax (quatro fatores) da escala A-R.....	49
Tabela 7 – Alfa de Cronbach (α) por fator (rotação de quatro fatores) da escala A-R.....	49
Tabela 8 – Cargas fatoriais rotacionadas pelo método Promax (três fatores) da escala A-R.....	51
Tabela 9 – Correlação item-total e alfa de Cronbach (se o item for excluído da escala Pr (n= 28) e correlação item-total alfa de Cronbach, excluindo-se o itens cuja a correlação item-total foi menor que 0,2 (n=27).....	53
Tabela 10 – Cargas fatoriais extraídas pelo critério raiz latente (autovalores >1) rotacionadas pelo método PROMAX (Pr).....	55

Tabela 11 – Alfa de Cronbach (α) da escala Pr (autovalores > 1).....	55
Tabela 12 – Alfa de Cronbach (α) por fator (rotação de cinco fatores) da escala A- R.....	56
Tabela 13 – Cargas fatoriais rotacionadas pelo método Promax (cinco fatores) da escala Pr.....	57
Tabela 14 – Alfa de Cronbach (α) por fator (rotação de quatro fatores) da escala Pr.....	58
Tabela 15 – Cargas fatoriais rotacionadas pelo método Promax (quatro fatores) da escala Pr.....	59
Tabela 16 – Cargas fatoriais rotacionadas pelo método Promax (três fatores) da escala Pr.....	61
Tabela 17 – Tabela 17 – Coeficientes alfa de Cronbach na subescala afetivo- relacional/A-R, produtividade/ Pr e Escala Total/Total, de acordo com o sexo e a modalidade esportiva.....	62
Tabela 18 – Diferença dos escores do setor Afetivo Relacional entre homens e mulheres.....	63
Tabela 19 – Diferença dos escores do setor Produtividade entre homens e mulheres.....	64

RESUMO

PEIXOTO, Evandro Morais. *Desenvolvimento de versão da Escala Diagnóstica Adaptativa para Atletas (EDAO-AR-A)*. 2012. 130p. Dissertação (Mestrado em Psicologia como Profissão e Ciência) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciência da Vida, Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Campinas, 2012.

Desde a entrada efetiva dos profissionais da psicologia nas equipes esportivas, estes se depararam com as demandas de avaliação dos sujeitos envolvidos neste contexto, em especial os atletas. Com isto, a necessidade de contarem com instrumentos de avaliação psicológica, capazes de auxiliá-los nessa tarefa, tem se mostrado cada vez mais imperativa. No entanto, a carência de instrumentos válidos impõe-se como importante limitação a estes profissionais. Esta carência constitui ao mesmo tempo um desafio à psicologia, bem como um campo de investigação ainda em aberto para os pesquisadores da área. Desde a década de 70 foi desenvolvida no Brasil, por Ryad Simon, uma escala para a avaliação da eficácia adaptativa, conhecida como Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada (EDAO). Baseia-se na concepção de que a eficácia adaptativa corresponde à capacidade do sujeito de enfrentar as vicissitudes da vida. Os dados sobre o sujeito são obtidos por meio de entrevista clínica. A EDAO já demonstrou evidências de validade para diferentes estratos da população clínica e não clínica. Uma versão de autorrelato, para avaliar a eficácia da adaptação de pacientes de clínicas comunitárias, está em desenvolvimento e tem sido provisoriamente identificada pelo acrônimo EDAO-AR. Propõe-se nesta pesquisa o desenvolvimento de uma versão da EDAO-AR para avaliação de atletas, bem como a verificação de algumas de suas evidências de validade. A pesquisa se desenvolveu em duas etapas: a) adaptação da EDAO-AR e construção de novos itens; análise de conteúdo por juízes (especialistas); e análise semântica dos itens por atletas de diferentes modalidades e diferentes níveis de escolaridade; b) estimativa da consistência interna dos itens distribuídos por fator e para a escala total, avaliada por coeficientes alfa de Cronbach, foram também avaliados os índices MSA e KMO, e por fim, verificadas as dimensionalidades das escalas por meio de análise fatorial exploratória. A amostra foi composta por 219 atletas das seguintes modalidades: Atletismo, Basquete, Futsal, Natação, Rugby e Vôlei inscritos em suas respectivas instituições federativas sob a categoria juvenil e adulta. Considerando que a adaptação dos sujeitos é verificada a partir da adequação apresentadas nos setores Afetivo Relacional (AR) e Produtividade (Pr), os itens foram construídos e avaliados de forma separada, tomando cada conjunto de item um como um instrumento diferente. A escala final ficou constituída por 41 itens divididos em 19 para avaliação do setor AR e 22 para avaliação da Pr. Os resultados demonstram que tanto a escala AR quanto a Pr avaliam a qualidade da adaptação de acordo com três dimensões: Autocontrole – Relações interpessoal e Enfrentamento. Sugere-se a necessidade de desenvolvimento de novos itens para a escala AR a fim de alcançar maiores índices de consistência interna para escala geral, bem como para os respectivos fatores. Por fim, destaca-se a necessidade de utilização de ambas as escalas para avaliação da configuração adaptativa de atletas.

Palavras-chave: avaliação psicológica, eficácia adaptativa, esporte, instrumento de avaliação, autorrelato.

ABSTRACT

PEIXOTO, Evandro Morais. *Development of a version of the Adaptive Diagnostic Scale for Athletes (EDAO-AR-A)*. 2012. 130p. Dissertation (Masters in Psychology as Profession and Science) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciência da Vida, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Campinas, 2012.

Ever since the effective introduction of psychology professionals into sporting teams, they have encountered demands to evaluate the subjects involved in this area, particularly athletes. Accordingly, the need for these professionals to avail themselves of psychological evaluation tools that are capable of assisting them in this task, has become increasingly imperative. However, the lack of valid tools imposes significant limitations on these professionals. This lack is, at the same time, a challenge to psychology as well as a field of investigation that is still open to researchers in this area. In the 1970s, a scale was developed in Brazil by Ryad Simon, known as the Operational Adaptive Diagnostic Scale (EDAO), to evaluate adaptive efficiency. It is based on the concept that adaptive efficiency represents the ability of a subject to cope with life's trials and tribulations. Data on the subject are obtained by way of a clinical interview. The EDAO has already proved to be valid for different strata of the clinical and non-clinical population. A self-report version, to evaluate the effectiveness of adaptation of patients in community clinics, is under development and has been provisionally assigned the acronym EDAO-AR. This study proposes the development of a version of the EDAO-AR for the evaluation of athletes, as well as examining some of its proof of validity. The study has evolved in two stages: a) adaptation of the EDAO-AR and the construction of new items; analysis of content by (specialist) judges; and a semantic analysis of the items by athletes in different sports and with different levels of schooling; b) estimate of the internal consistency of the items, distributed by factor and for the scale as a whole, evaluated using Cronbach's alpha coefficient; the MSA and KMO indices were also evaluated and finally, the dimensionality of the scales was checked by means of exploratory factorial analysis. The sample comprised 219 athletes from the following categories of sport: Athletics, Basketball, Indoor Soccer, Swimming, Rugby and Volleyball, enrolled in their respective federations in the youth and adult categories. Assuming that the adaptation of the subjects is examined based on the suitability demonstrated in the Affection-Relation (AR) and Productivity (Pr) sectors, the items were built and evaluated separately, each set of items being regarded as a different tool. The final scale was made up of 41 items, 19 for the evaluation of the AR sector and 22 for the evaluation of Pr. The results show that the AR scale and the Pr scale both evaluate the quality of adaptation in accordance with three dimensions: Self-control, Interpersonal relationships and Coping. It is suggested that there is a need to develop new items for the AR scale in order to achieve higher indices of internal consistency for the overall scale, as well as for the respective factors. Finally, the need to use both the scales in the evaluation of the adaptive configuration of athletes should be stressed.

Keywords: psychological evaluation, adaptive effectiveness, sport, evaluation tool, self-report.

APRESENTAÇÃO

Desde a entrada efetiva dos profissionais da psicologia nas equipes esportivas brasileiras, por volta da década de 90 (Rubio, 2000a), estes se deparam com demandas por avaliação psicológica de atletas. Com isto, a necessidade de contarem com instrumentos de avaliação psicológica capazes de auxiliá-los nessa tarefa, mostrou-se cada vez mais imperativa. Muitos instrumentos foram então importados das mais diversas áreas da psicologia, sem que fossem aferidas as respectivas propriedades psicométricas, junto a este estrato da população. Neste sentido, encontram-se aí algumas das importantes limitações impostas à prática da psicologia do esporte que, diferentemente de outras áreas da psicologia, ainda não possui um referencial específico de investigação (Ângelo & Rubio, 2007; Bartholomeu & Machado, 2008; Rubio, 2004).

Observa-se que esta situação corresponde a uma questão ulterior ao desenvolvimento da psicologia do esporte, que é a da vinculação do esporte a volumosos investimentos financeiros. De acordo com Betti (1998) e Rubio (2000b), o esporte é um fenômeno social que toma proporções cada vez maiores na atualidade, principalmente no tocante a investimentos e valores injetados na detecção de novos talentos, construção de centros esportivos e transformações de infraestrutura nas cidades sedes de grandes eventos esportivos (Rein, Kotler & Shields, 2008). Paralelamente, surgem grandes investimentos sociais e científicos na formação de futuros atletas (Epiphonio, 2002). Desta forma, o Esporte, tal como vivenciado nos moldes contemporâneos, torna-se um fenômeno complexo que se desenvolve com base em diversas outras áreas do conhecimento, as denominadas Ciências do Esporte, integram conhecimentos advindos antropologia, filosofia, psicologia e a sociologia do esporte,

bem como medicina, fisiologia e biomecânica do esporte, entre outras (Ângelo & Rubio, 2007; Rubio, 2004; Peixoto & Yoshida, 2012).

Enquanto uma dessas subáreas, a psicologia iniciou suas pesquisas no contexto esportivo há aproximadamente um século, estudando inicialmente aspectos relacionados à fisiologia do exercício, os chamados condicionantes reflexos (Feliu, 1991). Atualmente, seus estudos têm se voltado para situações que envolvem motivação, personalidade, agressão e violência, liderança, dinâmica de grupo, bem estar, pensamentos e sentimentos do atleta e vários outros aspectos da prática esportiva e da atividade física (Ângelo & Rubio 2007; Rubio, 2002, 2004). Nota-se, contudo, que grande parte dos investimentos e do desenvolvimento inicial da psicologia, assim como das outras áreas do conhecimento que compõem as ciências do esporte, obedeceram a outra exigência específica da prática esportiva, a vinculação com o esporte de alto rendimento e conseqüentemente a incessante busca pela vitória (Rubio, 2006; 2007a).

Nesta perspectiva, a avaliação psicológica voltou-se inicialmente para a investigação das características pessoais dos atletas que teriam, em princípio, maior ligação como o sucesso esportivo. Diversos instrumentos foram adaptados ou construídos com o objetivo de avaliar as características da personalidade, que supostamente, estariam diretamente ligadas com o sucesso na prática esportiva. Esta tendência também é verificada no Brasil, em que predominam pesquisas com intuito de compreender alguns componentes específicos da personalidade de maior visibilidade no contexto esportivo, tais como, traços e estados de ansiedade, motivação, agressividade, determinação, persistência, liderança, extroversão-introversão, entre outros (Gomes 2011; Kaneta, 2007).

Dentre as possibilidades de avaliação que consideram o funcionamento integral do sujeito, encontra-se o conceito de eficácia adaptativa. Segundo Simon (1989), a

eficácia adaptativa decorre da qualidade da adaptação do sujeito em quatro setores da personalidade: afetivo-relacional, produtividade, sócio-cultural e orgânico. Sua avaliação fornece, portanto ao psicólogo, um quadro geral do funcionamento da personalidade e de seus recursos para fazer face às vicissitudes e desafios da vida. E, para a avaliação da eficácia adaptativa, Simon (1989) desenvolveu a Escala Diagnóstica adaptativa Operacionalizada (EDAO), amplamente utilizada no Brasil por inúmeros pesquisadores e profissionais práticos (Gebara & Simon, 2008; Honda & Yoshida, 2012; Yoshida, Enéas & Santeiro, 2010). No entanto, trata-se de uma escala clinica de depende da realização de entrevistas para obtenção de tais informações.

Uma versão de autorrelato da EDAO (EDAO-AR) (Yoshida, 2009, 2012) encontra-se em desenvolvimento. Seus itens foram inspirados originalmente em material clínico, proveniente de atendimentos realizados em clínicas comunitárias. Considerando que as propriedades psicométricas de um teste dependem das peculiaridades do estrato da população avaliada (Anastasi & Urbina, 2000, Hammond, 2010, Urbina, 2007), com esta pesquisa se pretendeu dar início ao desenvolvimento de uma versão de autorrelato da Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada (EDAO-AR), para atletas.

As motivações para este estudo provêm de duas experiências do pesquisador. A primeira como atleta na qual vivenciou as diversas exigências quanto ao rendimento esportivo e o desenvolvimento do atleta, muitas vezes em detrimento de sua qualidade de vida. E a segunda, a partir da formação acadêmica, quando pode tomar conhecimento da EDAO, um instrumento de avaliação que permite avaliar o funcionamento de um indivíduo, sem que se suponha uma condição patológica.

INTRODUÇÃO

No esporte de alto rendimento muitas vezes há necessidade de uma rápida avaliação psicológica na busca de qualificação e quantificação de estados emocionais em situações específicas do cotidiano esportivo, como períodos de treinamentos e competições, tendo como objetivo informações sobre os níveis de processos psíquicos e relações interpessoais que possam contribuir para a otimização dos atletas e equipes. Nesse sentido, o conhecimento das características que compõem o contexto esportivo torna-se de extrema importância ao avaliador, caso contrário, este pode obter conclusões distorcidas e assim, consequências prejudiciais, não apenas ao atleta investigado, mas a toda comissão técnica, além da pouca ou nenhuma contribuição à área (Rubio, 2007b).

O processo psicodiagnóstico no contexto esportivo também tem como objetivo o levantamento dos aspectos particulares da personalidade do atleta, questões referentes à participação dos indivíduos frente à equipe esportiva e relação com a modalidade escolhida. Para tais fins, o psicólogo pode contar com procedimentos como observação, entrevistas e testes psicológicos para determinar o nível de desenvolvimento das funções e capacidades do indivíduo frente à sua prática esportiva.

A avaliação psicológica de atletas pode ser considerada um dos procedimentos de maior visibilidade na Psicologia do Esporte (García-Mas, Bonnín & Feliu, 2004), e de grande expectativa para as comissões técnicas e dirigentes esportivos. No entanto, é também uma das grandes preocupações dos profissionais da área por envolver procedimentos éticos ditados pelo Conselho Federal de Psicologia (Rubio, 2001; Rubio, 2007c).

De acordo com Thomas (1983), os fenômenos psíquicos a serem enfocados no contexto esportivo não diferem dos de outras áreas da vida. Para Rudik (1990),

Comissão de Esporte do CRP-SP (2000), Rubio (2007b) e Fernández (2010), a avaliação psicológica do esporte se alicerça nas mesmas premissas que a psicologia geral, dispondo-se dos seguintes procedimentos: observação, entrevista, experimentos em laboratórios, experimentos pedagógicos e testes psicológicos. Vale ressaltar que a escolha do procedimento, a ser adotado em cada caso, é realizada de acordo com as demandas do campo de atuação, bem como, particularidade e objetivos de pesquisa (Rubio, 2007b). Neste cenário, os questionários de autorrelato, ou autoaplicáveis, configuram-se como importantes ferramentas de apoio ao psicólogo do esporte, uma vez que podem orientar, esclarecer ou confirmar hipóteses levantadas através dos outros procedimentos. Além disso, são úteis na identificação de atletas que apresentam maiores dificuldades psicológicas, dentre um grupo de vários esportistas, citando como exemplo, o contexto de concentrações organizadas por federações esportivas, nas quais o processo de diagnóstico esportivo deve ser construído num curto espaço de tempo (Gimeno, Buceta & Pérez-Llantada, 2007; Ramis, Torregrosa, Viladrich & Cruz, 2010).

Embora os instrumentos de autorrelato sofram críticas quanto às suas limitações: possibilidade de fraude, manipulação dos resultados e emissão de respostas enviesadas que atendam os parâmetros de desejabilidade social, tendências de respostas e autoengano (Anastasi & Urbina 2000; Fernández, 2010; Hammond, 2010), observam-se também muitos pontos positivos em sua utilização. Dentre eles, pode-se citar o fato de serem de fácil entendimento para o respondente, que fornece informações sobre si, isentando dessa forma, o avaliador de avaliações subjetivas. Além disso, por meio de seus resultados numéricos, possibilitam ao pesquisador a realização de estudos quantitativos (Gil, 1986; Kaneta, 2007), cujos resultados podem integrar um processo mais amplo, de avaliação psicológica e a comparação com o desempenho de outros indivíduos (Hammond, 2010; Primi, 2010; Primi, Nascimento & Souza, 2004; Serralta,

Nunes & Eizirik, 2011; Yoshida et. al., 2009). Entretanto, sempre exigirão do avaliador habilidades para a obtenção da cooperação do respondente, bem como capacidade de reconhecer possíveis distorções (Anastasi & Urbina 2000).

Para Anshel (1987), Cox (1994) e Gil (1986), os avanços ocorridos na psicologia do esporte têm sido acompanhados diretamente de extensa produção de questionários específicos e de avaliação de aspectos da personalidade, constituindo-se na técnica de mensuração mais utilizada entre os psicólogos do esporte (Fernández, 2010). Contudo, observa-se ainda grande necessidade de desenvolvimento desta área no Brasil, em que a produção em avaliação psicológica, só recentemente começa a ser mais valorizada.

Efetivamente, nossa produção contrasta fortemente com a de outros países, como por exemplo, os Estados Unidos, em que a psicologia esportiva já conta com grande tradição. Um exemplo é o estudo de Ostrow (1996) que, ao compilar os instrumentos de avaliação psicológica utilizados no contexto esportivo, apresentou 314 instrumentos escritos em língua inglesa, divulgados em diversas revistas científicas internacionais durante o período 1965-1995. Observa-se prontamente, uma limitação da área quanto à falta de instrumentos desenvolvidos ou adaptados para outras línguas, como o português. Outras limitações são apresentadas por García-Mas, Estrany e Cruz (2004), que referem que somente um a cada três destes se fundamentam em um construto claramente definido, menos de um quarto destes apresentam dados sobre análise fatorial e menos de 10% demonstram outros tipos de evidências de validade.

Dentre os instrumentos de avaliação utilizados na área do esporte, Gimeno, Buceta e Pérez-Llantada (1999) destacam, o *Psychological Skill Inventory of Sport – 5^o revision* (PSIS-r5) (Mahoney et al., 1987) e o *Cuestionario de Características psicológicas relacionadas com el Rendimiento Desportivo* (CPRD). Nota-se, contudo, que os instrumentos desenvolvidos para avaliação de atleta, tendem a enfatizar

demasiadamente as características psicológicas ligadas às habilidades envolvidas com prática esportiva propriamente dita (Gomes, 2011). Ainda que as situações competitivas possam se constituir fontes importantes de estresse (De Rose, 2002; Reynes, Canovas, Ferrand & Pantaleon, 2008) e ansiedade (Lizuka, Dantas, Machado & Marinovic, 2005), fatores extracompetitivos como problemas de relacionamento, conflitos familiares e exigências sociais, entre outras situações da vida pessoal do atleta, não são menos importantes, como fatores que podem prejudicar diretamente seu rendimento esportivo (De Rose, Deschamps & Korsakas, 2001; Gomes & Feliu, 2008; Simões, Conceição & Cortez, 2009; Weinberg & Gould, 2011).

Considerando a relevância dos fatores concernentes à vida privada do atleta sobre o seu desempenho esportivo, e mais especificamente sua habilidade para responder às situações de seu dia-a-dia, de forma adequada, é que se desenvolveu o presente estudo. Com ele pretende-se construir uma versão da Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada de autorrelato para avaliação de atletas. (EDAO-AR-A). Neste sentido, o instrumento apresentado nesta pesquisa pode ser visto como uma alternativa para compor o instrumental dos profissionais e pesquisadores que não dispõem de tempo suficiente para a realização de um processo diagnóstico nos moldes clínicos tradicionais (Yoshida, 2009). Este é, por exemplo, o caso de psicólogos que atuam junto ao contexto esportivo, em condições onde muitas vezes o tempo é restrito (Kaneta, 2007). Além disso, trata-se de um instrumento que oferecerá a estes profissionais conhecimento sobre como os atletas enfrentam os problemas e dificuldades nos seus relacionamentos e na vida profissional, proporcionando-lhe informações importantes para a tomada de decisões interventivas. No entanto, vale ressaltar que os testes psicológicos devem ser considerados em conjunto as outras medidas de desempenho, tais como: desempenho físico, capacidades técnicas e táticas

em relação à modalidade esportiva praticada (Weinberg & Gould, 2011), visto que ocupam status de ferramentas dentro do diagnóstico esportivo, “isso significa que sempre são um meio para alcançar um fim, e nunca um fim em si mesmo” (Urbina, 2007 p. 14).

Entre as características que favorecem a inserção da EDAO-AR-A dentre os instrumentos disponíveis ao psicólogo do esporte, destacam-se o fato deste instrumento não se basear em um construto com objetivos de detecção de características psicopatológicas, mas sim, a investigação da adaptação do indivíduo frente às circunstâncias da vida (Simon, 1989). Ao contrário da grande maioria dos instrumentos, esta escala, foi pensada para ser utilizada com populações não clínicas, ou seja, como um instrumento que permitisse uma abordagem de psicodiagnóstico preventivo. Esta característica torna-se importante uma vez que atletas, ao longo de suas carreiras, passam por um rígido processo de seleção, que diminui a probabilidade de manutenção de um indivíduo com características psicopatológicas acentuadas, nesse contexto. Outro ponto de grande relevância diz respeito ao fato de se pretender que a EDAO-AR-A permita avaliar a personalidade em seu aspecto global, tendo em vista que, grande parte dos instrumentos de avaliação psicológica, no campo esportivo, tem por objetivo a investigação de algumas características específicas que compõem a personalidade de um indivíduo (Kaneta, 2007).

REFERENCIAL TEÓRICO

O desejo de ter conhecimento sobre o funcionamento de uma pessoa, prever seu comportamento e a partir de então saber como lidar com ela, alcançou seu ápice na psicologia na década de 50, junto ao grande crescimento dos estudos psicométricos.

Contudo, a personalidade se apresenta como objeto de estudo desde o início dos trabalhos em psicologia (Moretti & Salgueiro, 2007) visto que a avaliação psicológica se apresenta como uma das áreas mais antigas deste campo de atuação (Anastasi & Urbina, 2000; Primi, 2010), e estende-se também, no decorrer do tempo, ao contexto esportivo.

Ao longo dos anos, muitos teóricos tentaram definir a personalidade em seu aspecto global, no entanto encontraram algumas características que juntas podem ser importantes para a composição da personalidade de um indivíduo (Kaneta, 2007). Neste sentido, foram formuladas diferentes teorias na tentativa de explicar os pensamentos, ações e transformações do homem (Bock, Furtado & Teixeira, 1997). E no contexto esportivo não foi diferente.

Entre as abordagens teóricas que embasam estes estudos destacam-se, a teorias psicodinâmicas que compreende as atitudes e manifestações esportivas como resultantes de manifestações inconscientes; a teoria de traço, que considera a estabilidade e constância dos traços personalidades independentemente das exigências do ambiente esportivo; a teoria da aprendizagem social, que entende o comportamento esportivo em função da experiência social do atleta em conjunto com as características situacionais; a abordagem situacional, que considera o comportamento esportivo, em sua maior parte, como determinado pelos reforçadores ambientais. E por fim, a abordagem interacional, que entende o comportamento do atleta como fruto de uma constante interação entre as situações, exigências do contexto esportivo e seus traços de personalidade e estado de humor. (Apitzsch, 1995; Cox, 1994; Gil, 1986; Jarvis, 2005; Weinberg & Gould, 2011).

De acordo com Weinberg e Gould (2011) “a personalidade refere-se às características- ou à soma das características - que tornam uma pessoa única” (p.50). Esta definição também é defendida por Gil (1986), para quem a personalidade pode ser

descrita como a soma total ou padrão global de características individuais. Por outro lado, Bock, Teixeira e Furtado (1997) destacam que a importância da personalidade não se restringe a suas estruturas, mas à maneira como estas interagem e se organizam, conferindo aos indivíduos idiosincrasias que os tornam únicos. Esta noção é compartilhada com Jarvis (2005), de acordo com quem, de forma geral, quatro fatores influenciam as respostas de um indivíduo frente à determinada situação: a constituição genética, as experiências anteriores, a natureza da situação e o livre arbítrio. Esta concepção dinâmica de personalidade será adotada no presente trabalho, que tem como objetivo o desenvolvimento de um instrumento para a avaliação da qualidade adaptativa de atletas, o que, em última análise, corresponde à eficácia do funcionamento da personalidade destes indivíduos.

No âmbito internacional, o grande número de pesquisas realizadas com o objetivo de estudar o papel da personalidade na prática esportiva demonstra o quanto profissionais e pesquisadores da área consideram importante o estudo destas características, apesar das dificuldades que se possa ter para definir o que vem a ser um atleta (Cox, 1994; Silva & Ângelo, 2007). Algumas pesquisas se valem dos conceitos como atletas de nível recreacional, amador, universitário e profissional para a descrição de um atleta, como é o caso, por exemplo, de estudo realizado por Weinberg e Gould (2011), em que se identificou que mais de mil artigos já haviam sido publicados até 1992, com esta temática. Estas pesquisas tiveram início com os questionamentos que procuravam compreender, por exemplo, porque determinados alunos eram tão motivados em relação às aulas de educação física, enquanto outros nem aos menos se importavam com tais atividades. Por que indivíduos desistiam de seus programas de condicionamento físico, enquanto outros permaneciam ativos. E até mesmo a tentativa

de comprovação empírica de que determinados aspectos da personalidade poderiam ser entendidos como pré-condições para o sucesso esportivo.

No Brasil são escassos os estudos que investigam a personalidade do esportista em seu aspecto global. De maneira geral, tem-se tentado compreender alguns componentes específicos da personalidade de maior visibilidade no contexto esportivo, como: traços de ansiedade e estados ansiogênicos, motivação, agressividade, determinação, persistência, liderança, extroversão-introversão, entre outros (Kaneta, 2007).

Segundo Morgan (1980), os estudiosos da personalidade no campo do esporte podem ser divididos em dois polos. O primeiro, composto pelos pesquisadores considerados crédulos, os quais acreditam que a personalidade está intimamente ligada ao sucesso esportivo. Por outro lado, o segundo grupo é formado por pesquisadores denominados céticos, os quais não acreditam nesta relação entre personalidade e sucesso esportivo. Para Weinberg e Gould (2011) esta divisão deriva das inúmeras, porém pouco conclusivas pesquisas realizadas entre as décadas de 60 e 70, que objetivavam traçar uma ligação entre características da personalidade e sucesso esportivo, no entanto outro grupo de pesquisadores assumiu uma postura menos estremada, em acordo com a opinião de que ainda que houvesse relação entre a personalidade e o desempenho esportivo, não se pode esperar uma relação de causa e efeito entre estas variáveis, uma vez que o sucesso esportivo dependerá de outras questões que fogem ao domínio psicológico (Cox, 1994; Weinberg & Gould, 2011).

Vale destacar alguns dos estudos que representam a postura destes grupos. Entre os trabalhos clássicos encontram-se os realizados por Ogilvie (1968, 1976, citado por Cox, 1994) que, após ampla revisão da literatura de sua época, concluiu que traços de personalidade como, estabilidade emocional, força mental, autocontrole, autoconfiança,

baixa tensão, confiança e extroversão estavam diretamente ligados ao sucesso esportivo. Estudos similares foram produzidos por Garcia, Cepero e Rojas (2010) que, ao avaliarem as habilidades de esgrimistas espanhóis, concluíram que os atletas mais experientes apresentavam melhores capacidades psicológicas do que os menos experientes, tais como: sensibilidade emocional, controle emocional e motivação.

Silva e Ângelo (2007), ao apresentarem o teste de perfil de estados de humor e conhecido mundialmente pela sigla POMS (*Profile of Mood States*), relatam que o teste foi utilizado por muitos estudiosos na tentativa de estabelecerem as diferenças de personalidade entre atletas e não atletas. Segundo os autores, embora seja difícil estabelecer o padrão de um atleta bem sucedido, pode-se sustentar a hipótese de que haja uma relação de estados de humor mais positivos em indivíduos de maior sucesso, no âmbito esportivo.

Barra, Ribeiro e Garcia (2005), após avaliarem 209 atletas de diferentes modalidades e 214 não atletas, por meio do Inventário de Personalidade de Freiburg (FPI-R), observaram que atletas brasileiros apresentavam melhores condições psicológicas frente às características de inibição, irritabilidade, agressividade, fatigabilidade, bem como, queixas físicas e censo de autorrealização do que a população composta por não atleta. Contudo, observa-se nesta perspectiva que não só os atletas são vistos como diferentes da população geral, mas também os técnicos quanto à sua capacidade de liderança (Kaneta, 2009; Simões, Conceição, Neri & Junior, 2006).

De acordo com Gil (1886), dentre as técnicas de avaliação da personalidade disponíveis para tais avaliações, encontram-se: histórias de vida, inventários psicológicos objetivos, inventários psicológicos projetivos e observação do comportamento. O uso destas medidas irá variar de acordo a abordagem teórica e o propósito da avaliação. O autor também aponta as vantagens no uso de inventários de

autorrelato, por serem de fácil administração e ampla utilização por pesquisadores que objetivam comparar os resultados entre grupos. Vantagens que os fazem ser o tipo de instrumento mais utilizado no contexto esportivo (Fernández, 2010; Gimeno, Buceta, Péres-Llantada, 2007).

Nogueira (2007), em um capítulo dedicado à apresentação dos testes projetivos mais utilizados no Brasil e potenciais instrumentos a serem utilizados no contexto esportivo, destaca os seguintes instrumentos: O Desenho da Figura Humana (DFH) – Desenho da Casa, Árvore e Pessoa (*The House, Tree, Person*) (HTP) – Teste de Apercepção Temática para Adultos (TAT) – Teste de Apercepção Temática para Criança (CAT) e o *The Defense Mechanism Test* (DMT). Deve-se observar que a autora não restringe o uso dos instrumentos apenas aos atletas de alto-rendimento, mas expande esta utilização para a reabilitação esportiva, projetos sociais e lazer. No entanto, é preciso lembrar, que embora estes instrumentos sejam validados para âmbito esportivos em países como Estados Unidos e Argentina, no Brasil ainda não contam com pesquisas para tais fins, e assim, para que seja autorizado seu uso no cotidiano prático é necessário que haja pesquisas com o objetivo de validação de tais instrumentos (Nogueira, 2007; Silva & Ângelo; 2007).

Outra importante característica referente aos testes de personalidade utilizados no contexto esportivo diz respeito à necessidade de construção de medidas específicas para o esportista, uma vez que os testes disponíveis, normalmente não são devidamente adaptados quanto ao seu conteúdo para esta população (Weinberg & Gould, 2011). Além disso, testes específicos para o esporte devem levar em conta, a linguagem e a realidade do atleta.

Observa-se que os instrumentos construídos a partir das características específicas do ambiente esportivo podem ser úteis na identificação de forças e fraquezas

dos indivíduos avaliados. E de posse destes resultados a equipe técnica pode intervir junto ao jogador com objetivo de reduzir seus pontos de fragilidade ou desenvolver ainda mais seus pontos positivos. Assim, dentro dos limites éticos que resguardem a privacidade do atleta (Rubio, 2007c) o conhecimento do funcionamento da personalidade passa a ser fundamental a um técnico, professor ou instrutor, ainda que um teste por si só não possa predizer o sucesso esportivo (Weinberg & Gould, 2011).

Considerando todas as características exigidas de um instrumento de avaliação psicológica para a avaliação de atletas, passa-se a seguir a apresentar a Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada (EDAO) (Simon, 1989), seus fundamentos teóricos, estrutura, desenvolvimentos e modo de avaliação. Também será apresentada a versão de autorrelato desenvolvida para a avaliação de pacientes de clínicas psicológicas, assim como os resultados de algumas pesquisas que tiveram como objetivo obter evidências de validade e de precisão, para esta versão, junto a estudantes universitários.

Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada (EDAO) – Origem e Evolução

Idealizada na década de 70 por Ryad Simon (1989), a Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada (EDAO) foi concebida com o objetivo de “facilitar a triagem da população universitária, tendo em vista a implementação de um programa de prevenção de distúrbios mentais” (Simon, 1998, p.13), no setor de Saúde Mental do Serviço de Saúde dos Alunos do Departamento de Medicina Preventiva da Escola Paulista de Medicina. A construção deste instrumento ocorreu após a percepção do autor de que a maioria da população universitária se enquadraria no conceito de “normalidade” em relação às escalas psiquiátricas disponíveis na época, o que as

tornavam inadequadas para os fins preventivos, exigindo-lhe assim, a criação de um novo instrumento (Simon, 1998).

A EDAO é uma escala clínica estruturada sob o conceito de adaptação como referencial básico para a classificação diagnóstica (Simon, 1989; 1998). Para tal objetivo, utiliza-se de entrevista semi-estruturada para coleta de dados (Simon, 1995a; 2005). Não se trata de um questionário ou inventário, mas de um procedimento de avaliação qualitativa, que tem como principal objetivo classificar as respostas do indivíduo quanto à eficácia adaptativa (Rocha, 2002).

O conceito de adequação toma um caráter essencial para a classificação diagnóstica da adaptação, na medida em que possibilita a operacionalização para qualificar a adaptação e assim lhe atribuir um valor classificatório. Desta forma, adaptação é avaliada através da adequação apresentada segundo quatro setores da personalidade: AR (Afetivo-Relacional); Pr (Produtividade); SC (Sócio-Cultural) e Or (orgânico) (Simon, 1989; 1995^a; 1995b; 1998; 2000; 2005).

O setor *AR* compreende o conjunto de respostas emocionais do sujeito em relação a si mesmo e nas relações interpessoais; o da *Pr*, à totalidade das respostas frente ao trabalho, estudo ou qualquer atividade produtiva de ocupação principal do indivíduo, mesmo que de natureza artística, filosófica ou religiosa; o *SC* abrange os sentimentos, atitudes e ações dos sujeitos frente às instituições, costumes e valores da cultura em que vive; e o *OR*, ao estado físico e o conjunto de resposta quanto aos sentimentos, atitudes e cuidados relativos ao próprio corpo: alimentação, sono, exercício (Simon, 1989; 1995^a; 1995b; 1998; 2000; 2005).

Foram definidos três níveis de adequação às respostas de um sujeito: *adequada*, *pouco adequada* e *pouquíssima adequada*, de acordo com os seguintes critérios: 1) solução do problema, 2) grau de satisfação obtido pelo sujeito com a solução

encontrada; e 3) intensidade do conflito frente às normas internas e culturais advindas das soluções adotadas. (Simon, 1989; 1998; 2005). Para que a resposta seja classificada como adequada, além da solução, critério obrigatório, deve trazer satisfação ao indivíduo e não criar conflitos intrapsíquicos ou ambientais. Uma resposta *pouco adequada*, não contemplaria um dos critérios 2 ou 3, e por fim, uma resposta *pouquíssimo adequada* não traria solução a nenhum dos dois últimos critérios (Simon, 1989; 1998). Assim, quanto mais o conjunto de resposta do sujeito for adequado, mais eficaz será sua adaptação.

De acordo com a proposta inicial de Simon (1989) a avaliação da EDAO se fazia atribuindo escores aos quatro setores da personalidade. Este sistema apresentava alguns inconvenientes, apontados por vários pesquisadores, o que levou o autor a proceder a uma revisão nos critérios de atribuição de escores e a propor uma segunda versão da escala, que tem sido denominada de EDAO-Revisada, e identificada pelo acrônimo EDAO-R (Simon, 1997; 1998; Yoshida, 1999a). É para esta versão que Yoshida (2009; 2011) vem desenvolvendo versão de autorrelato para pacientes que buscam psicoterapias em clínicas comunitárias e que se pretende, com este projeto, também desenvolver uma versão para atletas.

De acordo com a EDAO-R, a adaptação pode ser Eficaz ou Ineficaz, sendo que esta última se divide em três categorias: leve, moderada e severa. Somam-se a esses, os grupos considerados em crise. “Em particular, se o sujeito está às voltas com um problema vital e não consegue em curto prazo encontrar uma resposta, estará em *crise*” (Simon, 1998 p.15). Para o setor AR foram propostas as seguintes pontuações: 3 para *adequado*, 2 para *pouco adequado* e 1 para *pouquíssimo adequado*. Quanto ao setor Pr as pontuações seriam 2 para *adequado*, 1 para *pouco adequado* e 0,5 *pouquíssimo*

adequado. O setores *SC* e *Or* assumem um papel mais qualitativo, auxiliando o clínico na construção do diagnóstico e na orientação a terapêutica mais adequada.

“Feita a avaliações setoriais, chega-se ao diagnóstico adaptativo que traduz a eficácia com que o sujeito se adapta, a cada momento de sua vida, às mutáveis condições que o cercam” (Yamamoto, 2004 p. 120). Nesta versão da EDAO (Simon, 2007) são cinco os grupos diagnósticos que correspondem à combinação das pontuações. Grupo 1: *Adaptação eficaz*, quando *AR* e *Pr* são adequados, soma total de 5 pontos. Grupo 2: *Adaptação ineficaz leve*, quando um dos setores é adequado e o outro pouco adequado, soma total de 4 pontos. Grupo 3: *Adaptação ineficaz moderada*, quando ambos os setores são poucos adequados, ou um é adequado e outro pouquíssimo adequado, e a soma total dos pontos for 3 ou 3,5. Grupo 4: *Adaptação ineficaz severa*, quando um setor é pouco e outro pouquíssimo adequado, soma total de pontos 2,5 ou 2. Grupo 5: *Adaptação ineficaz severa*, quando ambos os setores são pouquíssimo adequados, soma total de 1,5 pontos.

Em relação às características fenomenológicas da adaptação de cada grupo classificatório, o Grupo 1 – *Adaptação eficaz*, corresponde a personalidade “normal”, raros sintomas neuróticos ou caracterológicos. O Grupo 2 – *Adaptação ineficaz leve*, a sintomas neuróticos brandos, ligeiros traços caracterológicos, algumas inibições. Grupo 3 - *Adaptação ineficaz moderada*: alguns sintomas neuróticos, inibição moderada, alguns traços caracterológico. Grupo 4 – *Adaptação ineficaz severa*: sintomas neuróticos mais limitadores, inibições restritivas, rigidez de traços caracterológicos e Grupo 5 – *Adaptação ineficaz grave*: neuroses incapacitantes, borderlines psicóticos não agudos, extrema rigidez caracterológica (Simon, 1998 p. 21).

Desde sua idealização, a escala tem se mostrado bastante útil em diversos contextos e em diferentes situações (Rocha, 2002; Yoshida, 2009), com pessoas de

faixas etárias diferentes (Altman, Yamamoto & Tardivo, 2007; Alves, 2001; Martins, 1998; Pellegrino Rosa, 1997; Rocha, 2002; Yamamoto, 2004; Yoshida, Lépine, St-Amand & Bouchard, 1998) e em variadas condições de saúde, físicas ou psicológicas (Gandini, 1995; Guimarães & Yoshida, 2008; Heleno, 2001; Heleno & Santos, 2004; Neder Filha & Simon, 2004; Pellegrino Rosa, 1996; Romaro, 2000; Silva Filho & Sousa, 2004; Yoshida, Mito, Enéas & Yukimitsu, 1993; Yoshida, Wiethaeuper, Lecours, Dymetryzyn, & Bouchard, 1998, entre outros).

No que se refere às qualidades psicométricas, pesquisas realizadas ao longo das últimas três décadas indicam boa fidedignidade da EDAO quanto ao julgamento de juízes familiarizados, teste-reteste, e evidências de validade (Enéas, 1993; 1999; Gatti, 1999; Rocha 2002; Yoshida 1984; 1991a; 1991b; 1996; 1999b). Tais propriedades apresentam-se também na versão revisada da escala EDAO-R (Simon, 1998; Yoshida, 1999; 2000). Embora, tais estudos não tenham sido realizados junto a amostras probabilísticas, o que limita o poder de generalização de seus resultados, evidências sugerem que a EDAO-R apresenta índices satisfatórios quanto à avaliação de juízes familiarizados com o instrumento, assim como critérios confiáveis para indicação e contra-indicação de pacientes para psicoterapias breves (Yoshida et al. 2010).

A primeira versão da Escala Diagnóstico Adaptativa Operacionalizada - de autorrelato (EDAO-AR), para a avaliação de pacientes de clínica comunitária, foi constituída por 47 itens, dividido em, 28 itens para avaliação do setor (A-R) e 19 itens para avaliação do setor (Pr) (Yoshida, 2011). Cada item apresenta uma situação, seguida de três a cinco alternativas que representam as possíveis maneiras de enfrentamento do problema. Com isso, o sujeito avaliado era orientado a assinalar a alternativa que mais se aproxima ao modo como agiria em relação à situação apresentada, ou alternativa que represente o maior número de suas características pessoais.

A pesquisa para a avaliação de qualidades psicométricas da EDAO-AR, junto às pacientes de clínica psicológicas comunitária, foi concluída em 2012, dando origem a segunda versão da EDAO-AR. De acordo com Yoshida (2012), a nova versão da escala ficou composta por 45 itens, divididos em 24 para avaliação do setor AR, e 21 para avaliação da Pr, ambas subescalas apresentaram bons índices de consistência interna (0,81 e 0,80) respectivamente. Além disso, a estrutura fatorial apresentado por cada uma das subescalas avaliadas encontrava-se em perfeita harmonia com o modelo teórico da adaptação humana, que deu origem a escala. Bem como, as medidas de validade externa, avaliada em conjunto com a Escala de Avaliação de Sintomas EAS-40 (Laloni, 2001). Visto que a EDAO-AR guardava uma correlação inversa com as medidas proporcionadas pela EAS-40, ou seja, quanto melhor eficaz a adaptativa, menor era chance do sujeito apresentar sintomas psicopatológicos.

Outras pesquisas com o propósito de validação da primeira versão do instrumento para a população não clínica, representada mais especificamente por universitários, já foram concluídas e seus resultados já apontaram a necessidade de algumas adaptações para este estrato da população (Cia & Yoshida, 2011; Freitas & Yoshida, 2011; Sigrist & Yoshida, 2011).

O estudo realizado por Sigrist e Yoshida (2011) teve com objetivo de obter evidências de validade da EDAO-AR por meio de medidas de associação entre os resultados da escala e os da Escala de Avaliação de Sintomas- 40 (EAS-40) (Laloni, 2001). A hipótese testada foi a de que a eficácia da adaptação, medida pela EDAO-AR, se correlacionaria negativamente com a de severidade de sintomas psicopatológicos, avaliada pela EAS-40. Os resultados indicaram associações significantes apenas para a amostra masculina. Em relação à consistência interna dos itens Cia e Yoshida (2011) obtiveram coeficientes alfas adequados para o setor Afetivo Relacional (A-R) ($\alpha > 0,70$),

e para escala total ($\alpha > 0,80$), no entanto o resultados não demonstraram boa consistência interna para o setor de Produtividade (Pr) ($\alpha > 0,60$). E por fim, o estudo de Freitas e Yoshida (2011) investigou evidências de precisão da EDAO-AR e de validade convergente entre a EDAO-AR e EDAO-R e corroborou os resultados obtidos por Cia e Yoshida (2011), uma vez que os resultados apontaram correlação significativa apenas para o setor A-R. Com base nos resultados dessas pesquisas, os autores sugerem a revisão da versão atual da EDAO-AR, com o desenvolvimento de itens que abarquem as especificidades das situações vividas por estudantes universitários, com vistas a uma versão da escala que se mostre válida para a avaliação da eficácia adaptativa deste estrato da população.

Acredita-se que o mesmo raciocínio possa ser utilizado para a população de atletas, que como universitários, enfrentam situações características para as quais precisam dar respostas adaptativas. Especialmente, em se tratando de instrumento de avaliação de autorrelato, é necessário que os itens apresentem situações efetivamente vividas pelos respondentes, que do contrário enfrentarão dificuldades para respondê-los, o que por sua vez compromete a validade da avaliação. A partir do exposto estabeleceu-se, portanto, os seguintes objetivos para esta pesquisa.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Desenvolver uma versão da EDAO-AR para a população de atletas, e estimar suas evidencias de validade quanto à consistência interna e estrutura fatorial.

Objetivos Específicos

Proceder a uma revisão dos itens da EDAO-AR de forma a adequá-los à realidade vivida por atletas. Incluindo-se aí situações enfrentadas e linguagem utilizada;

Desenvolver novos itens para os setores da personalidade, Afetivo-Relacional (A-R) e Produtividade (Pr), considerando situações enfrentadas e linguagem utilizada por atletas;

Realizar a análise de conteúdo dos itens adaptados e dos novos itens, por meio da avaliação de juízes;

Proceder à análise semântica dos itens através da avaliação realizada por grupos representantes de diferentes extratos da população estudada;

Estimar a consistência interna dos itens distribuídos por setor da personalidade: A-R e Pr e para a escala total.

Avaliar estrutura fatorial da escala por meio de análise fatorial exploratória.

MÉTODO

De acordo com os objetivos esta pesquisa o método se desenvolveu em duas etapas: a primeira referente à adaptação da EDAO-AR para avaliação atletas, e a segunda, a avaliação da consistência interna dos itens por fator e para escala total e análise fatorial exploratória. Para tanto, a pesquisa teve delineamento transversal de natureza quantitativa.

Participantes

A amostra total para esta pesquisa, por conveniência, foi composta por 219 atletas de ambos os sexos com idade igual ou superior a 18 anos. Sendo estes atletas das seguintes modalidades: Atletismo (n= 18), Basquete (n= 56), Futsal (n= 60), Vôlei (n= 44), Natação (n= 19) e Rugby (n= 22). Inscritos nas instituições federativas estaduais das respectivas modalidades sob as categorias juvenil e adulta. Do total de participantes, 14 (Amostra 1) contribuíram com a etapa de Análise Semântica dos itens, e 205 participantes (Amostra 2) com a etapa de análises empíricas para a avaliação das propriedades psicométricas - consistência interna dos itens por fator e para escala total, bem como para análise fatorial.

Amostra 1: 14 atletas (oito homens e seis mulheres), com idade entre 18 e 34 anos, com nível de escolaridade mínima de ensino fundamental incompleta, e máxima de ensino superior completo foram convidados a participar voluntariamente desta etapa da pesquisa. A amostra foi acessada através do contato pessoal do pesquisador. A escolha destes participantes se deveu ao fato destes representarem diferentes modalidades esportivas (Atletismo, Basquete e Futsal) bem como, diferentes níveis de escolaridade.

Amostra 2: a amostra por conveniência foi composta por 205 atletas, dos quais (104; 50,7%) homens e (101; 49,3%) eram mulheres, com idade entre 18 e 48 anos (M=22,44; DP=5,25; Mo=20; Med=20) Representantes das seguintes modalidades: Atletismo (n=14; 6,8%), Basquete (n=52; 25,4%), Futsal (n=54; 26,3%), Natação (n=19; 9,3%), Rugby (n=22; 10,7%) e Vôlei (n=44; 21,5%). Dos quais e (151; 73,7%) eram da categoria Adulta e (n= 54; 26,3%) da categoria Juvenil. Quanto ao estado civil, (178; 86,8%) eram solteiros, (23; 11,2%) casados e (4; 2%) Divorciado/desquitado. E quanto á nível de escolaridade (73; 35,6%) tinham Ensino Superior Incompleto, (70; 34,1%) Ensino Médio Completo, (36; 17,6%) Ensino Superior Completo, (22; 10,7%) Ensino Médio Completo, Ensino Superior Completo, (3; 1,5%) tinham Ensino Fundamental Incompleto e (1; 0,5%) Ensino Fundamental Completo.

Juízes

A pesquisa contou com a colaboração de quatro juízes especializados no construto da eficácia da adaptação proposto por Simon (1989), e familiarizados com a ADAO-AR (Yoshida,2012). Eles fizeram as avaliações de forma independente. Cada juiz recebeu o material com a relação dos itens adaptados da EDAO-AR e dos novos itens desenvolvidos. A estes foi solicitado que indicassem, a cada item, a designação dos setores da personalidade para o qual foi construído, a pertinência destes itens frente aos setores A-R e Pr e a qualidade adequação das alternativas de resposta ao item: adequada, pouco adequada e pouquíssimo adequada. Foram retidos os itens que obtiveram acordo mínimo de 75% em cada uma das categorias de análises. Estes então foram mantidos e posteriormente submetidos à análise semântica.

Instrumento

Primeira versão da Escala Diagnóstica Adaptativa para Atletas (EDAO-AR-A)

(Anexo A). A escala tem como objetivo medir qualidade da eficácia adaptativa de atletas. Para tanto, ficou constituída de 58 itens divididos em duas escalas representantes de diferentes dimensões do constructo a ser avaliado: 30 itens para avaliação da eficácia adaptativa do setor A-R e 28 itens para avaliação do setor da Pr. Cada item apresenta uma situação, seguida de possíveis alternativas de respostas, cada uma correspondendo a diferentes maneiras de enfrentar o problema. Cada uma destas alternativas de respostas foram construídas de acordo com os critérios propostos por Simon (1998, 2005) representando os diferentes níveis de qualidade adaptativa. Para o setor A-R cada alternativa recebeu as seguintes pontuações: 3 para as resposta (adequada), 2 (pouco adequada) e 1 (pouquíssimo adequada) e no setor Pr: 2 (adequada), 1 (pouco adequada) e 0,5 (pouquíssimo adequada). Para cada item pode haver mais de uma resposta correspondente a um nível de qualidade adaptativa: adequado, pouco adequado ou pouquíssimo adequado. Contudo, ao respondente é informado que deve indicar apenas uma das alternativas em cada item. Conforme sugerido por Yoshida (2012), a avaliação geral da escala é feita a partir da somatória dos escores médios obtidos nas Escalas A-R. Contudo, deve-se arredondar os valores médios dos escores das escalas A-R e da Pr, antes de somá-los. Para os arredondamentos seguem-se os seguintes critérios: entre 2,61 e 3,00 da escala A-R, arredonda-se para 3 (adequado); entre 2,00 e 2,60 para 2 (pouco-adequado) e entre 0 e 1,99, para 1(pouquíssimo adequado). E para a escala da Pr, os valores devem ser arredondados, respectivamente, para, 2 (adequado), quando entre 1,61 e 2,00; para 1 (pouco-adequado) quando entre 1,00 e 1,60 e para 0,5 (pouquíssimo adequado) quando entre 0,00 e 0,99. Para o resultado final da avaliação, segue os mesmos critérios de

classificação por Grupos da EDAO-R (Simon, 1998, 2005). Grupo 1. *Adaptação eficaz*, quando AR e Pr são adequados (soma 5,0); Grupo 2. *Adaptação ineficaz leve*, quando um dos setores é adequado e o outro é pouco adequado (soma 4,0); Grupo 3. *Adaptação ineficaz moderada*, quando ambos são pouco adequados (soma 3,0), ou um é adequado e o outro pouquíssimo adequado (soma 3,5 ou 3,0); Grupo 4. *Adaptação ineficaz severa*, quando um setor é pouco e o outro pouquíssimo adequado (soma 2,0 ou 2,5); Grupo 5. *Adaptação ineficaz grave*, quando ambos são pouquíssimo adequados (soma 1,5).

Procedimento

O projeto da pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas (N. Parecer 9899/2012) (Anexo B). Sua execução foi dividida em duas etapas: adaptação da EDAO-AR (Yoshida, 2012) para a avaliação da capacidade adaptativa de atletas, e avaliação das propriedades psicométricas.

Com base na EDAO-AR (Yoshida, 2012) (Anexo C) foi desenvolvida uma versão da escala específica para a avaliação de atletas, denominada Escala Diagnóstica Adaptativa para Atletas (EDAO-AR-A). Foram primeiramente examinados os itens atuais da EDAO-AR, tendo como foco situações enfrentadas por atletas em seu dia-a-dia. Além disso, foram desenvolvidos novos itens que pretendem abarcar objetivamente o construto da eficácia adaptativa evidenciada nos setores A-R e Pr ,para esta população.

Para o desenvolvimento dos novos itens foram atendidos os critérios para construção de escalas especificados por Pasquali (2001; 2003; 2010). Isto é, os itens devem expressar comportamentos que apresentem: simplicidade, clareza, relevância e precisão frente os fatores avaliados. Também se considerou critérios como:

variabilidade, modalidade, tipicidade e credibilidade dos novos itens. Já em relação ao conjunto de itens, procurou-se atender os critérios de amplitude e de equilíbrio, sendo distribuídos entre adaptação adequada, pouco-adequada e pouquíssimo-adequada, conforme proposto por Yoshida (2009).

Para adaptação e construção dos itens, o pesquisador consultou a literatura da área, além de se utilizar de sua experiência pessoal como atleta. Os itens adaptados, bem como os novos itens construídos foram submetidos à análise de quatro juízes independentes. Cada juiz recebeu o material com a relação dos itens adaptados e dos itens desenvolvidos. Foi solicitado que estes indicassem, a cada item, a designação dos setores da personalidade para o qual foi construído, a pertinência destes itens frente aos setores A-R e Pr e a qualidade da adequação de cada uma das alternativas de respostas propostas para o item: adequada, pouco adequada e pouquíssimo adequada. Foram retidos os itens que obtiverem acordo mínimo de 75% em cada uma das categorias de análises. Estes então foram mantidos e submetidos à análise semântica.

Na etapa de análise semântica da escala, foram verificados se os itens desenvolvidos eram inteligíveis a atletas de diferentes modalidades esportivas (Atletismo, Basquete e Futsal). Os itens foram apresentados a pequenos grupos de três a quatro atletas, em situação de *brainstorm* conforme sugerido por Pasquali, (2001, 2003). Aos diferentes grupos compostos por quatro ou três indivíduos, da mesma modalidade esportiva, foram apresentados item por item, e pedido para os membros que explicassem, com suas palavras, o que entenderam de cada um. Também foram pedidas sugestões aos atletas quanto à melhor forma de expressão da ideia representada pelos itens. Vale ressaltar que a participação foi voluntária e antecedida da assinatura do Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo D), construído especificamente para esta etapa da pesquisa.

Passou-se então para a segunda etapa da pesquisa, que tinha como objetivo obter dados para a realização das análises das propriedades psicométricas da EDAO-AR-A, constituída pelos itens e alternativas de respostas que foram retidos com base na análise semântica. Primeiramente o pesquisador realizou o contato das agremiações esportivas através das informações contidas em sites de federações esportivas, bem como por sua rede de contatos. Em um segundo momento, foram contatados os diretores destas equipes esportivas a fim de obter autorização formal por parte das instituições (Anexo E). Assim, entrou-se em contato com os técnicos das respectivas equipes para agendar uma apresentação da pesquisa aos potenciais participantes (atletas). No intuito de interferir o mínimo possível na rotina dos indivíduos envolvidos, estas apresentações foram agendadas para momentos posteriores aos treinamentos, nos quais o pesquisador informava os objetivos da pesquisa aos atletas e técnicos, procedimentos de participação, riscos e cuidados éticos. Aos atletas que aceitavam participar da pesquisa solicitava-se que assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo F), (construído especialmente para esta etapa da coleta de dados). As aplicações dos instrumentos eram realizadas em espaços localizados nos próprios centros de treinamentos, coletivamente, com todos os componentes das equipes, para tanto, buscava-se condições mínimas de privacidade para a aplicação dos procedimentos propostos.

Plano de Análise dos resultados

As respostas ao instrumento foram, primeiramente, submetidas à análise empírica para a estimativa de consistência interna, uma medida de confiabilidade, e, posteriormente, analisou-se a estrutura fatorial da escala. Para a definição do tamanho mínimo da amostra foi utilizado o critério da “razão itens /sujeitos” segundo o qual a

amostra deve ter entre 5 e 10 sujeitos, por item do instrumento (Hair, Black, Babin, Anderson & Tatham, 2009). Além disto, atendeu-se o critério de número mínimo de participantes sugerido por Pasquali (1999, 2001) e Gouvea, Santos e Milfont (2009), para a realização de Análises Fatoriais, que sugerem que a amostra seja superior a 200 participantes por dimensão da escala.

De acordo com Martins (2006), entre as técnicas para avaliação da confiabilidade de uma escala encontra-se o coeficiente de Alfa de Cronbach (α), o qual varia entre 0 e 1 ou entre 0 e 100%. O valor do alfa refere-se à média de todos os coeficientes de correlação entre as medidas, neste caso os itens da escala. O principal benefício desta técnica refere-se à necessidade de única aplicação do instrumento. Para tanto, diz-se que há confiabilidade das medidas quando alcançado coeficientes ($>0,70$) (Gouvea et al., 2009; Martins, 2006).

Para a análise da estrutura interna empregou-se análise fatorial exploratória. De acordo com Hair et al. (2009), a análise fatorial é uma técnica de interdependência que tem por principal objetivo a definição das estruturas inerentes entre as variáveis em análise. As definições destes grupos de variáveis recebem o nome de fatores, que representam padrões de correlações entre as variáveis que possam ser explicados por construtos latentes (Gouvêa et al. 2009). Para tanto, espera-se uma sólida base teórica para compreensão das relações entre estas variáveis. Assim, os fatores adquirem significados diante daquilo que em conjunto as variáveis representam. Vale destacar que a análise fatorial exploratória foi antecedida da análise de estimativas de consistência interna dos itens, correlação item-total, índices *Measure Sampling Adequacy* (MAS), medida de adequação da amostra de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e Teste de Esfericidade de Bartlett.

RESULTADOS

A EDAO-AR-A é um instrumento de autorrelato idealizado para avaliar a eficácia adaptativa de atletas, por meio de estimativa da adequação de dois setores da personalidade: Afetivo Relacional (A-R) e Produtividade (Pr), conforme definidos por Simon, (2005, p. 25):

Afetivo-Relacional (A-R) - compreendendo o conjunto de sentimentos, atitudes e ações do sujeito em relação a si mesmo (intra-pessoal e ao semelhante (iterpessoal)).

Produtividade (PR) - refere-se ao conjunto de sentimentos, atitudes e ações da pessoa em face ao trabalho, estudo, ou qualquer atividade produtiva, seja de natureza artística, filosófica ou religiosa, considerada como atividade principal no período considerado.

Do ponto de vista da modalidade de avaliação, a escala foi inspirada nos estudos de Yoshida (2012), que desenvolveu uma versão de autorrelato da Escala Diagnóstica Adaptativa (EDAO-AR) para a população clínica. Para tanto, procedeu-se à adaptação desta última para a população de atletas. O processo envolveu a adaptação de alguns itens e de suas respectivas alternativas de respostas, levando-se em conta situações usualmente enfrentadas por atletas em relação aos setores A-R e da Pr. Além disso, foram construídos novos itens e alternativas de respostas procurando-se abarcar o maior número de possibilidades de situações vividas por esses indivíduos.

Da mesma forma que o proposto por Yoshida (2012), os itens disponíveis para avaliar cada um dos dois setores da personalidade foram avaliados como instrumentos independentes (Anexos G e H). Assim, o setor A-R ficou composto por 30 itens: 17

oriundos da versão original (itens: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 10, 11, 15, 16, 17, 19, 22, 23, 24, 30), sete adaptados para o estrato da população para qual foi direcionado a pesquisa (itens: 7, 12, 13, 14, 18, 28, 29) e seis desenvolvidos especificamente para esta população (itens: 8, 20, 21, 25, 26, 27). O setor Pr ficou composto por 28 itens: 1 advindo da escala original (item: 45), quatro adaptados para avaliação da nova população (itens: 39, 40, 41 e 57), 23 construídos intencionalmente para a avaliação de atletas (itens: 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57 e 58). Quanto às alternativas de respostas, cada item apresentava um número que variava entre um mínimo de três, e um máximo de sete.

De acordo com os critérios de amplitude e de equilíbrio definidos por Pasquali (2001, 2003), os itens com número mínimo de respostas apresentavam ao menos uma alternativa considerada teoricamente adequada, uma pouco adequada e outra pouquíssimo adequada (Simon, 1989, 1998, 2005). Conforme o exemplo a seguir, no qual a primeira alternativa trata-se de uma resposta adequada diante de uma situação problema, a segunda e terceira pouco-adequada e pouquíssimo-adequada respectivamente:

25. Quando vejo um amigo se destacando em minha equipe eu...

fico feliz e demonstro que estou contente por ele.

falo que fiquei contente, mas no fundo não sinto nada já que suas conquistas não dizem respeito à minha vida.

Não falo nada, mas no fundo eu fico com raiva porque acho que ele não merecia.

Outros itens foram construídos com um número maior de alternativa, nestas situações, tomou-se o cuidado de oferecer ao menos uma resposta adaptativa que representasse cada um dos níveis de adequação. O objetivo foi o de fornecer aos juízes o

maior número possível de respostas adaptativas às situações problemas, e reter, apenas aquelas que obtivessem um acordo mínimo de 75%. Em situações em que mais de uma alternativa com o nível de adequação em comum cumprissem esta primeira etapa de verificação, novas análises serão realizadas em estudos futuros, para a definição de quais alternativas de respostas deverão ser retidas, serão realizadas análises de conglomerado, para verificar se as respostas alinham-se em clusters, de acordo com o nível de adequação definido teoricamente: adequado, pouco-adequado ou pouquíssimo-adequado.

Um exemplo desta situação é apresentado no item 8 no qual, as duas primeira alternativas representam o primeiro nível de adequação, a terceira e quarta o segundo nível, e a quinta e sexta o terceiro nível.

8. No decorrer de minha vida esportiva eu...

tive muitos amigos e alguns se tornaram íntimos.
estabeleci boas amizades com as quais procuro manter contato até hoje.
tive alguns colegas, mas nenhum se tornou amigo íntimo.
estabeleci boas amizades, mas nada que valesse apenas manter contato.
nunca consegui estabelecer amizades para além do ambiente esportivo.
estabeleci muitas amizades porque todos gostam de mim.

O setor A-R ficou inicialmente composto por (110) alternativas de resposta ($M=3,67$, $M_o=3$), distribuídos entre três e seis alternativas por item. Desta forma, 17 itens (56,7%) apresentavam três alternativas; sete itens (23,3%) quatro alternativas; cinco itens (16,7%) cinco alternativas, e apenas um item (3,3%) seis alternativas de respostas.

O setor Pr consistia inicialmente de 131 alternativas de respostas ($M_o=5$, $M=4,68$), distribuídas entre três e sete alternativas por item. Assim, quatro itens (14,3%) apresentavam três alternativas; oito (28,6) apresentam quatro; 10 (35,7%) cinco

alternativas; cinco itens (17,9%) seis alternativas, e por fim, um item (3,6%) apresentava sete alternativas de resposta.

Para a realização da análise de conteúdo apenas os itens adaptados e os novos itens construídos (n: A-R=13; Pr= 27) foram submetidos à análise de juízes independentes (n=4) com os quais foi obtido 100% de acordo quanto à pertinência da designação dos itens para os setores da personalidade ao qual havia sido construído. Quanto à qualidade da adequação das respostas ao item: adequada, pouco adequada e pouquíssimo adequada, para o setor A-R obteve-se 100% de acordo frente a 34 alternativas (69,4%); 75% em relação a 12 alternativas de respostas (24,5%) e 50% de acordo em três alternativa (6,1). Isso significa que os juízes avaliaram 13 itens cujas alternativas de respostas somavam 49.

Para os itens do setor Pr (N=27) obteve-se acordo de 100% para 91 alternativas de respostas(72,2); 75% em relação a 28 alternativas (22,2%) e 50% de acordo diante de sete alternativas (5,6%). Ou seja, foram avaliados 27 itens, que contavam com 126 alternativas. Com base na análise de constructo foram retidas as alternativas com índice de acordo igual ou superior a 75% e verificado se cada item permanecia com ao menos uma resposta referente a cada nível de adequação. Visto que, tais critérios foram atendidos, chegou-se então à primeira versão da Escala Diagnóstica Adaptativa para Atletas (EDAO-AR-A) (Anexo A).

A EDAO-AR-A então ficou constituída de 58 itens divididos entre 30 para avaliação do setor A-R e 28 designados à avaliação do setor Pr. Quanto ao número de alternativas de resposta, estas variaram entre três e sete, organizando-se, resumidamente, da seguinte maneira: setor A-R (Total: 108; M por item= 3,60; Mo = 3) e Pr (Total= 123; M por item = 4,39; Mo= 4). Esta versão da escala foi então submetida às análises empíricas.

Análises das Propriedades Psicométricas

Seguindo a proposta de análise da escala de original (Yoshida, 2012), a estimativa das propriedades psicométricas foi realizada de forma separada para os setores A-R e Pr, considerando cada conjunto de itens como instrumentos independentes. Para cada um destes instrumentos foram avaliadas as fontes de evidências de validade interna da escala (Primi, Muniz & Nunes, 2009) através das estimativas de consistência interna dos itens, correlação item-total, índices (MAS), (KMO), Teste de Esfericidade de Bartlett, e estimativa da estrutura interna da escala, por meio da análise fatorial exploratória.

Escala Afetivo Relacional (A-R)

Consistência Interna

A consistência interna da escala construída para avaliação do setor Afetivo Relacional (A-R), constituída por 30 itens apresentou coeficiente alfa de Cronbach igual (0,671). São apresentadas na Tabela 1 alfa de Cronbach da escala A-R (n=30) e correlações item-total, os mesmos resultados são apresentados excluindo-se os itens cuja correlação item-total foi menor que 0,2 (n=20).

Tabela 1 - Correlação item-total e alfa de Cronbach (α), se o item for excluído da escala A-R (n=30) e correlação item-total alfa de Cronbach (α), excluindo-se os itens cuja correlação item-total foi menor que 0,2 (n=20).

ITEM	Correlação item-total (n=30)	Alfa se o item for excluído (n=30)	Correlação Item-total (n= 20)	Alfa se o item for excluído (n=20)
1	,184	,667
2	,138	,671
3	,307	,653	,275	,658
4	,088	,670
5	,220	,663	,193	,665
6	,270	,660	,211	,664
7	,162	,667
8	,104	,686
9	,288	,656	,284	,658
10	,223	,663	,180	,666
11	,211	,664	,209	,664
12	,300	,659	,340	,654
13	,070	,672
14	,093	,670
15	,292	,665	,316	,664
16	,367	,656	,359	,654
17	,241	,664	,268	,662
18	,404	,649	,429	,642
19	,211	,665	,201	,671
20	,255	,665	,272	,664
21	,223	,664	,223	,670
22	,427	,640	,397	,640
23	,250	,661	,277	,659
24	,191	,669
25	,165	,667
26	,224	,662	,202	,665
27	,222	,663	,238	,662
28	,231	,661	,244	,661
29	,289	,656	,287	,656
30	,123	,669

Observa-se na Tabela 1 que os itens 1, 2, 4, 7, 8, 13, 14, 24, 25 e 30 apresentam correlações item-total inferiores a 0,2 influenciando negativamente o alfa do Cronbach geral da escala. Desta forma, a retirada destes itens deveria apresentar melhora no alfa da escala total. No entanto, o que ocorre com o retirada destes itens em análise subsequente (n=20) é a manutenção do alfa de Cronbach obtido na avaliação da escala completa, igual a ($\alpha= 0,671$), bem como uma considerável penalidade de outros itens: 5 e 10. Isso pode ser atribuído à redução expressiva no número de itens na segunda análise. Desta maneira, foram retidos provisoriamente todos os itens na realização das análises subsequentes.

Índice *Measure Sampling Adequacy* (MSA)

A fim de averiguar o padrão de correlação entre os itens e verificar a possibilidade destas variáveis serem explicadas por um conteúdo latente (Gouveia, Santos & Wellington, 2009; Hair et al. 2009) foi considerado o índice MSA. Este índice encontra-se na diagonal da matriz de correlação anti-imagem e varia entre 0 e 1, alcançando o índice máximo quando uma variável apresenta correlação total com outra variável. Para os itens do setor A-R, os índices MSA indicaram um item com índice >0,80 (item 18), três itens >0,70 (itens: 3, 16 e 22), 18 itens entre 0,60 e 0,70 (itens: 1, 5, 6, 9, 11, 12, 15, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 29 e 30; seis itens entre 0,50 e 0,59, (2, 4, 8, 10, 14, 28) e dois <0,50 (itens: 7, 13).

A partir da análise de consistência interna e verificação dos índices MSA decidiu-se pela exclusão dos itens (2, 4, 7, 8, 10, 13 e 14), uma vez que estes infringiam ambos os critérios de verificação, ou seja, correlações item-total inferiores a (0,2) e índices MSA fracos (<0,60) ou inaceitáveis (<0,50). Em nova análise referente à estimativa da confiabilidade da escala A-R, constituída então por 23 itens obteve-se

ligeira melhora no alfa de Cronbach (0,681), mostrando-se aceitável para uma primeira versão da escala. Desta forma, os itens retidos foram submetidos à análise da estrutura fatorial por meio de análise fatorial exploratória.

Análise Fatorial

Para a realização da análise fatorial utiliza-se como regra geral o mínimo de pelo menos cinco vezes mais observações (tamanho amostral) do que o número de variáveis a serem analisadas (itens). Contudo o tamanho mais aceitável de uma amostra teria uma proporção de dez para um (Hair et al. 2009; Pasquali 2001). Como o tamanho da amostra foi 205 participantes e o instrumento ficou composto por 23 itens, os critérios foram totalmente atendidos. Além disso, foram avaliados outros indicadores de adequação do modelo, a medida de adequação KMO (0,689), e o teste de Esfericidade de Bartlett que apresentou nível de significância ($p < ,001$). Ambos os resultados apoiam a realização da análise fatorial (Gouvêa et al, 2009).

Através do critério de raiz latente (autovalores maiores que 1), método de extração Análise dos Componentes Principais e método rotacional Promax, obteve-se solução inicial com oito fatores para a Escala AR (Tabela 2), com variância explicada para estes fatores de 54,17 %. Contudo, pode-se observar que grande parte dos itens apresentam cargas fatoriais cruzadas, ou seja, itens com cargas elevadas em mais de um fator, impossibilitando a caracterização de fatores bem definidos e passíveis de interpretações teóricas.

Tabela 2 – Cargas fatoriais extraídas pelo critério raiz latente (autovalores >1) e rotacionadas pelo método Promax.

Item	Fatores							
	1	2	3	4	5	6	7	8
1					,754			-,327
3							,500	
5							,712	
6						,639		
9	,531	,393						
11		,736						
12					,688			
15			,845					
16			,518					
17		,490				,350		
18	,573							
19			,557					
20				,667				
21					,353			,551
22	,728							
23		,619				-,392		
24	,304					,655		
25							,657	
26				,738				
27	,483	,315						
28				,358				
29								,642
30								-,686

Além disso, foi avaliada a confiabilidade de cada um destes fatores através coeficiente alfa de Cronbach, os resultados são apresentados na Tabela 3. Onde nota-se índices muito baixos de consistência interna, especialmente o que se refere ao último fator ($\alpha = 0,081$), confirmando a hipótese da inexistência de fatores bem delimitados.

Tabela 3. Alfa de Cronbach (α) da escala A-R (autovalores > 1).

Fator	Alfa	Fator	Alfa
1	,544	6	,236
2	,513	7	,306
3	,307	8	,081
4	,318		
5	,219		

Como solução alternativa optou-se pela definição “a priori” do número de fatores a serem extraídos, levando-se em conta, a porcentagem de variância explicada para os diferentes conjuntos de fatores, onde se verificou o ponto de redução abrupta da expressividade das dimensões (Figueiredo & Silva, 2010), isto é, a partir de qual dimensão ocorreu uma diminuição discrepante da variância explicada, além disso recorreu-se a análise gráfica do *scree plot* para confirmação desta análise. Decidiu-se então, verificar inicialmente um modelo de análise fatorial composto por cinco fatores (Tabela 4), realizado através do método rotacional Promax. A porcentagem de explicação de variância para extração de cinco fatores foi de 39,57%. Embora tenha havido menor número de itens que apresentassem cargas fatoriais cruzadas, quando comparada à extração com nove fatores, observa-se na Tabela 5 que os índices de consistência interna ainda apresentam-se muito baixos.

Tabela 4 – Cargas fatoriais rotacionadas pelo método Promax (cinco fatores) da escala A-R.

Itens	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4	Fator 5
1					,679
3		,438			
5		,448			
6			,439		
9			,574	,324	
11				,695	
12	,311				,453
15	,521				
16	,424				
17			,388	,329	,306
18	,413				
19	,705				
20					
21		,515			
22	,560		,365		
23				,696	
24			,629		
25		,552			
26		,402			,316
27			,626		
28		,538			
29		,531			-,451
30	,389				,414

Tabela 5 - Alfa de Cronbach (α) por fator (rotação de quatro fatores) da escala A-R.

Fator	Alfa
1	,573
2	,485
3	,487
4	,431
5	,312

Quanto à solução com quatro fatores (Tabela 6), observa-se melhor distribuição dos itens: apenas seis itens com cargas cruzadas (itens: 11, 12, 22, 24, 26 e 29). Esta melhor representação ocorre também no sentido teórico, uma vez que os itens se agrupam em fatores condizentes com a teoria da adaptação. No entanto, os itens que copuseram o terceiro fator demonstravam-se ainda indefinidos quanto à compreensão teórica, posto que alguns encontravam-se mais alinhados com a perspectiva teórica do primeiro fator e outros com a do segundo. O mesmo ocorre com os itens representantes do fator quatro. Além disso, observa-se (Tabela 7) que o quarto fator ainda apresenta consistência interna muito abaixo de um índice satisfatório ($\alpha = 0,382$), não parecendo se tratar realmente de uma quarta dimensão do construto teórico. Já a Explicação da variância para a extração com quatro fatores foi de 33,97%.

Tabela 6 - Cargas fatoriais rotacionadas pelo método Promax (quatro fatores) da escala A-R

Itens	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4
1				,578
3			,458	
5			,447	
6				,374
9		,690		
11	,356	,348		
12	,469			,364
15	,641			
16	,470			
17		,439		
18	,346			
19	,577			
20				
21			,505	
22	,347	,338		
23	,560			
24		,475		,411
25			,512	
26			,399	,367
27		,706		
28			,543	
29			,567	-,369
30				,539

Tabela 7 - Alfa de Cronbach (α) por fator (rotação de quatro fatores) da escala A-R.

Fator	Alfa
1	0,591
2	0,519
3	0,485
4	0,382

Por fim, foi realizada a extração com três fatores (Tabela 8), onde se obteve explicação da variância igual a 28,16%. Embora possa ser considerada a explicação mais baixa, o agrupamento dos itens a partir da extração com três fatores mostrou-se em harmonia com a teoria da adaptação determinada a priori, uma vez que as três facetas, latentes, que emergiram dos dados estão envolvidas na questão da adaptação. Tais fatores apresentaram níveis melhores de consistência interna, variando entre $\alpha = 0,601$ para o fator 1; $\alpha = 0,510$ para o fator 2 e $\alpha = 0,542$ no fator 3.

Foram obtidos também três itens com altas cargas fatoriais em mais de um fator (Itens: 6, 11, 22). Optou-se então pela exclusão dos três itens, visto que apresentavam cargas fatoriais semelhantes em ambos os fatores aos quais faziam parte. Já o item 1 foi excluído da versão final da escala por não apresentar carga em nenhum dos fatores. Desta maneira, a escala ficou constituída provisoriamente por 19 itens.

Tabela 8 Cargas fatoriais rotacionadas pelo método Promax (três fatores) da escala A-R

Itens	Fator 1	Fator 2	Fator 3
1			
3		,420	
5		,391	
6		,347	,325
9			,697
11	,308		,331
12	,547		
15	,649		
16	,496		
17			,456
18	,337		
19	,605		
20		,332	
21		,464	
22	,358		,338
23	,520		
24			,487
25		,523	
26		,542	
27			,694
28		,494	
29		,364	
30	,380		

Quanto à análise qualitativa dos itens agrupados em cada fator, pode-se perceber grande semelhança entre os fatores levantados neste estudo com os obtidos na escala original (Yoshida, 2012), pois os fatores apresentavam o mesmo sentido teórico. Assim primeiro fator composto pelos itens: 12, 15, 16, 18, 19, 23, 30 tem como foco as relações interpessoais e o outro. O segundo fator, representado pelos itens: 3, 5, 20, 21, 25, 26, 28 e 29 versa teoricamente sobre o controle dos impulsos em situações sociais ou no contato com o outro. Por fim, o terceiro fator composto pelos itens 9, 17, 24, 27, aborda a capacidade de reconhecimento dos próprios limites diante de situações problemas a serem enfrentadas.

Quanto à confiabilidade da escala, apresentou índice de consistência interna aceitável para uma primeira versão ($\alpha = 0,621$). Já para os fatores que a compõem os coeficientes são considerados insatisfatórios: Fator 1 ($\alpha = 0,523$) Fator 2 ($\alpha = 0,501$) e Fator 3 ($\alpha = 0,404$). Nota-se que a redução dos índices de consistência interna dos fatores, bem como da escala total pode estar ligada à exclusão dos itens com cargas cruzadas.

Escala Produtividade (Pr)

A consistência interna do escala construída para avaliação do setor Produtividade, composta por 28 itens, apresentou coeficiente alfa de Cronbach considerado muito bom (0,810). Quanto a esta escala também foram avaliados correlação item-total e alfa de Cronbach se o item fosse excluído da escala Pr (n=28), e correlação item-total alfa de Cronbach, excluindo-se o item cuja correlação item-total foi menor que 0,2 (n=27), os resultados são apresentados na Tabela 9.

Tabela 9 - Correlação item-total e alfa de Cronbach, se o item for excluído da escala Pr (n= 28) e correlação item-total alfa de Cronbach, excluindo-se o itens cuja a correlação item-total foi menor que 0,2 (n=27)

ITENS	Correlação item-total (n= 28)	Alfa de Cronbach se o item for excluído (n= 28)	Correlação item-total (n= 27)	Alfa de Cronbach se o item for excluído (n= 27)
31	,277	,806	,288	,809
32	,278	,807	,294	,809
33	,346	,805	,331	,808
34	,454	,798	,462	,801
35	,331	,805	,339	,808
36	,350	,803	,344	,807
37	,293	,806	,303	,808
38	,448	,799	,459	,802
39	,489	,799	,494	,801
40	,354	,806	,366	,809
41	,298	,813	,303	,816
42	,297	,806	,286	,809
43	,308	,805	,312	,808
44	,313	,805	,310	,808
45	,156	,813
46	,253	,807	,273	,810
47	,357	,804	,356	,807
48	,370	,802	,355	,806
49	,380	,803	,365	,806
50	,443	,798	,436	,802
51	,262	,807	,269	,809
52	,468	,798	,458	,801
53	,300	,805	,312	,808
54	,544	,793	,537	,797
55	,369	,803	,381	,805
56	,327	,805	,320	,808
57	,219	,808	,222	,811
58	,333	,806	,326	,810

Ao analisar a Tabela 9, observa-se que apenas o item 45 apresenta correlação item-total inferior a 0,2. Nota-se que com sua exclusão ocorre pequena melhora no alfa de Cronbach da escala total ($\alpha = 0,813$), bem como nos coeficientes referentes a cada item, o que não justifica a exclusão do item. Assim, todos os itens foram provisoriamente retidos e submetidos à análise posterior: verificação do índice MSA.

Índice *Measure Sampling Adequacy* (MSA)

Para os itens do setor Pr os índices de MSA indicaram 10 itens $>0,80$ (itens: 34, 37, 38, 39, 43, 47, 48, 50, 52, 54), 11 com índices $>0,70$ (Itens: 31, 33, 35, 36, 40, 44, 49, 53, 55, 56, 58) e sete itens com índices $>0,60$ (32, 41, 42, 45, 46, 51, 57). A medida de adequação KMO (0,765), e teste de Esfericidade de Bartlett ($p < 0,001$), mostraram-se positivas à adequação do modelo. Desta maneira, foram mantidos todos os itens ($n=28$) para a análise das estruturas latentes.

Análise Fatorial

Pelo meio do critério de raiz latente (autovalores >1), método de extração: Análise de Componentes Principais e emprego de rotação Promax, foram obtidos nove fatores para a escala Pr (Tabela 10), com índice de variância explicada igual 57,15%. Quanto à consistência interna dos fatores, observa-se na Tabela 11 que os fatores oito e nove apresentam consistência interna muito baixa ($\alpha = 0,182$) e ($\alpha = 0,023$) respectivamente. Também se notam muitos itens com cargas cruzadas (Itens: 33, 35, 36, 38, 39, 42, 43, 47, 48, 49, 52, 53, 54, 55, 56, 57). Novamente, com base na porcentagem de variância explicada, e diminuição da expressividade das dimensões foi utilizada a opção de definição “a priori” do número de fatores extraídos. Para tanto, uma solução com cinco fatores foi avaliada.

Tabela 10- Cargas fatoriais extraídas pelo critério raiz latente (autovalores >1) rotacionadas pelo método PROMAX (Pr).

Itens	Fatores								
	1	2	3	4	5	6	7	8	9
31	,656								
32							,737		
33	,650		-,373						
34									
35				,449	,611	-,318			
36		,375		,360				-,521	
37					,520				
38	,406		,304						
39	,385			,332		-,303			
40	,738								
41									,837
42						,365		,774	
43							,390	,471	
44							,592		
45						,825			
46			,722						
47		,511		-,369					
48		,519				,324			
49			,461			,318			
50					,440				
51					,861				
52	,313					,301			
53	,829	-,422							
54	,305			,332					
55		,376							-,403
56			,660			,301			
57	-,303	,915							
58				,812					

Tabela 11- Alfa de Cronbach (α) da escala Pr (autovalores > 1).

Fator	Alfa	Fator	Alfa
1	0,700	6	0,533
2	0,478	7	0,465
3	0,516	8	0,182
4	0,574	9	0,023
5	0,516		

Para uma solução com cinco fatores obteve-se porcentagem de variância explicada igual a 40, 61%. Quanto à consistência interna dos fatores (Tabela 12) os resultados novamente foram insatisfatórios, uma vez que o quinto fator apresenta índice muito baixo ($\alpha = 0,052$). Esta inconsistência dos resultados também é observada na rotação fatorial (Tabela 13), visto que a solução com cinco fatores também apresenta um grande número de itens com cargas cruzadas (Itens: 33, 37, 38, 44, 48, 50), o que ainda não possibilita interpretações teóricas.

Tabela 12 - Alfa de Cronbach (α) por fator (rotação de cinco fatores) da escala A-R.

Fator	Alfa
1	,595
2	,513
3	,485
4	,302
5	,052

Tabela 13 – Cargas fatoriais rotacionadas pelo método Promax (cinco fatores) da escala Pr.

Itens	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4	Fator 5
31	,654				
32		,416			
33	,459		-,335	,546	
34			,397		
35					,494
36				,432	
37	,447			-,333	,302
38	,341		,329		
39	,406				
40	,741				
41		,368			
42		,606			
43		,371			
44		,417			,451
45				,551	
46			,627		
47		,404			
48		,498		,358	
49			,579		
50			,515		,311
51					,666
52				,535	
53	,685				
54				,551	
55		,327			
56			,665		
57		,613			
58			,491		

A solução obtida através da extração de quatro fatores apresentou porcentagens de variância explicada igual a 35,96%, e índices de consistência interna apenas aceitáveis (ver Tabela 14), variando entre ($\alpha = ,0508$ e $0,645$). Contudo, nota-se ainda (Tabela 15) um número considerável de itens com carga cruzadas (Itens: 33, 45, 46, 48, 50 e 53). Quanto à avaliação qualitativa dos fatores, pode-se perceber que os item que se agrupavam no fator 3 estavam teoricamente relacionados aos itens do fator 2, bem

como o quarto fator que parecia agrupar itens condizentes com perspectiva teórica do fator 1. Não parecendo se tratar realmente de uma quarta dimensão do construto. Desta forma optou-se por uma fatoraçoão com apenas três fatores.

Tabela 14 - Alfa de Cronbach (α) por fator (rotaçoão de quatro fatores) da escala Pr.

Fator	Alfa
1	,645
2	,596
3	,508
4	,613

Tabela 15 – Cargas fatoriais rotacionadas pelo método promax (quatro fatores) da escala Pr.

Itens	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4
31			,657	
32		,477		
33			,357	,624
34	,481			
35				
36				,457
37			,523	
38	,373			
39			,413	
40			,709	
41		,427		
42		,500		
43		,377		
44		,601		
45			-,334	,538
46	,673			-,355
47		,342		
48		,494		,384
49	,566			
50	,483	,334		
51				,302
52				,555
53		-,304	,611	
54				,562
55				
56	,641			
57		,490		
58	,510			

Para a solução final de três fatores obteve-se os seguintes índices de consistência interna por fator: $\alpha = 0,713$ para fator 1, $\alpha = 0,663$ para o fator 2, e $\alpha = 0,596$ para o fator o fator 3. Já a explicação da variância para extração de três fatores foi igual a (30,41%). Contudo, nota-se a existência de itens que ainda apresentam cargas fatoriais em mais de um fator (Item: 38 e 50 e 53). Decidiu-se então, por excluir os itens 38 e 50, e por reter o item 53, uma vez que apresenta alta carga fatorial positiva (0,657) no fator

2, e carga fatorial negativa marginal no fator 3 (- 0,312), e estar totalmente alinhado teoricamente com o fator 2. Além disso, excluíram-se os (Itens: 35, 46, 51, 55) por não apresentarem cargas nestes fatores descritos. A Tabela 16 apresenta a carga fatorial com a solução final de três fatores. Vale resaltar que a escala Produtividade final ficou composta de 22 itens, com índice de consistência interna igual ($\alpha = 0,784$), já em relação aos fatores obteve-se seguinte configuração: $\alpha = 0,662$ para fator 1, $\alpha = 0,628$ para o fator 2, e $\alpha = 0,567$ para o fator 1.

Tabela 16 – Cargas fatoriais rotacionadas pelo método promax (três fatores) da escala Pr.

Itens	Fator 1	Fator 2	Fator 3
31		,674	
32			,488
33		,411	
34	,462		
35			
36	,427		
37		,520	
38	,484	,328	
39		,434	
40		,723	
41			,439
42			,521
43			,386
44			,613
45	,451		
46			
47			,358
48			,514
49	,484		
50	,345		,363
51			
52	,543		
53		,657	-,312
54	,611		
55			
56	,677		
57			,512
58	,590		

Na avaliação qualitativa dos fatores obtidos, os itens agrupados no fator 1 (itens: 34, 36, 45, 49, 52, 54, 56 e 58) – tinham com foco as situações problemas a serem enfrentadas e percepção das limitações diante destas situações. O fator 2 (itens: 31, 33, 37, 39, 40 e 53) centrava-se em como o indivíduo se posiciona diante das situações problemas, foco no eu e na capacidade de auto controle. Por fim, o terceiro fator

representado pelos itens: 32, 41, 42, 43, 44, 47, 48 e 57 retrata a relação interpessoal e ajuda do outro na resolução de uma situação problema.

Uma vez decidido os itens que comporiam a versão final da EDAO-AR-A decidiu-se verificar como estes se comportariam frente às diferentes características da amostra. Considerando que avaliação final da adaptação se dá pela somatória dos escores obtidos da avaliação da adequação dos setores AR e Pr (Simon, 1989). Foram avaliados então os índices de confiabilidade da escala através do alfa e Cronbach para os respectivos setores da personalidade e para a escala total. Além disso, avaliou-se o índice de consistência interna considerando-se as diferentes características da amostra, ou seja, sexo e modalidade esportiva. Os resultados são apresentados na Tabela 17.

Tabela 17 – Coeficientes alfa de Cronbach na subescala afetivo-relacional/A-R, produtividade/Pr e Escala Total/Total, de acordo com o sexo e a modalidade esportiva.

Sexo	N	A-R	Pr	Total
F	101	0,565	0,756	0,787
M	104	0,714	0,764	0,842
Modalidade esportiva	N	A-R	Pr	Total
Atletismo	14	0,725	0,705	0,842
Basquete	52	0,572	0,707	0,793
Futsal	54	0,555	0,662	0,757
Natação	19	0,566	0,812	0,835
Rugby	22	0,521	0,805	0,838
Vôlei	44	0,714	0,828	0,866

Quanto aos escores obtidos frente à população estudada nota-se que de acordo com EDAO-AR-A (versão final) a amostra teria sido constituída de (n= 100; 48,79%) pessoas com configuração adaptativa Adequada, seguida (97; 47,80) com configuração Adaptativa Ineficaz leve e apenas (7; 3,41%) de pessoas com configuração adaptativa Ineficaz Moderada.

Para a adequação da adaptação por setor, à análise de medidas de tendência central (M= 2,67; Med. 2,68; Mod. 2,7 e DP= 0,19) sugere que de acordo com a escala A-R a ocorrência de maior concentração de participantes com nível adequado de resposta frente este setor. Também foi verificado através do Teste t de Student se havia diferença significativa entre as médias dos escores obtidas na escala A-R para os participantes do sexo masculino e feminino. As médias dos valores que se referiam ao nível de adequação dos grupos avaliados mostraram-se equivalentes, ou seja, não houve diferenças significantes entre os escores obtidos frente aos dois grupos. Os resultados são apresentados na Tabela 18.

Tabela 18. Diferença dos escores do setor Afetivo relacional entre homens e mulheres

Homens (n= 104)		Mulheres (n= 101)	
\bar{X}	DP	\bar{X}	DP
2,69	0,21	2,66	0,16

(p= 0, 332); \bar{x} =média; DP= desvio padrão.

Na avaliação da escala Pr as mesmas medidas de tendência central (M= 1,57 ; Med. 1,59; DP= 0,20) apontam para um nível pouco adequado de adaptação, denunciando uma parcela comprometida da população avaliada. Já a Moda = 1,66, demonstra a prevalência do nível adequado. Quanto à avaliação das médias obtidas no setor Pr, considerando as diferenças sexuais, observou-se que homens apresentam médias significativamente maiores quando comparados ao grupo composto por mulheres (ver Tabela 19). Por fim, pode-se notar variações dos escores obtidos frente ambas as escalas A-R e Pr: o valor mínimo referente ao nível pouquíssimo adequado (1,80 – 1,1), e valor máximo adequado (3,00 – 2,90) respectivamente.

Tabela 19. Diferença dos escores do setor produtividade entre homens e mulheres

Homens (n= 104)		Mulheres (n= 101)	
\bar{X}	DP	\bar{X}	DP
1,61	0,18	1,53	0,19

($p < 0,01$); \bar{x} = média; DP= desvio padrão.

DISCUSSÃO

Esta pesquisa teve como principal objetivo o desenvolvimento de uma versão da Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada de Autorrelato (EDAO-AR) para a avaliação da eficácia adaptativa de atletas. Também se buscou obter algumas evidências de validade e de precisão. A construção da Escala Diagnóstica Adaptativa para Atletas (EDAO-AR-A), esteve pautada no objetivo de ampliação do espectro de instrumentos disponíveis aos psicólogos que atuam junto a atletas na tarefa de avaliar e fornecer o melhor atendimento a estes indivíduos. Tomou-se como referência e a EDAO-AR (Yoshida, 2012), que visa à avaliação da eficácia adaptativa de pacientes atendidos em clínicas comunitárias, e a teoria da adaptação proposta por Simon (1989, 2005).

A proposta deste estudo vai em direção às preocupações atuais da psicologia do esporte, uma vez que esta área por muito tempo contou com instrumentos de avaliação psicológica advindos de outras áreas da psicologia, os quais se querem faziam correspondência às demandas sofridas por atletas e ao contexto esportivo. Outra questão importante está relacionada à falta de pesquisa quanto às propriedades psicométricas de tais instrumentos correspondentes a esta população. Observa-se também que os instrumentos utilizados para avaliação de atletas voltam-se exclusivamente para verificação de aspectos psicológicos que podem explicar o rendimento dos atletas e das

equipes, particularmente em momentos decisivos ou em situações de maior visibilidade social (Gomes, 2011), sem refletir aspectos do atleta para além de suas atividades profissionais. De acordo com Gomes (2011, p.13), “uma das razões que podem justificar esta tendência, prende-se às dificuldades em encontrar modelos teóricos suficientemente abrangentes que possam ser aplicados aos contextos desportivos”. A iniciativa de desenvolvimento de um instrumento com diferente subescalas, que possibilitam a avaliação de diferentes esferas da vida de um atleta, mostra-se uma alternativa interessante e inovadora, uma vez que pode permitir uma avaliação holística do sujeito quanto à sua capacidade adaptativa, e ao mesmo tempo fornecer informações mais pontuais quanto ao nível de ajustamento frente aos setores Afetivo-relacional (AR) e Produtividade (Pr).

Para o desenvolvimento da (EDAO-AR-A) foram primeiramente analisados os itens da escala original (Yoshida, 2012) a fim de verificar sua adequação para a avaliação de atletas diante as situações-problemas enfrentadas referentes aos dois setores da personalidade, destes foram aproveitados 18 na escala proposta. Posteriormente foram adaptados 11 itens, e 32 novos foram construídos. Num primeiro momento a escala ficou constituída por 58 itens, 30 designados para a análise do setor Afetivo-Relacional (A-R) e 28 para a avaliação do setor produtividade (Pr), além disso o instrumento contava com 241 alternativas. Quanto às alternativas de respostas, os itens variavam entre três e sete possibilidades. Todas condizentes com algum nível de adequação, conforme descrito por Simon (1989, 2005): adequado, pouco-adequado ou pouquíssimo-adequado.

Os índices de concordância entre os juízes independentes possibilitou a retenção de todos os itens para as próximas etapas de verificação, entretanto 10 alternativas de repostas foram excluídas devido acordo menor que 75%. Considerou-se então que os

itens e as alternativas mantidas eram bons representantes dos significados teóricos do construto que inspiraram a criação do instrumento (Martin, 2006; Pasquali, 2010). Já através da análise semântica garantiu-se que os itens fossem compreensíveis a atletas de diferentes modalidades e com diferentes níveis de instrução. De maneira geral houve concordância entre os participantes quanto aos sentidos atribuídos aos itens, bem como as sugestões prestadas ao pesquisador não exigiram ajustes significativos na redação definitiva dos mesmos.

Dando continuidade aos objetivos da pesquisa, o instrumento foi aplicado à amostra por conveniência constituída por 205 participantes, atletas, representantes de diversas modalidades esportivas. Observa-se a prevalência de atletas jovens, média de idade de 22 anos e seis meses (Mod= 20). Isto ocorre não apenas pela participação de atletas da categoria juvenil, onde a variação de idade é menor, normalmente, entre 18 e 20 anos, por restrição da própria categoria, mas também por um movimento atual das equipes esportivas, especialmente nas modalidades ainda consideradas amadoras, em contratarem jovens talentos no intuito de baratear os custos salariais. Entretanto, observa-se participação de atletas com idade acima 38 anos de idade (n= 8), devido, provavelmente, ao grande desenvolvimento tecnológico e científico que contribuem para a manutenção destas pessoas, mesmo com idades avançadas, na prática de atividade esportiva de alto rendimento. Tais ocorrências representam algumas das importantes contradições oriundas do ambiente esportivo, ainda pouco discutidas no cenário brasileiro.

Vale ressaltar que para as avaliações das propriedades psicométricas da escala, os conjuntos de itens construídos para avaliação de cada um dos setores adaptativos foram considerados como instrumentos independentes. Segundo Yoshida, (2012) a divisão destes itens em instrumentos para avaliar os setores A-R e Pr, pauta-se não

apenas em critérios teóricos, mas também em aspectos práticos. De acordo com a autora, existe uma hierarquia conceitual entre os setores adaptativos, no qual o setor A-R adquire uma papel central, recebendo inclusive ponderações mais altas do que o setor Pr. Além disso, há uma diferença semântica clara entre os itens que compõem cada um dos setores, uma vez que cada um deles faz menção a um dos diferentes aspectos da personalidade. Desta forma, foram estimados os índices de consistência interna, correlação item total de cada uma das escalas, avaliados os índices de MSA e KMO, e por fim, verificadas as dimensionalidades das escalas por meio de análise fatorial exploratória.

Para a escala A-R, obteve-se inicialmente índice de confiabilidade considerado satisfatório ($\alpha = 0,671$). Com base na verificação dos coeficientes de correlação item-escala total e no índice MAS foram excluídos os itens 2, 4, 7, 8, 10, 13 e 14, devido ao fato de violarem ambos os critérios de apoio ao modelo. Quanto aos demais itens ($n = 23$), foram submetidos à análise fatorial exploratória através do método de análise do componente principal e posteriormente pelo emprego de rotação Promax. Segundo Artes (1998), a vantagem do método do componente principal é que ele não pressupõe a distribuição normal das variáveis em análises, o que normamente não ocorre nas escalas de avaliação psicológica, visto que estas são compostas de respostas que não podem ser modeladas para este fim. Já em relação ao tipo de rotação, argumenta-se a inexistência de construto psicológico com diferentes dimensões que não estejam minimamente relacionadas entre si. Neste sentido as rotações oblíquas como o método Promax devem sempre ser consideradas por tratar os dados de maneira mais condizente com a realidade, e por ser coerente com o modelo teórico no qual o instrumento se fundamenta (Gouveia et al.1999).

Para a realização da primeira análise, utilizou-se critério de raiz latente, onde foram selecionados fatores com autovalores superiores a 1, a qual resultou em uma solução com oito fatores com porcentagem de variância explicada de 54,17%. Entretanto os resultados apresentavam-se inadequados, devido ao grande número de itens com cargas fatoriais cruzadas, além de se observar que o oitavo fator apresentou consistência interna aquém de um índice satisfatório. Baseando-se na perspectiva teórica, definida a priori (Gouveia et al. 1999), decidiu-se por limitar o número de fatores, levando-se também em consideração a porcentagem de variância explicada. Desta forma, foram testadas as soluções com cinco, quatro e três fatores, sendo que apenas a última mostrou-se adequada aos critérios de simplicidade e interpretabilidade dos fatores (Artes, 1998; Figueiredo & Silva, 2010; Hair et al. 2009). Entretanto, obteve-se porcentagem de variância explicada considerada baixa, igual a 28,16%, além de três itens com altas cargas fatoriais em mais de um fator são estes: itens 6, 11 e 22.

Quanto às dimensões obtidas para a escala A-R, inicialmente o primeiro fator ficou composto por 9 itens (11, 12, 15, 16, 18, 19, 22, 23, 30), com cargas fatoriais que variavam entre 0,308 e 0,649. Destes apenas o item 11, 22 apresentava alta carga fatorial também no fator 3.

11. Quando estou com pessoas de minha família eu...

me sinto à vontade para falar o que penso.
só falo sobre coisas que eu sei que não vão causar problemas.
me fecho e não falo nada porque sempre acaba em briga.

22. Quando eu fico nervoso eu...

procuro entender o que me deixou nervoso para resolver o problema.
tenho medo de perder o controle, mas isso nunca aconteceu.
não consigo me controlar e acabo brigando com quem aparece na minha frente.

Desta forma, optou-se pela exclusão dos itens 11 e 22, pois embora apresentasse ajustamento teórico aos fatores que também apresentavam maiores cargas nos fatoriais, estas se mostravam muito semelhantes nos dois fatores (ver Tabela 8). Em relação à consistência interna do fator após a exclusão dos itens obteve-se índice considerado aceitável ($\alpha = 0,523$). A interpretação teórica dos itens indica que estes compartilham uma característica principal: a avaliação de respostas adaptativas do indivíduo em situações que exigem controle de seus impulsos em situações sociais ou no contato com o outro. Nestas situações o foco está na capacidade de autocontrole dos indivíduos.

O segundo fator ficou constituído por nove itens, sendo estes 3, 5, 6, 20, 21, 25, 26, 28 e 29. Todos com cargas fatoriais que lhes conferem boa representatividade do construto, os quais variavam entre 0,347 e 0,542. Contudo, pode-se notar que o item 6 apresentava alta carga fatorial também no fator 3.

6. Quando alguém me pede dinheiro eu...

empresto se eu tenho certeza de que não vai me fazer falta.
empresto, mas fico com medo de me fazer falta.
não empresto mesmo sabendo que não vai me fazer falta.

Entretanto, o item 3 apresentava cargas fatoriais semelhantes tanto no segundo fator (0,347), quanto no terceiro (,325). Diante disso, decidiu-se pela exclusão do item.

Quanto à interpretação teórica, o segundo fator sugere que os itens apresentam como foco principal respostas adaptativas às situações problemas que emergem da convivência e da relação com o outro, ou seja, o sentido estrito deste fator está calcado nas relações interpessoais. Já em relação à consistência interna do fator obteve-se índice muito baixo ($\alpha = 0,494$), uma vez nestas situações espera-se por coeficientes alfa $> 0,60$ (Pasquali, 1999).

Por fim, o terceiro fator ficou representado por apenas quatro itens (9, 17, 24, 27). Todos com cargas fatoriais que variavam entre 0,456 e 0,697 garantindo-lhes boa representatividade do construto. No entanto, observa-se que este é o fator com menor número de itens. O que deverá ser levado em consideração na construção da próxima versão da escala. Outro fato a ser considerado em futuras versões trata do baixo índice de confiabilidade obtido também para esta dimensão ($\alpha = 0,404$). Já em relação à interpretação teórica dos itens, estes se referiam às respostas adaptativas a situações problemas que exigem do indivíduo capacidade de tolerar frustrações e reconhecer as próprias limitações. Segundo Yoshida (2012), tais resultados podem ser considerados aceitáveis para uma escala, ainda em fase de desenvolvimento. Entretanto, futuras versões devem ser construídas com objetivo de aprimorar tais aspectos. Neste sentido, Pasquali (1999) afirma que o processo de construção de instrumentos de avaliação psicológica demanda várias etapas de desenvolvimento, até que atinja bom índices de validade e de precisão.

Nota-se que as interpretações teóricas das dimensões obtidas nesta pesquisa para a escala A-R são muito semelhantes às interpretações indicadas por Yoshida (2012) ao desenvolver um instrumento de autorrelato para avaliação da eficácia adaptativa de pacientes de clínicas comunitárias. Tais achados sugerem que de maneira geral as questões afetivas e relacionais são comuns a todas as pessoas, independentemente de

suas posições sociais ou atividades profissionais. O que não ocorre no setor Pr, uma vez que são muito diferentes, por exemplo, as exigências profissionais sofridas por um paciente de clínica escola quanto comparadas às de um universitário (Cia & Yoshida, 2011; Freitas & Yoshida, 2011; Sigrist & Yoshida, 2011), bem como as de um atleta.

Para a escala Pr o índice de consistência interna foi considerado muito bom ($\alpha=0,810$), devido aos bons resultados obtidos nas análises de correlação item-total e índice MSA, todos os 28 itens que compunham a escala inicialmente foram submetidos a análise fatorial exploratória. Inicialmente foi utilizado critério raiz latente no qual apenas os fatores com autovalores superiores a 1 foram selecionados. Os resultados apontaram uma solução com nove fatores, com porcentagem de variância explicada igual a 57,15%. Tais resultados mostraram-se inadequados devido ao grande número de itens com cargas cruzadas, além da consistência interna insatisfatória para o oitavo e nono fatores (0,182 e ,023), respectivamente. Após a rotação Promax, foram avaliadas então novas soluções com cinco, quatro e três fatores, sendo também, a última mais adequada para interpretação do modelo teórico proposto a priori. Com porcentagem de variância explicada igual 30,41%.

O primeiro fator foi representado por oito itens, sendo estes: 34, 36, 45, 49, 52, 54, 56 e 58. Nota-se que os itens apresentaram bons níveis de cargas fatoriais (entre 0,345 e 0,677). Também foram obtidos bons resultados quanto à consistência interna dos itens que compuseram o fator (0,713). A interpretação teórica deste fator sugere que esteja direcionado para o posicionamento do indivíduo diante das exigências a serem enfrentadas no cotidiano esportivo. Nesta perspectiva, o foco está nas tarefas a serem enfrentadas.

O segundo fator foi formado por seis itens (31, 33, 37, 39, 40 e 53), todos muito bons representantes do construto, com cargas fatoriais entre 0,411 e 0,657. Contudo,

pode-se observar que o item com melhor carga fatorial, o 53, é um item complexo, posto que apresenta carga fatorial negativa no terceiro fator.

53. Diante da pressão da torcida adversária eu fico...

calmo e por isso tenho facilidade em desenvolver o que foi treinado anteriormente.
nervoso, mas consigo me controlar e desenvolver bem o meu papel.
nervoso e por isso tenho que me esforçar mais para alcançar o rendimento esperado.
travado e sem o controle da situação

Contudo, optou-se pela manutenção do item, uma vez que se encontra teoricamente afinado aos itens do segundo fator. Pois estes versavam sobre capacidade de controle interno do indivíduo diante as situações problemas oriundas da prática esportiva de alto rendimento, tendo como foco o próprio indivíduo. Quanto à confiabilidade do fator os resultados demonstram-se satisfatórios ($\alpha = 0,663$).

Por fim, o ultimo fator da escala Pr foi constituído por oito itens, (32, 41, 42, 43, 44, 47, 48 e 57) todos mostravam-se bons representantes do construto, com cargas fatoriais que variavam entre 0,358 e ,0613. E consistência interna apenas satisfatória para uma primeira versão da escala ($\alpha = 0,596$). Quanto à interpretação teórica, estes tinham como principal objetivo a avaliação das respostas adaptativas frente às relações interpessoais no âmbito do trabalho, o que concerne à representação do outro no enfrentamento das situações problemas. No sentido estrito o foco está no outro.

Vale resaltar também que alguns itens foram excluídos de suas respectivas escalas por não apresentarem cargas fatoriais em nenhum dos fatores apresentados, são eles: 1, 35, 51 e 55. Desta maneira, a escala total ficou provisoriamente composta por 41 itens, divididos entre 19 para avaliação da eficácia adaptativa do setor A-R, e 22 para avaliação do setor Pr.

Durante a aplicação do instrumento muitos participantes consideraram a escala muito extensa, e por isso sugeriram uma redução no número de itens para que ela se tornasse menos cansativa para responder. O que foi apontado pelos participantes como uma dificuldade, pôde ser vivenciado pelo pesquisador nos momentos que foi necessário ler a escala aos atletas com baixo nível de escolaridade. Estas observações são relevantes quando se considera que um instrumento de avaliação psicológica, que além de apresentar bons índices de validade e precisão, deve facilitar o trabalho de profissionais e pesquisadores às voltas com o processo de psicodiagnóstico. Ademais, um instrumento muito longo pode não ser respondido totalmente pelos indivíduos, ou mesmo ter os itens respondidos ao acaso, sem refletir nenhum atributo psicológico (Gouveia et al. 1999).

Segundo Marsch, Hau, Balia e Grayson (1998) o número mínimo de itens para representar um fator varia entre três e cinco, dependendo do construto a ser avaliado. Para Pasquali (1999), seis itens podem ser considerados adequados para alcançar tais objetivos. Entretanto “mais do que dez itens por fator não parece algo razoável, sobretudo se o instrumento é composto por muitos fatores; isso apenas tornaria enfadonha (cansativa) a tarefa de respondê-lo” (Gouveia et al. 1999, p 144). O que deverá ser levado em consideração para a construção de futuras versões do instrumento.

Desta maneira, a escala final (Anexo H) ficou constituída por 41 itens, divididos entre 19 referentes ao setor A-R, e 22 representantes do setor Pr. Quanto aos fatores obtidos em cada um dos setores resumidamente são:

Afetivo Relacional A-R

Fator 1 - **Autocontrole** (Itens: 12, 15, 16, 18, 19, 20, 30)

Fator 2- **Relações Interpessoais** (itens: 3, 5, 6, 7, 21, 25, 26, 29)

Fator 3- **Enfrentamento** (itens: 9, 17, 24, 27)

Produtividade Pr

Fator 1- **Enfrentamento** (itens: 34, 36, 45, 49, 52, 54, 56, 58)

Fator 2 - **Autocontrole** (Itens: 31, 33, 37, 39, 40, 53)

Fator 3- **Relações interpessoais** (itens: 32, 41, 42, 43, 44, 47, 48 e 57)

Considerando as diferentes características da mostra avaliada os resultados apontam para adequação dos tratamentos realizados nesta pesquisa, tendo como base os altos níveis de consistências internas obtidas frente cada uma das variáveis analisadas: sexo e modalidade esportiva, demonstrando a precisão do instrumento diante cada um das subamostras. Entretanto, denuncia também a necessidade de aprimoramento da escala referente ao setor afetivo relacional, corroborando as análises anteriores, pois embora se tenha alcançado índice satisfatório para uma primeira versão da escala ($\alpha = 0,621$), buscar-se-á o ajustamento deste índice em futuras versões, tendo como ideal $\alpha > 0,70$ (Hair et al. 2009; Pasquali 1999). Além disso, deverão ser alcançados melhores índices confiabilidade desta escala frente às participantes do sexo feminino, bem como aos atletas das seguintes modalidades: Basquete, Futsal, Natação e Rugby, visto que estes se apresentam apenas como aceitáveis, α entre 0,521 e 0,572 (ver Tabelas 17 e 18).

Outro importante aspecto a ser enfatizado em futuras versões trata-se da porcentagem da variância explicada, visto que para ambas as escalas avaliadas A-R e Pr obteve-se resultados considerados baixos 28,16% e 30,41% respectivamente, ainda que próximos dos resultados obtidos na primeira versão da EDAO-AR, 32,5% e 36,6% (Yoshida, 2012). Quanto a tais aspectos, autores sugerem que a extração fatorial seja capaz de captar entre 50 e 60% da porcentagem de variância explicada (Hair et al.

2009). No entanto, tais critérios não devem ser utilizados de forma rígida, como um impeditivo para a construção do modelo, uma vez que sempre deverá prevalecer a definição teórica do construto.

Quanto às classificações diagnósticas obtidas para a população estudada nota-se, que estas são condizentes com o fato da amostra ser composta de atletas de alto rendimento das categorias juvenil e adulta, uma vez que estes são submetidos ao longo da carreira a acirrados processos de seleção, diminuindo a chance de manutenção de um indivíduo neste ambiente competitivo com grandes comprometimentos psicológicos. Especialmente porque dentre as competências exigidas para a prática esportiva de alto nível as habilidades emocionais apresentam-se como um diferencial na preparação de um atleta, uma vez que as equipes encontram-se cada vez mais equiparadas no que se referem às habilidades Físicas, Técnicas e Táticas (Capece, 2008; Pires, Brandão & Machado, 2005). Contudo, sugere-se que embora exista uma “seleção natural” no decorrer da carreira esportiva, mais da metade da população avaliada (51,21%) apresenta problemas de adaptação e que provavelmente poderão se beneficiar de intervenções psicológicas, evidenciando assim, o potencial de utilidade do instrumento na composição de um diagnóstico esportivo, bem como, na escolha da intervenção mais adequada diante as diferentes demandas apresentadas por cada um dos atletas.

Para os resultados obtidos na escala A-R as medidas de tendência central sugerem os indivíduos apresentam nível de adaptação adequado. Já o fato dos resultados dos escores obtidos entre homem e mulheres não serem diferentes para a escala A-R corroboram com a hipótese levantada na interpretação dos fatores, realizada anteriormente, quanto à universalidade das questões relacionais e afetivas, inclusive quando considerado as diferenças de gênero.

Para a escala Pr, as medidas de tendência central, especialmente ($M= 1,57$; Med. 1,59; $DP= 0,20$) denunciam uma parcela comprometida da população. Além disso, nota-se uma diferença significativa entre os resultados obtidos entre os homens e as mulheres avaliados, sugerindo melhor adaptação dos homens frente este setor adaptativo. A discussão de tais resultados não se limita aos dados aparentes de que as mulheres são menos adaptadas do que os homens quando avaliadas diante as mesmas exigências profissionais do ambiente esportivo, mas sim, direciona o questionamento a outro tema inerente ao esporte brasileiro: as dificuldades enfrentadas pelas mulheres para se manterem no ambiente esportivo (Rubio, 2011). Nesta direção, Hillebrand, Grossi e Moraes (2008) apresentam a visão das mulheres atletas de futsal quanto ao preconceito vivenciado no que concerne à imagem corporal, menores oportunidades de patrocínio, diferenças salariais e piores condições profissionais em relação aos jogadores homens.

Os reflexos destas más condições de trabalhos são percebidos também nas tentativas frustradas de constituição de um campeonato nacional de futebol feminino, pois embora o Brasil seja considerado o país do futebol, com importantes jogadoras e expressivos títulos internacionais, não possui um campeonato bem organizado e explorado pela mídia, como ocorre com a modalidade masculina. Observa-se também a inconstância na manutenção de equipes femininas, fazendo com que as atletas se deparem cotidianamente com incertezas quanto à temporada seguinte. Vale ressaltar que tais movimentos são comuns às diversas modalidades esportivas, não se restringido apenas ao futebol, e atinge atletas de diferentes níveis competitivos, incluindo as olímpicas (Mesquita & Nascimento, 2011; Rúbio, 2011). Diante destas condições sociais pode-se inferir que as mulheres sofrem demandas específicas no cotidiano esportivo, refletindo inclusive na qualidade de suas respostas adaptativas, uma vez que

estas podem expressar menor satisfação com a carreira, bem como o estabelecimento de conflitos internos e/ou externos. Além disso, demonstra a sensibilidade da escala em captar tais nuances e diferenças entre os indivíduos avaliados. Por fim, destaca-se a variação dos escores obtidos frente às escalas A-R e Pr: o valor mínimo referente ao nível pouquíssimo adequado (1,80 – 1,1) e valor máximo adequado (3,00 – 2,90). Segundo Yoshida, (2012) tais abrangências dos resultados também são favoráveis aos tratamentos realizados na pesquisa, uma vez que estes dizem respeito ao poder do instrumento em captar diferentes níveis da adequação a adaptação.

Por fim, destacam-se algumas limitações da pesquisa. A primeira refere-se ao fato da pesquisa ter sido realizada com amostra selecionada por conveniência, neste sentido a não randomização da amostra inspira cautela na generalização dos resultados obtidos. Outro importante aspecto diz respeito à falta de informação quanto ao nível esportivo dos atletas avaliados, pois embora se possa inferir que os atletas em sua maioria eram de nível nacional, uma vez que inscritos em suas respectivas federações esportivas sob a categoria juvenil e adulta, havia também atletas participantes de competições internacionais junto às seleções nacionais, ou mesmo com suas equipes esportivas. A falta destas informações impossibilitou avaliações que considerassem tais variáveis. Desta forma, foi inserida na versão final da escala uma pergunta na qual os atletas, entre outros dados pessoais, podem indicar o nível de sua participação esportiva, sendo esta Regional – Nacional ou Internacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da discussão que ora se fez pode-se afirmar que a extração de três fatores foi a que melhor atendeu às expectativas teóricas de ambas as subescalas

avaliadas (A-R e Pr). Embora se tenha alcançado baixa explicação da variância com a extração de três fatores, observa-se que as dimensões levantadas para ambas às escalas são condizentes com a teoria da adaptação proposta por Simon (1998), bem como, estão em concordância com as dimensões obtidas na construção da escala original (Yoshida, 2012).

Quanto aos fatores obtidos para a escala A-R estes versam sobre a capacidade autocontrole do indivíduo, superação demandas oriundas das relações interpessoais e enfrentamentos das situações problemas, cada fator são representado por sete, oito e quatro itens respectivamente. Nesta direção, em futuras versões do instrumento serão desenvolvidos novos itens para compor o terceiro fator, bem como buscar-se-á ampliar as respectivas consistências internas e aproximá-las de 0,70.

Já a escala Pr apresentou dimensões que abordavam primeiramente a capacidade de enfrentamento do indivíduo frente as demandas do cotidiano profissional, autocontrole, e por fim as respostas adaptativas frente demandas advindas das relações interpessoais no contexto esportivo. Do ponto de vista numérico os fatores foram compostos por oito, seis e oito itens respectivamente. Todos apresentavam bons índices de consistência interna, mostrando-se bons representantes dos constructos que pretendiam avaliar. Neste sentido, conclui-se que os fatores que emergiram das análises fatoriais contemplam de forma específica dimensões da adaptação muito apropriadas aos desafios enfrentados pelos atletas.

Pôde-se observar também boa capacidade da EDAO-AR-A em identificar pessoas com diferentes capacidades da adaptação, demonstrando assim o potencial de utilidade do instrumento na construção de um diagnóstico esportivo ao revelar um atributo dos sujeitos avaliados. Vale ressaltar que embora as evidências de validade da escala da EDAO-AR-A tenham sido avaliadas tomando as escalas referentes a cada

setor adaptativo A-R e Pr separadamente, na prática, deverão ser aplicadas em conjunto sempre que o propósito for o de obter a avaliação da configuração adaptativa de um atleta. Já para fins de pesquisa nem sempre esta situação será obrigatória (Yoshida, 2012).

Considera-se também a necessidade de futuros estudos a fim de verificar os critérios de equilíbrio e amplitude das alternativas de respostas, neste sentido serão realizadas, análises de conglomerado para verificar se as respostas dos participantes alinham-se em clusters, de acordo com a perspectiva teórica esperada. Assim, serão retidas apenas três alternativas para cada item, cada uma referente a um nível de adequação: adequado, pouco adequado e pouquíssimo adequado.

Referências

- Altman, M., Yamamoto, K., & Tardivo, L. S. L. P. C. (2007). Psicoterapia Breve operacionalizada com pessoas idosas. *Mudança*, 15(2), 135-144.
- Alves, H. (2001) *Psicoterapia breve operacionalizada – PBO com adolescentes da rede pública escolar da cidade de Santos – SP: uma contribuição à psicologia clínica preventiva*. Tese de Doutorado não publicada. IP-USP, São Paulo.
- Anastasi, A. & Urbina, S. (2000). *Testagem Psicológica*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Ângelo, L. F. & Rubio, K. (2007). Sobre testar e avaliar em psicologia do esporte. In: L. F. Ângelo, & Rubio, K. (Eds.), *Instrumentos de Avaliação em Psicologia do Esporte* (pp. 11-12). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Anshel, M. H. (1987). Psychological Inventories Used in Sport Psychology Research. *The Sport Psychologist*, 1, 331-349.
- Apitzsch, E. (1995). Psychodynamic theory of personality and sport performance. In: J. H., Stuart (Eds.), *European perspectives on exercise and sport psychology* (pp. 110-126). Champaign: Human Kinetics.
- Artes, R. (1998). Aspectos estatísticos da análise fatorial de escalas de avaliação. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 25(5).
<http://www.hcnet.usp.br/ipq/revista/vol25/n5/conc255d.htm>
- Bara, M. G. Filho, Ribeiro, L. C. S., & Garcia, F. G. (2005). Comparação de características da personalidade entre atletas brasileiros de alto rendimento e indivíduos não-atletas. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, 11(2), 115-120.
- Bartholomeu, D., & Machado, A. A. (2008). Estudos iniciais de uma escala de agressividade em competição. *Interação em psicologia*, 12(2), 189-201.
- Betti, M. (1998) *A janela de vidro: esporte, televisão e educação física*. Campinas: Papirus.
- Bock, A. M. B. B., Furtado, O., & Teixeira, M. L. T. (1997). *Uma introdução ao estudo da Psicologia*. São Paulo: Saraiva.
- Cia, M. & Yoshida, E. M. P. (2011). Escala Diagnostica Adaptativa Operacionalizada de auto-relato (EDAO-R-AR): consistência interna dos itens. *Anais do XVI Encontro de Iniciação Científica e I Encontro de iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação da PUC-Campinas, SP –Brasil*.

- Comissão de Esporte do CRP-SP. (2000). A avaliação psicológica no esporte ou os perigos da normalização. In: K. Rubio (Ed.), *Psicologia do Esporte: interfaces, pesquisa e intervenção* (pp.155-164). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Conselho Nacional de Saúde (1996). *Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996*. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/comissao/conep/resolucao.html>.
- Cox, R. H. (1994). *Sport Psychology: concepts and applications*, Dubuque: Brown & Benchmark publishers.
- De Rose, D. Jr. (2002). A competição como fonte de estresse no esporte. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 10(4), 19-26.
- De Rose, D. Jr., Deschamps, S., & Korsakas, P. (2001). Situações de stress no basquetebol de alto rendimento: fatores extracompetitivos. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 9(1), 25-30.
- Enéas, M. L. E. (1993). *O critério motivacional na indicação de psicoterapias breves de adultos*. Dissertação de Mestrado não publicada. PUC-Campinas. Campinas.
- Enéas, M. L. E. (1999). *Precisão e validade concorrente da Escala Rutgers de Progresso em Psicoterapia*. Tese de Doutorado não publicada. PUC-Campinas. Campinas.
- Epiphanyo, E. H. (2002). Conflitos vivenciados por atletas quanto à manutenção da prática esportiva de alto rendimento. *Revista Estudos de Psicologia*, 19(21), 15-22.
- Feliu, J. C. (1991). Historia de la psicología del deporte. In J. Riera, & J. C. Fileu (Eds.) *Psicología del deporte. Aplicaciones y perspectivas*. Barcelona: Martinez Roca.
- Fernández, M. D. G. (2010). Evaluación psicológica en el deporte: aspectos metodológicos y prácticos. *Papeles del Psicólogo*, 31(3), 250-258.
- Figueiredo, D. & Silva, J. (2010). Visão além do alcance: uma introdução à análise fatorial. *Opinião Pública*, 16(1), 160-18.
- Freitas, A. R. de. & Yoshida, M. P. Y. (2011). Escala Diagnóstica Operacionalizada de auto-relato (EDAO-R-AR): Validade convergente e precisão. *Anais do XVI Encontro de Iniciação Científica e I Encontro de iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação da PUC-Campinas, SP –Brasil*.
- Gandini, R. C. G. (1995). *Câncer de mama: evolução da eficácia adaptativa em mulheres mastectomizadas*. Tese de Doutorado não publicada. IP-USP. São Paulo

- García, C. R., Cepero, M & Rojas, F. J. (2010). Efecto de la experiencia deportiva en las habilidades psicológicas de esgrimistas del ranking nacional español. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 10(2), 33-42.
- García-Mas, A., Bonnín, B. E., & Fileu, J. C. (2004). Cómo recoger la información en Psicología de la Actividad Física y el Deporte: tres ejemplos y algunas consideraciones. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 4(1-2), 129-151.
- Gatti, A. L. (1999). *Escalas de avaliação dos mecanismos de defesa: precisão e validade concorrente*. Tese de Doutorado não publicada. PUC-Campinas. Campinas.
- Gebara, A. C. & Simon, R. (2008). Pesquisa sobre a eficácia terapêutica da interpretação teorizada na psicoterapia breve operacionalizada. *Psicologia Hospitalar*, 6(2), 40-60.
- Gill, D. L. (1986). *Psychological dynamics of sport*. Champaign: Human Kinetics.
- Gimeno, F., Buceta, J. M., & Pérez-Llantada, M. C. (1999). El Cuestionario de Características Psicológicas relacionadas con el Rendimiento Deportivo (CPRD): características psicométricas. En A. López de la Llave, M. C. Pérez-Llantada y J. M. Buceta (Eds.), *Investigaciones breves en Psicología del Deporte* (pp.65-76). Madrid: Dykinson.
- Gimeno, F., Buceta, J. M., & Pérez-Llantada, C. M. (2007). Influencia de las variables psicológicas en el deporte de competición: evolución mediante el cuestionario Características psicológicas relacionadas con el rendimiento deportivo. *Psicothema*, 19(4), 667-672.
- Gomes, A. R. (2011). Adaptação humana em contextos desportivos: contributos da teoria para a avaliação psicológica. *Avaliação Psicológica*, 10(1), 13-24.
- Gomes, A. R., & Feliu, J. C. (2006). Relação treinador-atleta e exercício da liderança no desporto: a percepção de treinadores de alta competição. *Estudos de Psicologia*, (Natal,) 11(1), 5-15.
- Gouveia, V. V., Santos, W. S., & Milfont T. L. (2009). O uso da estatística na avaliação psicológica: comentários e considerações práticas. In C. S. Hutz (Org.), *Avanços e polêmicas em avaliação psicológica* (pp. 127-155). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Guimarães, L. P. M., & Yoshida, E. M. P. (2008). Doença de Crohn e retocolite ulcerativa inespecífica: alexitimia e adaptação. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(1), 52-63.

- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E. & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada dos dados*. 6ª ed. Porto Alegre: Bookman.
- Hammond, S. (2010). Utilizando testes psicométricos. In G. M. Breakwell, C. Fife-Schaw, S. Hammond, & J. A. Smith (Eds.), *Métodos de pesquisa em psicologia* (v.3, pp. 190-215). Porto Alegre: Artimed.
- Heleno, M. G. V. (2001). Organização patológica e equilíbrio psíquico em pacientes com diabetes tipo II. *Mudanças*, 9(15), 75-158.
- Heleno, M. G. V., & Santos, H. (2004). Adaptação em pacientes portadores do vírus da imunodeficiência humana – HIV. *Psicologia Saúde & Doenças*, 5(1), 87-91.
- Hernández-Ardieta I. P., Lopez J. C., Dolores M. & Ruiz, J. G. (2002). Personalidad: diferencias individuales y ejecución deportiva. In A. J. Zafra Ruiz; G. N. Garcia (Eds.), *Manual de psicología del deporte* (pp. 105-123). Murcia: DM.
- Hillebrand, M. D., Grossi, K. P. & Moraes, J. F. de. (2008). Preconceito de gênero em mulheres praticantes do esporte universitário. *Psico* (39) 4, 425-430.
- Honda, G. C. & Yoshida, E. M. P. (2012). Mudança em pacientes de clínica-escola: avaliação de resultados e processos. *Paidéia*, 22(51), 73-82.
- Jarvis, M. (2005). *Sport psychology: a student's handbook*. New York: Routledge.
- Kaneta, C. N. (2007). Avaliação da personalidade utilizando o Inventário Fatorial de Personalidade. In L. F. Angelo, & K. Rubio (Eds.), *Instrumentos de Avaliação em Psicologia do Esporte* (pp. 71-89). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kaneta, C. N. (2009). *Avaliação Psicológica: uma aplicação do Teste de Liderança Situacional (TLS) em Psicologia do Esporte*. Dissertação de Mestrado não publicada. Instituto de psicologia: Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Laloni, D. T. (2001). *Escala de Avaliação de Sintomas-90-R-SCL-90-R: adaptação, precisão e validade*. Tese de Doutorado, PUC-Campinas. Disponível em: www.bibliotecadigital.puccampinas.edu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo = 294.
- Lipovetsky, G. (2007). *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. (2007). São Paulo: Companhia das Letras.
- Lizuka, C. A., Dantas, L. E. P. B. T., Machado, A. A. & Marinovic, W. (2005). Controle da ansiedade em mesa-tenistas e a sua relação com o desempenho esportivo. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, 4(4),127-135.

- Martins, A. M. de. (2006). Sobre a confiabilidade e validade. *Revista Brasileira de Gestão de Negócio*, 8(20), 1-12.
- Martins, R. C. (1998). *Psicoterapia breve de idosos: avaliação de resultados*. Dissertação de Mestrado não publicada. PUC-Campinas, Campinas.
- Mesquita, A. & Nascimento, E. S. do. (2011). A Participação da mulher brasileira no esporte a partir dos anos 1980: O que de fato mudou? In K. Rúbio (Org.), *As Mulheres e o esporte olímpico brasileiro* (pp. 167-182). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Moretti A. R. & Salgueiro, G. B. (2007). Avaliando a personalidade: Eysenck Personality Inventory. In L. F. Angelo, & K. Rubio (Eds.), *Instrumentos de Avaliação em Psicologia do Esporte* (pp. 55-70). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Morgan, W. P. (1980). Sport Personology: the Credulous-Skeptical Argument in Perspective. In W. F. Straub (Ed.), *Sport Psychology: An Analysis of Athlete Behavior* (pp. 330-339). Ithaca, NY: Movement Publications.
- Neder Filha, C. R., & Simon, R. (2004). Diagnóstico da adaptação, Teste Estilocrômico e Psicoterapia Breve Operacionalizada em transplante de fígado. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, 12(1), 7-98.
- Nogueira, C. M. (2007). Testes projetivos de diagnóstico e intervenção na psicológica do esporte. In L. F. Angelo, & K. Rubio (Org.), *Instrumentos de Avaliação em Psicologia do Esporte* (pp. 37-53). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ostrow, A. (1996). *Directory of Psychological Tests in the Sport and Exercise Sciences* (2ª Ed.). Morgantown: Fitness Information Technology.
- Pasquali, L. (2001). Parâmetro Psicométrico dos Testes Psicológicos. In L. Pasquali (Ed.), *Técnicas de Exame Psicológico – TEP Manual: volume I: Fundamentos das Técnicas Psicológicas* (pp. 111-136). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pasquali, L. (2003). *Psicometria: Teorias dos testes na Psicologia e na Educação*. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda.
- Pasquali, L. (2010). Testes Referentes a Construto: Teorias e Modelos de Construção. In L. Pasquali et al. (Orgs.), *Instrumentação Psicológica: Fundamentos e Prática* (pp. 165-198). Porto Alegre: Artmed.
- Peixoto, E. M. & Yoshida, E. M. P. (2012). Psicologia do esporte e otimização no esporte de alto rendimento. *Fiep Bulletin*, 82 (2) online. Disponível em: <http://www.fiepbulletin.net/index.php/fiepbulletin/article/view/2457/4553>

- Pellegrino Rosa, I. (1997). Variáveis cognitivas e afetivas no envelhecimento. *Mudanças*, 5(8), 159-210.
- Pires, D. A., Brandão, M. R. F., & Machado, A. A. (2005). A síndrome de Burnout no esporte. *Motriz*, 11 (3), 147-153.
- Primi, R. (2005). Temas em avaliação psicológica. *Avaliação Psicológica*. 4(1), 87-89.
- Primi, R. (2010). Avaliação Psicológica no Brasil: Fundamentos, Situação Atual e Direções para o Futuro. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(especial), 25-35.
- Primi, R., Muniz, M., & Nunes, C. H. N. S. (2009). Definições contemporâneas de validade de testes psicológicos. In C. S. Hutz (Org.), *Avanços e polêmicas em avaliação psicológica* (pp. 243-265). São Paulo: Casa do Psicólogo
- Primi, R., Nascimento, R. S. G. F., & Souza, A. S. (2004). Critérios para avaliação de testes psicológicos. In Conselho Federal de Psicologia- CFP (Ed.), *Avaliação dos testes psicológicos: relatório* (pp. 31-55). Brasília: CFP.
- Ramis, Y., Torregrosa, M., Viladrich, C. & Cruz, J. (2010). Adaptación y validación de la version española de la Escala de Ansiedad Competitiva SAS-2 para deportistas de iniciación. *Psicotherma*. 22(4), 1004-1009.
- Rein, I., Kotler, P., & Shields, B. (2008). *Marketing esportivo: a reinvenção do esporte na busca de torcedores*. Porto Alegre: RS: Bookman.
- Reynes, E., Canovas, S., Ferrand, C., & Pantaleon, N. (2008). Consequências emocionais dos erros de arbitragem nos jogadores de futebol: estudo exploratório. *Psicologia & Sociedade*, 20(1), 5-15.
- Rocha, G. M. A. (2002). *Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada Redefinida: Precisão e validade com pessoas idosas*. Dissertação de Mestrado não publicada. PUC-Campinas, Campinas.
- Romaro, R. A. (2000). *Psicoterapia breve psicodinâmica com pacientes Borderline: uma proposta viável*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rubio, K. (1999). A psicologia do esporte: histórico e áreas de atuação e pesquisa. *Psicologia Ciência e Profissão*, 19(3), 60-69.
- Rubio, K. (2000a). O pontapé inicial. In: K. Rubio (Ed.), *Psicologia do Esporte: interfaces, pesquisa e intervenção* (pp. 9-13). São Paulo. Casa do Psicólogo.
- Rubio, K. (2000b). O trajeto da Psicologia do Esporte e a formação de um campo profissional. In K. Rubio (Ed.), *Psicologia do Esporte: interfaces, pesquisa e intervenção* (pp. 15-28). São Paulo. Casa do Psicólogo.

- Rubio, K. (2001). De la psicología general a la psicología del deporte: marcos teóricos, relaciones y dependencias. *Revista de Psicología Del Deporte*, 10(2), 255-265.
- Rubio, K. (2002). Origens e evolução da psicologia do esporte no Brasil. *Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, 7(373) online. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-373.htm>
- Rubio, K. (2004). Rendimento esportivo ou rendimento humano?: O que busca a da psicologia do esporte? *Psicologia para America Latina*, 1, 1-6.
- Rubio, K. (2006). O imaginário da derrota no esporte contemporâneo. *Psicologia & Sociedade*, 18(1), 86-91.
- Rubio, K. (2007a). Da Psicologia do Esporte que Temos a Psicologia do Esporte que Queremos. *Revista brasileira de Psicologia do Esporte*, 1(1), 1-13.
- Rubio, K. (2007b). A avaliação em psicologia do esporte e a busca de indicadores de rendimento. In L. F. Angelo, & K. Rubio, (Eds.), *Instrumentos de Avaliação em Psicologia do Esporte* (pp. 13-26). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rubio, K. (2007c). Ética e compromisso social na psicologia do esporte. *Psicologia Ciência e Profissão*, 27(2), 304-315.
- Rubio, K. (2011). A cordialidade feminina no esporte brasileiro. In *As Mulheres e o esporte olímpico brasileiro* (pp. 85-102). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rudik, P. A. (1990). *Objeto Específico y Tarefas de la Psicología Del Deporte*. Moscou: Editorial Fiskultura y Sport.
- Serralta, F. B., Nunes, M. L. T., & Eizirik, C. L. (2011). Considerações metodológicas sobre o estudo de caso na pesquisa em psicoterapia. *Estudos de Psicologia*, 28(4), 501-510.
- Sigrist, R. R. de., & Yoshida, E. M. P. (2011). Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada de auto-relato (EDAO-R-AR): validade baseada em teste de construto relacionado. *Anais do XVI Encontro de Iniciação Científica e I Encontro de iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação da PUC-Campinas, SP –Brasil*.
- Silva Filho, N., & Souza, L. R. (2004). Associação entre o diagnóstico adaptativo, indicadores de evolução clínica e o Teste das Relações Objetivas em pacientes com infecção pelo HIV-1, doentes ou não. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 5(2), 195-213.

- Silva, A. M. F. & Angelo, L. F. (2007). POMPS – Profile of Mood States. L. F. Angelo, & K. Rubio (Eds.), *Instrumentos de Avaliação em Psicologia do Esporte* (pp. 175-191). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Simões, A. C., Conceição, P. F. M., & Cortez, J. A. (2009). Psicossociologia do esporte: um jogo paradoxal de forças inconscientes. *Boletim de Psicologia*, 59(130), 31-43.
- Simões, A. C., Conceição, P. F. M., Neri, M. A. C., & Azevedo, L. C. D. Jr. (2000). Dinâmica e intervenção psicológica em uma equipe de voleibol masculino. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 20(3), 195-207.
- Simon, R. (1989). *Psicologia clínica preventiva: novos fundamentos*. São Paulo: EPU.
- Simon, R. (1995a). Manejo de angústia na entrevista preventiva. *Boletim de Psicologia*, 46(102), 53-57
- Simon, R. (1995b). Teoria da Evolução da adaptação humana-prevenção da eficácia adaptativa. *Mudanças*, 3(3,4), 25-50.
- Simon, R. (1997). Proposta de redefinição da E.D.A.O. (Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada). *Boletim de Psicologia*, 47(107), 85-93.
- Simon, R. (1998). Proposta de redefinição da Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada (EDAO). *Mudanças: psicoterapia e estudos psicossociais*, 6 (10), 13-24.
- Simon, R. (2000, outubro). Psicoterapia psicanalítica ou psicoterapia breve? (manuscrito) trabalho apresentado ao 4º Encontro de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica. USP, São Paulo.
- Simon, R. (2005). *Psicoterapia breve operacionalizada: teoria e técnica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Thomas, A. (1983). *Esporte: introdução à psicologia*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- Urbina, S. (2007). *Fundamentos da testagem psicológica*. Porto Alegre: Artmed.
- Weinberg, R. S. & Gould, D. (2001). *Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício*. Porto Alegre: Artmed.
- Yamamoto, K. (2004). Estudo da eficácia adaptativa de trabalhadoras noturnas sugerindo psicoterapia breve operacionalizada na empresa. *Mudanças psicologia da Saúde*, 12(1), 115-140.

- Yoshida, E. M. P. (1984). *Estudo da precisão e da validade de predição da Escala Diagnóstica da Adaptação de Ryad Simon*. Dissertação de Mestrado não publicada. IP-USP.
- Yoshida, E. M. P. (1991a). Validade preditiva da EDAO em psicoterapias breves: solução para a situação problema. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 8(1), 28-36.
- Yoshida, E. M. P. (1991b). Validade preditiva da EDAO em psicoterapia breve: grau de motivação. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 8(2), 124-138.
- Yoshida, E. M. P. (1996). Validade e precisão da EDAO: uma pesquisa com universitários da Escola Paulista de Medicina. *Mudanças: Escala do Diagnóstico da Adaptação Operacionalizado*, 3(3/4), 51-63.
- Yoshida, E. M. P. (1999a) Psicoterapia breve e prevenção: eficácia e dimensões da mudança. *Mudanças: temas em psicologia*, 7(2), 119-129.
- Yoshida, E. M. P. (1999b). EDAO-R: precisão e validade. *Mudanças: psicoterapia e estudos psicossociais*, 7(11), 189-213.
- Yoshida, E. M. P. (2009). *Construção e Validação de versão de auto-relato da Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada – Revisada*. Projeto de Pesquisa 2010/2011, Pontifícia Universidade Católica de Campinas (Manuscrito).
- Yoshida, E. M. P. (2011). *Construção e Validação de versão de auto-relato da Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada – Revisada: Etapa II*. Projeto de Pesquisa 2012/2013, Pontifícia Universidade Católica de Campinas (Manuscrito).
- Yoshida, E. M. P., Elyseu, S. Jr, Silva, F. R. C. S. de, Finotelli, I. Jr., Sanches, F. M., Penteadó, E. F., ... Enéas, M. L. E. (2009). Psicoterapia psicodinâmica breve: estratégia terapêutica e mudança no padrão de relacionamento conflituoso. *Pisco-USF*, 14(3), 275-285.
- Yoshida, E. M. P., Enéas, M. L. E. & Santeiro, T. V. (2010) Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada (EDAO): Avaliação da Qualidade da Eficácia Adaptativa. In A. A. A. Santos, F. F. Sisto, E. Boruchovitch, & E. Nascimento (Eds.), *Perspectiva em avaliação psicológica* (pp. 211-227). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Yoshida, E. M. P., Lépine, V., St-Amand, P., & Bouchard, M. A. (1998). Configuração adaptativa e o nível de maturidade dos mecanismos de defesa. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 15(3), 3-16.
- Yoshida, E. M. P., Mito, T. I. H., Enéas, M. L. E., & Yukimitsu, M. T. C. P. (1993). Psicoterapias breves: critérios de indicação e as estratégias terapêuticas. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 1(10), 53-64.

Yoshida, E. M. P., Wiethaeuper, D., Lecours, S., Dymetryzyn, H., & Bouchard, M. A. (1998). Adaptação e nível de patologia. *Boletim de Psicologia*, 48(108), 67-85.

Anexos

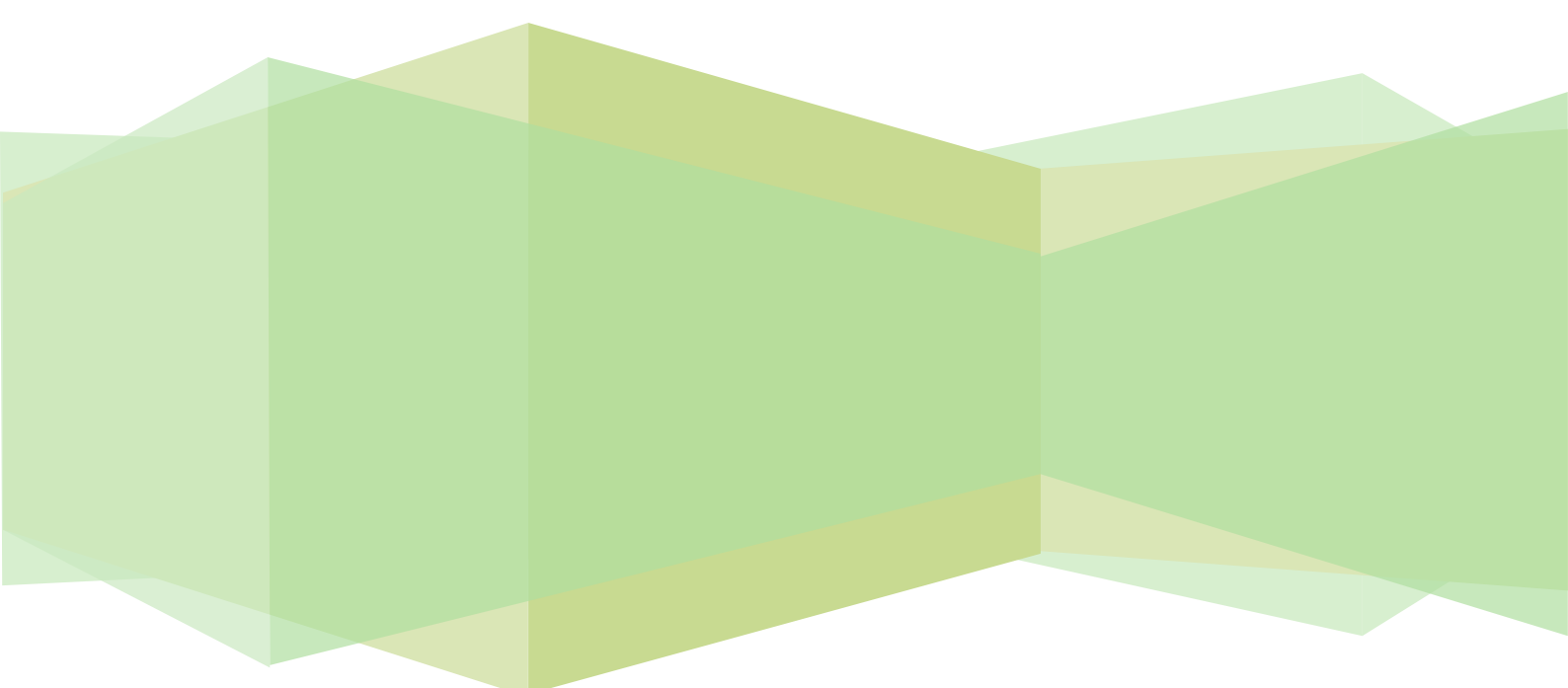
Anexo A

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

ESCALA DIAGNÓSTICA ADAPTATIVA PARA ATLETAS

EDAO-AR-A

Evandro Morais Peixoto e Elisa Medici Pizão Yoshida



DADOS DO RESPONDENTE

Iniciais/ nº protocolo: _____

Idade: _____

Modalidade esportiva: _____

Categoria: _____

Sexo: F [] M []

Estado civil: solteiro [] casado/união estável [] divorciado/desquitado [] viúvo []

Nível de Escolaridade: Fundamental incompleto [] Fundamental completo []

Ensino médio incompleto [] Ensino médio completo []

Universitário incompleto [] Universitário completo []

Nenhum []

COMO RESPONDER À ESCALA

A EDAO-AR-A tem como objetivo avaliar a forma como você age em diferentes situações e como você se sente atualmente em relação à sua vida. Por isso, **não tem respostas certas ou erradas**. Cada item apresenta uma situação (em negrito), seguida de possíveis maneiras de enfrentar o problema.

- ✓ **Você deve assinalar com um x na coluna da esquerda, a alternativa que mais se aproxima ao modo como você agiria na situação ou como você sente que é mais característico de você.**
- ✓ **Você deve responder apenas a uma das alternativas de cada item.**
- ✓ **Você deve responder a todos os itens.**

P	Σ	R	Item
			1. Em festas e reuniões de amigos eu...
			fico à vontade e me divirto.
			fico ansioso e tenho dificuldade para me divertir.
			bebo tanto que geralmente passo mal ou apago antes do final da festa.
			2. Quando eu discordo de alguém eu...
			falo calmamente o que eu acho, para não brigar.
			falo o que eu acho, mesmo que acabe em briga.
			evito falar sobre o que eu acho, para não ter briga.
			acabo brigando com a pessoa porque não aceito perder.
			3. Quando estou com raiva de alguém eu...
			deixo para falar depois que a raiva passou, para não me arrepender depois.
			falo tudo que penso mesmo que me arrependa depois.
			acho melhor nem falar para não dar motivos para brigas.
			não sossego enquanto eu não me vingou.
			4. Quando preciso de alguma coisa eu...
			peço ajuda e mostro que estou agradecido, mesmo que a ajuda não tenha sido exatamente como eu queria.
			Peço ajuda, mas acabo me arrependendo porque as pessoas não fazem as coisas do jeito que eu gosto.
			brigo com qualquer um que tenta me impedir
			5. Quando alguém não faz o que eu peço eu...
			fico com raiva, mas converso para saber por que não fez o que eu pedi.
			fico com raiva e acabo fazendo eu mesmo para não ter briga.
			fico com muita raiva e espero um momento para me vingar.
			6. Quando alguém me pede dinheiro eu...
			empresto se eu tenho certeza de que não vai me fazer falta.
			empresto, mas fico com medo de me fazer falta.
			não empresto mesmo sabendo que não vai me fazer falta.
			7. Quando um amigo me diz que vai sair com outra pessoa eu...
			digo que tudo bem e proponho outro dia para nos vermos.
			falo que tudo bem para não correr o risco de perder de vez o amigo.
			não aceito ser trocado por ninguém e por isso não falo mais com ele.
			invento que também vou sair com alguém, para ele também ficar com ciúmes.
			8. No decorrer de minha vida esportiva eu...
			tive muitos amigos e alguns se tornaram íntimos.
			estabeleci boas amizades com as quais procuro manter contato até hoje.
			tive alguns colegas, mas nenhum se tornou amigo íntimo.
			estabeleci boas amizades, mas nada que valesse apenas manter contato.
			nunca consegui estabelecer amizades para além do ambiente esportivo.
			estabeleci muitas amizades porque todos gostam de mim.
			9. Quando alguma coisa dá errada para mim eu...
			fico chateado, mas penso onde foi que eu errei para não errar mais.

			fico chateado e procuro resolver o problema de outro jeito.
			demoro a tentar de novo com medo de não dar certo
			fico chateado e tenho dificuldade de tentar de novo.
			fico tão nervoso que não consigo pensar em mais nada.
			10. Quando eu gosto de alguém eu...
			mostro meus sentimentos por meio de palavras ou ações.
			tenho dificuldade em mostrar meus sentimentos por meio de palavras ou ações.
			não mostro de jeito nenhum meus sentimentos porque tenho medo da inveja dos outros
			11. Quando estou com pessoas de minha família eu...
			me sinto à vontade para falar o que penso.
			só falo sobre coisas que eu sei que não vão causar problemas.
			me fecho e não falo nada porque sempre acaba em briga.
			12. Quando eu preciso de ajuda eu...
			sempre peço a um amigo, porque sei que posso contar com ele.
			tenho dificuldade de pedir ajuda para um amigo, mesmo sabendo que posso contar com ele.
			não tenho nenhum amigo com quem contar.
			13. Com pessoas que eu não conheço (por exemplo, numa fila de ônibus ou de supermercado) eu...
			geralmente puxo conversa porque gosto de conhecer novas pessoas.
			fico quieto para não expor minha vida para um estranho.
			finjo que não ouvi quando alguém tenta puxar conversa porque tenho medo que ela queira saber da minha vida.
			14. Quando um amigo precisa de ajuda eu...
			estou sempre disposto ajudar no que necessita.
			só ajudo os que eu sei que vão me ajudar se um dia eu precisar.
			não me preocupo em ajudar ninguém porque já tenho meus próprios problemas.
			15. Eu me considero uma pessoa...
			amada por pessoas importantes para mim (pai/mãe; marido/mulher; filho/filha).
			que não foi suficientemente amada por pessoas importantes para mim.
			que nunca recebeu amor verdadeiro das pessoas importantes para mim.
			16. Eu reconheço que...
			quero ser amado pelas pessoas importantes para mim.
			tenho dificuldade em aceitar que quero ser amado pelas pessoas.
			sou uma pessoa tão carente que preciso que todo mundo goste de mim.
			17. Quando eu percebo que alguém gosta de mim eu me sinto...
			bem e procuro retribuir mostrando que eu também gosto dele.
			mal, porque não sei se eu mereço.
			muito mal, porque não sei o que a pessoa viu em mim.
			sufocado e tento me afastar da pessoa.
			18. Em situação de stress eu fico...
			nervoso mas me controlo para resolver o problema.
			nervoso e acabo tendo dificuldade para resolver o problema.
			tão nervoso que perco totalmente o controle.

			19. Nos meus relacionamentos amorosos (namoro/noivado/ casamento) eu...
			respeito à vontade do meu parceiro e sei ser respeitado.
			respeito à vontade do meu parceiro, mas dificilmente sou respeitado.
			preciso fazer um esforço para respeitar a vontade de meu parceiro.
			sempre acabo impondo minha vontade.
			sempre acabo sendo explorado pelo meu parceiro.
			20. Com relação aos meus técnicos e amigos de equipe eu...
			tenho bons relacionamentos com a maioria deles, mas sei que alguns não gostam de mim.
			tenho bons relacionamentos com alguns, mas sei que muitos deles não gostam de mim.
			não consigo estabelecer bons relacionamentos e por isso ninguém gosta de mim.
			21. Quando discuto com algum companheiro de equipe eu.
			tenho facilidade em reconhecer meus erros e pedir desculpa
			tenho facilidade em reconhecer meus erros, mas não consigo pedir desculpas.
			Não falo nada, mas procuro corrigir o que fiz de errado.
			nunca peço desculpas porque a culpa sempre está na outra pessoa
			finjo que nada aconteceu.
			22. Quando eu fico nervoso eu...
			procuro entender o que me deixou nervoso para resolver o problema.
			tenho medo de perder o controle, mas isso nunca aconteceu.
			não consigo me controlar e acabo brigando com quem aparece na minha frente.
			descarrego o meu nervosismo chutando e quebrando tudo ao meu redor.
			23. Quando eu preciso de alguma coisa...
			sempre peço a alguém de minha família porque sei que posso contar com eles.
			tenho dificuldade de pedir ajuda para a alguém de minha família, mesmo sabendo que posso contar com eles.
			não peço a ninguém de minha família, porque sei que nunca posso contar com eles.
			24. Quando alguém me agride sem motivos eu...
			fico com raiva durante algum tempo, mas depois eu me acalmo.
			eu enfrento a pessoa, mas depois fico me sentindo mal.
			fico com tanta raiva que eu tenho vontade de matar a pessoa.
			me sinto culpado por ter provocado o outro.
			fico com tanta raiva que eu não consigo pensar em mais nada por vários dias.
			25. Quando vejo um amigo se destacando em minha equipe eu...
			fico feliz e demonstro que estou contente por ele.
			falo que fiquei contente, mas no fundo não sinto nada já que suas conquistas não dizem respeito à minha vida.
			Não falo nada, mas no fundo eu fico com raiva porque acho que ele não merecia.
			26. Diante do técnico e companheiros de equipe eu...
			sinto que sou respeitado e sei que tenho importância para eles.
			sinto-me respeitado, mas acho que não tenho a importância que gostaria de ter.
			sinto-me desrespeitado por ser menos valorizado do que outras pessoas do grupo.
			sinto que minha presença na equipe não faz diferença para essas pessoas.

			27. Quando sinto que estou sendo prejudicado por alguém eu...
			fico irritado, mas procuro não me deixar abater pela ação do outro.
			fico irritado, e me deixo abater por um tempo.
			eu não sossego enquanto não o prejuízo também.
			28. Nos grupos dos quais faço parte (equipe, estudo, amigos) eu...
			sempre que possível, colaboro com meus colegas.
			colaboro com meus colegas para não me acharem egoísta.
			me sinto na obrigação de colaborar, mesmo quando não me pedem.
			nunca colaboro com meus colegas porque ninguém reconhece o meu esforço.
			29. Quando eu quero alguma coisa eu...
			consigo esperar o tempo que for necessário para conseguir.
			vou atrás mesmo sabendo que não tenho chance de conseguir.
			faço qualquer coisa para conseguir realizar o que eu quero, mesmo que depois eu me prejudique.
			30. Quando me comparo às pessoas de minha idade eu...
			sinto-me satisfeito com a vida que eu tenho.
			sinto-me mais ou menos satisfeito com a vida que eu tenho
			sito-me muito insatisfeito com a vida que tenho
			31. Dias antes de uma competição (jogo) eu fico...
			à vontade, consigo realizar minhas tarefas diárias naturalmente.
			fico ansioso, mas consigo lidar com este sentimento.
			fico ansioso tenho dificuldade de realizar as tarefas diárias.
			prefiro não pensar na competição, pois sei que isso trará prejuízos para minha rotina.
			fico tão nervoso que não consigo realizar minhas tarefas cotidianas.
			32. Frente a um adversário inferior eu...
			procuro dar o melhor de mim para não ser surpreendido ao final da competição (jogo).
			fico nervoso, mas consigo ter boas atuações.
			fico apavorado, pois sei que a vitória não é mais que minha obrigação.
			33. Frente um adversário superior eu...
			percebo a situação como uma oportunidade e procuro superar minhas limitações.
			fico nervoso, mas procuro me acalmar e atuar da melhor maneira possível.
			sei que não há o que fazer, independente do meu desempenho sairei derrotado.
			Perco totalmente o controle, porque acho que se formos derrotados, a culpa será minha.
			34. Durante uma competição (jogo) eu...
			consigo lembrar das estratégias treinadas e colocá-las em práticas.
			tenho facilidade em realizar as estratégias treinadas.
			lembro-me das estratégias treinadas, porém não consigo colocá-las em prática.
			fico nervoso, o que me prejudica na execução das estratégias treinadas.

			não consigo ao menos me lembrar das estratégias treinadas.
			35. Quando sou prejudicado por um erro de arbitragem eu...
			fico irritado, mas procuro me acalmar para não ter meu desempenho prejudicado.
			procuro não me ocupar com as decisões do árbitro, e tento manter o foco na minha tarefa.
			Encaro com naturalidade, sei que todos podem errar.
			fico nervoso e perco a concentração por alguns instantes.
			sinto-me injustiçado, mas me esforço para retornar ao foco da competição.
			Perco o controle e faço reclamações agressivas, a ponto de ser penalizado.
			Não aceito erros do árbitro e parto para cima dele.
			36. Quando sou cobrado rispidamente por meu técnico...
			vejo a cobrança como incentivo para melhora do meu rendimento.
			entendo que a cobrança visa o bem da equipe.
			fico com raiva por não cumprir suas expectativas, mas procuro por em prática suas orientações.
			sinto-me coagido e tenho que me esforçar para não ter meu desempenho afetado.
			fico travado e perco o controle da situação.
			entendo a cobrança como uma agressão pessoal o que prejudica minha relação com ele.
			37. Quanto ao término da minha carreira esportiva...
			procuro me preparar para o futuro e tenho outros planos profissionais
			sei que esta hora vai chegar, porém não quero pensar nisso agora.
			não acredito que preciso pensar em outras atividades, pois faço o que gosto.
			38. Durante situações decisivas eu...
			consigo lidar com a pressão e manter o nível de concentração para resolver o problema.
			faço bem o que é preciso porque consigo controlar meu nervosismo.
			consigo controlar meu nervosismo, mas mesmo assim tenho meu desempenho prejudicado.
			fico travado e não consigo fazer nada.
			39. Quando eu quero alguma coisa profissionalmente (por ex: desenvolver novas habilidades, mudar de equipe; atuar em novas funções) eu...
			consigo esperar a melhor oportunidade para tentar, sem me estressar.
			tenho medo de me dar mal e só me arrisco depois de ter certeza que não vou me arrepender.
			faço o que estiver ao meu alcance para conquistar o que eu quero, mas me arrependo depois.
			desisto antes de tentar para não me frustrar depois.
			40. Em (reuniões de equipe, preleções, tempo técnico) eu fico...
			à vontade e tenho facilidade em compreender as orientações
			ansioso e tenho dificuldade em absorver as orientações

			Fico tão nervoso que não consigo compreender as instruções.
			41. Em situações de treinamentos e competições (jogos), quando eu discordo do meu técnico eu...
			dou minha opinião sempre que sou consultado.
			tenho facilidade em expor o que penso.
			só dou minha opinião quando tenho certeza de que estou certo.
			dou minha opinião e me arrependo logo em seguida.
			procuro impor minha opinião
			nunca dou minha opinião.
			42. Em relação aos companheiros de equipe eu...
			sinto que posso confiar neles.
			confio nas capacidades de cada um.
			sei que posso contar com eles, mas prefiro não incomodá-los.
			não acredito que posso confiar neles.
			Prefiro não contar com a ajuda de ninguém.
			43. Quanto às minhas condições físicas, táticas e técnicas eu...
			aceito bem minhas limitações porque acho que ninguém é perfeito.
			tenho dificuldades em aceitar minhas limitações, mas procuro superá-las dedicando-me mais nos treinos.
			costumo aceitar desafios além das minhas limitações e depois não sei o que fazer.
			centro todas as decisões em mim porque sei que ninguém terá um desempenho melhor que o meu.
			44. Em situações de treinamento e competição (jogos) eu...
			aceito a colaboração de meus amigos de equipe sempre que preciso de ajuda.
			peço ajuda quando não consigo resolver sozinho.
			peço ajuda, mas fico incomodado em demonstrar minhas limitações.
			nunca peço a colaboração para não expor minhas limitações.
			45. Economicamente eu me sinto...
			realizado, porque ganho muito bem.
			realizado, mas sem tempo para fazer outras coisas.
			frustrado, porque não ganho bem.
			frustrado, porque ainda dependo de meus pais.
			46. Quando eu não estou em situações de treinamentos e competições...
			eu me concentro no que estou fazendo e me sinto bem.
			eu tenho dificuldade em me concentrar no que eu estou fazendo porque estou sempre pensando em coisas relacionadas aos treinamentos e competições.
			eu não consigo me concentrar em nada, porque só fico pensando nos desafios que tenho que enfrentar.
			47. Após derrota em uma competição (jogo) importante eu...
			fico chateado, mas logo consigo me recuperar e pensar no próximo desafio.
			sinto-me culpado e durante dias fico pensando no que poderia ter feito

			diferente.
			não consigo superar a derrota fico pensando naquela decepção durante semanas.
			48. Quando sofro alguma lesão eu...
			Procuo me empenhar nas atividades fisioterápicas para voltar a treinar o mais rápido possível.
			fico chateado, mas não deixo me abater pela situação.
			tenho medo de perder espaço na equipe e por isso procuro me recuperar o mais rápido possível.
			penso em largar a carreira de atleta.
			fico apavorado, não consigo viver sem a rotina competitiva.
			49. Durante os períodos de treinamentos eu...
			Sinto-me à vontade com a carga de treinamentos sugerida pela comissão técnica.
			sinto-me sobrecarregado com a carga de treinamentos, mas consigo cumprir as exigências.
			sinto-me esgotado com a carga de treinamento a ponto de não ter energia para realizar outras atividades.
			50. Quando me desentendo com algum companheiro de equipe eu...
			consigo expressar minha opinião sem ofender o outro.
			espero o melhor momento para falar o que penso.
			falo o que tenho vontade mesmo que isso prejudique nossa relação.
			não falo o que tenho vontade por medo de perder o amigo.
			perco o controle e tenho comportamentos explosivos.
			51. Durante as competições (jogos) quando algum companheiro de equipe me chama atenção eu...
			presto atenção em suas orientações e procuro melhorar o que foi apontado.
			entendo sua intenção de me ajudar e procuro ouvir o que tem pra me dizer.
			sinto-me desconfortável por ser exposto na frente dos outros colegas, mas considero a opinião do amigo.
			fico irritado e ouço apenas o que é bom pra mim.
			viro as costas e não dou ouvidos ao que ele diz.
			52. Quando estou competindo (jogando) eu.
			consigo permanecer concentrado na competição, o que me ajuda a manter ou alcançar um bom desempenho.
			presto atenção nos acontecimentos ao meu redor (torcida, pessoas importantes, acontecimentos externos etc.) e as vezes me distraio do jogo (competição).
			fico preocupado com os erros que posso cometer durante a competição, mas consigo atuar normalmente.
			fico desligado pensando em outras coisas que não dizem respeito ao momento competitivo.
			53. Diante da pressão da torcida adversária eu fico...
			calmo e por isso tenho facilidade em desenvolver o que foi treinado

			anteriormente.
			nervoso, mas consigo me controlar e desenvolver bem o meu papel.
			nervoso e por isso tenho que me esforçar mais para alcançar o rendimento esperado.
			travado e sem o controle da situação
			54. Quanto aos treinos e competições (jogos) eu...
			consigo manter o mesmo nível de rendimento dos treinos durante as competições.
			tenho melhor rendimento nas competições do que nos treinos.
			sinto que sou levemente prejudicado pelo nervosismo durante as competições.
			tenho melhor rendimento nos treinos do que nas competições.
			55. Em competições (jogos) que tenho a torcida ao meu favor eu...
			sinto-me mais confiante para enfrentar o adversário e costumo me sair muito bem.
			sinto-me à vontade com o apoio do torcedor e tenho melhor rendimento.
			fico nervoso pela responsabilidade que é depositada em mim, mas me esforço para desempenhar bem o meu papel.
			sinto-me pressionado pela obrigação da vitória e por isso cometo mais erros.
			fico tão preocupado em agradar a torcida que tenho o rendimento prejudicado.
			56. Quanto à disciplina exigida de um atleta (alimentação, descanso, concentração etc.) eu...
			entendo a necessidade destas exigências e não tenho dificuldades para cumpri-las
			entendo a necessidade destas exigências, porém tenho dificuldades para cumpri-las.
			não concordo com estes tipos de restrições, mas cumpro as ordens que recebo da comissão técnica.
			não concordo com estas restrições e por isso faço o que tenho vontade.
			não acredito que isso possa influenciar meu rendimento e por isso não cumpro estas restrições.
			57. Quando tenho uma oportunidade profissional (aumento de salário, melhores condições de trabalho, convocações para seleções, etc.) eu...
			sinto-me motivado e procuro melhorar a cada treinamento e competição (jogo).
			fico contente, mas prefiro não criar expectativas e deixo tudo como está.
			espero sempre o melhor, e me frustrro.
			não me sinto merecedor de novas oportunidades e por isso não me esforço para alcançá-las
			fico muito ansioso e só descanso quando alcanço o que eu quero.
			58. Profissionalmente eu me sinto...
			realizado porque eu faço aquilo que eu gosto.
			realizado, porque tenho sempre novos desafios para enfrentar.

			realizado, mas às vezes fico na dúvida se não teria algo melhor para eu fazer.
			realizado porque eu faço o que gosto, mas sem tempo para fazer outras coisas.
			frustrado, porque não tenho tempo para mais nada.
			frustrado porque acho que o esporte não é reconhecido no Brasil.

Anexo B

Plataforma Brasil - Ministério da Saúde

Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC/ CAMPINAS

PROJETO DE PESQUISA

Título: DESENVOLVIMENTO DE VERSÃO DA ESCALA
DIAGNÓSTICA ADAPTATIVA PARA ATLETAS (EDAO-AR-A)

Pesquisador: Evandro Morais Peixoto

Versão: 1

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de Campinas -
01104412.2.0000.5481
PUC/ CAMPINAS

CAAE:

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Número do Parecer: 9899

Data da Relatoria: 30/03/2012

Apresentação do Projeto:

O projeto se refere à análise psicológica em pessoas envolvidas com esporte, especialmente os atletas. O tema se justifica pela carência dessa análise pela necessidade de inferir na atividade esportiva, principalmente de alto rendimento, questões analisadas pela psicologia. Essa análise se efetivará mediante o uso da Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada, contemporaneamente adaptada. A pesquisa se desenvolverá em duas etapas: a) adaptação da EDAO-AR e construção de novos itens; análise de conteúdo por juízes (especialistas); e análise semântica dos itens por atletas de diferentes modalidades e diferentes níveis de escolaridade; b) estimativa da consistência interna dos itens distribuídos por fator e para a escala total, avaliada por coeficientes alfa de Cronbach. A amostra será composta por atletas de diversas modalidades, inscritos em suas respectivas instituições federativas sob a categoria juvenil e adulta. Espera-se com esta pesquisa colaborar com a minimização das carências da área, assim como tornar disponível aos pesquisadores e profissionais um instrumento que informe como o atleta vem utilizando seus recursos adaptativos em situações extracompetitivas e no enfrentamento dos desafios de se manter na carreira esportiva.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo geral é desenvolver uma versão da EDAO-AR para a população de atletas e outros, e estimar suas evidências de validade quando a consistência interna dos itens. Os objetivos específicos são: a) Proceder a uma revisão dos itens da EDAO-AR de forma a adequá-los à realidade vivida por atletas; b) Desenvolver novos itens para os setores da personalidade, Afetivo-Relacional (A-R) e Produtividade (Pr), considerando situações enfrentadas e linguagem utilizada por atletas; c) Realizar a análise de conteúdo dos itens adaptados e dos novos itens, por meio da avaliação de juízes.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O risco é mínimo, porque as respostas ao questionário podem trazer à tona recordações desagradáveis. Os benefícios serão a ampliação instrumental disponível ao psicólogo/pesquisador inserido no contexto esportivo, dando a estes maiores possibilidades frente ao processo de avaliação psicológica, principalmente nos momentos em que hajam exigências de avaliação de um grande contingente de atletas, como em contexto de concentrações organizadas por federações esportivas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é interessante e pertinente em termos científicos, à medida que insere o instrumental psicológico em atividades esportivas, abrangendo inclusive alto rendimento. Trata-se da aplicação de instrumental que denota a articulação entre psiché e physis, com método adequadamente renovado e plausível.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de Consentimento Livre Esclarecido - Validade Semântica e Consistência Interna -e as cartas de autorização das agremiações esportivas que fornecerão os sujeitos para a pesquisa, estão consoantes as exigências éticas para pesquisa com seres humanos.

Recomendações:

Não há recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto não apresenta pendências.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

CAMPINAS, 20 de Abril de 2012

Assinado por:

CARLOS ALBERTO ZANOTTI

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

ESCALA DIAGNÓSTICA ADAPTATIVA OPERACIONALIZADA DE AUTORRELATO

EDAO-AR (2ª versão)

Elisa Medici Pizão Yoshida

DADOS DO RESPONDENTE

Iniciais/ nº protocolo: _____

Idade: _____

Sexo: F [] M [] Outro []

Estado civil: solteiro [] casado/união estável [] divorciado/desquitado [] viúvo []

Nível de Escolaridade: Fundamental incompleto [] Fundamental completo []

Ensino médio incompleto [] Ensino médio completo []

Universitário incompleto [] Universitário completo []

Nenhum []

COMO RESPONDER À ESCALA

A EDAO-AR tem como objetivo avaliar a forma como você age em diferentes situações e como você se sente atualmente em relação à sua vida. Por isso, **não tem respostas certas ou erradas**. Cada item apresenta uma situação (em negrito), seguida de possíveis maneiras de enfrentar o problema.

- ✓ **Você deve assinalar com um x na coluna da esquerda, a alternativa que mais se aproxima ao modo como você agiria na situação ou como você sente que é mais característico de você.**
- ✓ **Você deve responder apenas a uma das alternativas de cada item.**
- ✓ **Você deve responder a todos os itens.**

Σ	R	Item
		1. Em festas e reuniões de amigos eu ...
		fico à vontade e me divirto.
		fico ansioso e tenho dificuldade para me divertir.
		bebo tanto que geralmente passo mal ou apago antes do final da festa.
		2. Quando eu discordo de alguém eu...
		falo calmamente o que eu acho, para não brigar.
		evito falar sobre o que eu acho, para não ter briga.
		acabo brigando com a pessoa porque não aceito perder.
		3. Quando eu estou com raiva de alguém eu...
		deixo para falar depois que a raiva passou, para não me arrepender depois.
		acho melhor nem falar para não dar motivos para brigas.
		não sossego enquanto eu não me vingou.
		4. Quando eu preciso de alguma coisa eu...
		peço ajuda e mostro que estou agradecido, mesmo que a ajuda não tenha sido exatamente como eu queria.
		peço ajuda mas acabo me arrependendo porque as pessoas não fazem as coisas do jeito que eu gosto.
		brigo com qualquer um que tente me impedir.
		5. Quando alguém não faz o que eu peço eu...
		fico com raiva mas converso para saber por que não fez o que eu pedi.
		fico com raiva e acabo fazendo eu mesmo para não ter briga
		fico com muita raiva e espero um momento para me vingar.
		6. Quando alguém me pede dinheiro eu...
		empresto se eu tenho certeza de que não vai me fazer falta.
		empresto, mas fico com medo de me fazer falta .
		não empresto mesmo sabendo que não vai me fazer falta
		7. Quando um amigo me diz que vai sair com outra pessoa eu...
		digo que tudo bem e proponho um outro dia para nos vermos.
		sinto ciúmes, mas não digo nada para ele não ficar chateado.
		invento que também vou sair com alguém, para ele também ficar com ciúmes.
		8. Quando eu quero alguma coisa eu...
		consigo esperar o tempo que for necessário para conseguir.
		vou atrás mesmo sabendo que não tenho chance de conseguir.
		faço qualquer coisa para conseguir realizar o que eu quero, mesmo que depois eu me prejudique.
		9. Quando alguma coisa dá errada para mim eu...
		fico chateado e procuro resolver o problema de outro jeito.
		fico chateado, mas não tento outra forma de resolver o problema.
		fico tão nervoso que não consigo pensar em mais nada.
		10. Quando eu gosto de alguém eu...
		mostro meus sentimentos por meio de palavras ou ações.
		tenho dificuldade em mostrar meus sentimentos por meio de palavras ou ações.
		não mostro de jeito nenhum meus sentimentos porque tenho medo da inveja dos outros .

		11. Quando estou com pessoas de minha família eu...
		me sinto à vontade para falar o que penso .
		só falo sobre coisas que eu sei que não vão causar problemas.
		me fecho e não falo nada porque sempre acaba em briga.
		12. Quando eu preciso de ajuda eu,
		sempre peço a um amigo, porque sei que posso contar com ele.
		tenho dificuldade de pedir ajuda para um amigo, mesmo sabendo que posso contar com ele.
		não tenho nenhum amigo com quem contar.
		13. Com pessoas que eu não conheço (por exemplo , numa fila de ônibus ou de supermercado) eu...
		geralmente puxo conversa porque gosto de conhecer novas pessoas.
		puxo conversa mas depois fico me sentindo mal.
		finjo que não ouvi quando alguém tenta puxar conversa porque tenho medo que ela queira saber da minha vida.
		14. Eu me considero uma pessoa...
		amada por pessoas importantes para mim (pai/mãe; marido/mulher; filho/filha).
		que não foi suficientemente amada por pessoas importantes para mim.
		que nunca recebeu amor verdadeiro das pessoas importantes para mim.
		15. Eu reconheço que...
		quero ser amado pelas pessoas importantes para mim.
		tenho dificuldade em aceitar que quero ser amado pelas pessoas.
		sou uma pessoa tão carente que preciso que todo mundo goste de mim.
		16. Quando eu percebo que alguém gosta de mim eu me sinto...
		bem e procuro retribuir mostrando que eu também gosto dele.
		mal, mas procuro não demonstrar.
		muito mal, porque não sei o que a pessoa viu em mim.
		17. Em situação de stress eu fico...
		nervoso mas me controlo para resolver o problema.
		nervoso e acabo tendo dificuldade para resolver o problema.
		tão nervoso que perco totalmente o controle.
		18. Nos meus relacionamentos amorosos (namoro/noivado/ casamento) eu....
		respeito a vontade do meu parceiro e sei ser respeitado.
		respeito a vontade do meu parceiro, mas dificilmente sou respeitado.
		sempre acabo impondo minha vontade.
		19. Quando eu fico nervoso eu...
		procuro entender o que me deixou nervoso para resolver o problema.
		tenho medo de perder o controle, mas isso nunca aconteceu.
		descarrego o meu nervosismo chutando e quebrando tudo ao meu redor.
		20. Quando eu preciso de ajuda eu...
		sempre peço a alguém de minha família porque sei que posso contar com eles.
		tenho dificuldade de pedir ajuda para alguém de minha família, mesmo sabendo que posso contar com eles.

	não peço a ninguém de minha família, porque sei que nunca posso contar com eles.
	21. Quando alguém me agride sem motivos eu...
	fico com raiva durante algum tempo, mas depois eu me acalmo.
	eu enfrento a pessoa mas depois fico me sentindo mal.
	fico com tanta raiva que eu tenho vontade de matar a pessoa.
	22. Quando eu estou com meus amigos eu....
	falo sobre coisas de minha intimidade porque sei que posso confiar neles.
	falo sobre coisas de minha intimidade, porém não confio plenamente neles.
	nunca falo de coisas íntimas porque tenho certeza que eles vão comentar com outras pessoas.
	23. Quando tenho algum evento social (casamento, reunião de confraternização no trabalho ou na escola, batizado, etc.) eu....
	costumo ir e me sentir bem, mesmo que não conheça bem os outros convidados.
	só vou se tenho certeza de que vou encontrar amigos ou pessoas de minha família, pois não me sinto muito bem frente a estranhos.
	dou uma desculpa qualquer para me livrar da situação, porque me sinto muito mal onde há muitas pessoas, mesmo que sejam conhecidas ou de minha família.
	24. Quando uma pessoa me faz um favor eu....
	me sinto agradecido e procuro demonstrar por palavras e ações.
	me sinto agradecido, mas nem sempre expresso meus sentimentos de forma clara porque sou tímido.
	acho que não tenho que falar nada porque ela sabe que estou agradecido.
	25. Em reuniões de trabalho (ou grupos de estudo) eu fico...
	à vontade e colaboro ativamente.
	ansioso e tenho dificuldade para colaborar.
	de mau humor com o comportamento de outras pessoas que dão sua opinião, ou que querem aparecer.
	26. Em situações de trabalho (ou de estudo), quando eu discordo do meu chefe (ou professor) eu ...
	dou minha opinião sempre que sou consultado.
	só dou minha opinião se eu tiver certeza de que estou certo.
	nunca dou minha opinião.
	27. Dentro da minha área de atuação, como profissional ou estudante, eu me sinto...
	capaz de assumir responsabilidades e de realizar bem a maioria das tarefas.
	capaz de assumir responsabilidades, mas nem sempre realizo bem as tarefas.
	incapaz para assumir responsabilidades, e por isso eu nem me esforço.
	28. Quando tiro férias eu...
	realmente me desligo do trabalho (estudo) e consigo me divertir ou descansar.
	acabo sempre perdendo alguns dias com trabalhos e tarefas profissionais.
	não me desligo do meu trabalho (estudo) e nem consigo me divertir ou descansar.
	29. No meu trabalho (ou estudo) eu costumo ficar
	seguro com o resultado das minhas ações porque sempre procuro fazer o melhor

	possível.
	inseguro com o resultado de minhas ações, mesmo sabendo que tentei fazer o melhor possível.
	totalmente inseguro com o resultado de minhas ações, porque nunca sei qual é a melhor solução.
	30. Quando eu não estou trabalhando (estudando)....
	eu me concentro no que eu estou fazendo e me sinto bem assim.
	eu tenho dificuldade em me concentrar no que eu estou fazendo, porque estou sempre pensando em coisas do meu trabalho (estudo).
	eu não consigo me concentrar em nada, porque só fico pensando nas coisas que eu tenho para resolver.
	31. No trabalho (estudo) eu...
	consigo dar conta de todas as minhas tarefas sem grande esforço e desgaste.
	consigo dar conta de todas as tarefas, com grande esforço e desgaste.
	não consigo dar conta das minhas tarefas porque sou muito desorganizado.
	32. No meu emprego (curso) eu ...
	aceito a colaboração de meus colegas, sempre que preciso de ajuda.
	só peço ajuda quando não consigo resolver sozinho.
	nunca peço a colaboração de ninguém para não ficar devendo nada a ninguém.
	33. Em situações de emergência no meu trabalho (estudo) eu...
	faço bem o que é preciso porque eu consigo controlar meu nervosismo.
	só consigo fazer o mínimo necessário e mesmo assim fico esgotado.
	fico travado e não consigo fazer nada.
	34. No meu trabalho (estudo) eu...
	só assumo responsabilidades que sei que serei capaz de cumprir.
	muitas vezes assumo tantas responsabilidades que depois tenho que fazer horas extras ou perder meus finais de semana para dar conta do recado.
	eu assumo tantas responsabilidades que não consigo terminar nenhuma delas.
	35. No meu trabalho (ou estudo) eu.....
	consigo manter um bom ritmo sem me sentir estressado .
	consigo manter um bom ritmo, mesmo sabendo que para conseguir isso vou ficar estressado.
	não consigo manter um bom ritmo de trabalho porque estou sempre estressado.
	36. Quando eu quero alguma coisa profissionalmente (por ex.: mudar de cargo, mudar de emprego; fazer um curso de aperfeiçoamento) eu...
	consigo esperar a melhor oportunidade para tentar, sem me estressar.
	eu tenho medo de me dar mal e só arrisco depois de ter certeza que não vou me arrepender.
	desisto antes de tentar, para não me frustrar depois.
	37. Diante de dificuldades em meu trabalho (ou estudo), ...
	se necessário, eu peço ajuda de um colega ou de um superior (professor).
	eu peço ajuda de um colega ou supervisor (professor), mas depois fico achando que deveria ter resolvido sozinho.
	eu nunca peço ajuda a ninguém porque me sinto muito humilhado.

	38. Na minha área de atuação (de estudo) eu...
	aceito bem minhas limitações porque acho que ninguém é perfeito.
	eu aceito mal minhas limitações, mas procuro resolver as coisas na medida do possível.
	costumo aceitar desafios impossíveis e depois não sei como resolver.
	39. Quando alguma coisa dá errada em meu trabalho (estudo) eu...
	procuro outra maneira de resolver a situação e quando dá certo, eu aprendo com a experiência .
	procuro outra maneira de resolver a situação, mas nem sempre aprendo com a experiência.
	tento resolver sempre da mesma forma porque sou muito teimoso.
	40. Na minha área de atuação profissional (estudo) eu ...
	estou sempre procurando progredir e aproveitar as oportunidades.
	às vezes penso em procurar algo melhor, mas depois penso na segurança do meu emprego (curso) e acabo desistindo.
	mudo muito de emprego (curso) porque não sei bem o que eu quero.
	41. No meu emprego (curso) eu ...
	sempre que possível, colaboro com meus colegas.
	procuro colaborar, mesmo quando não me pedem.
	nunca colaboro com meus colegas porque ninguém reconhece o meu esforço.
	42. Profissionalmente (os nos meus estudos), eu me sinto...
	realizado porque eu faço aquilo que eu gosto.
	realizado, mas às vezes fico na dúvida se não teria algo melhor para eu fazer.
	frustrado, porque não tenho tempo para mais nada.
	43. Economicamente eu me sinto...
	realizado, porque ganho muito bem.
	realizado, mas sem tempo para fazer outras coisas.
	frustrado, porque ainda dependo de meus pais.
	44. No meu trabalho (ou estudo) eu me sinto...
	confiante porque costumo me organizar para fazer tudo com antecedência .
	confiante, mas às vezes não consigo me organizar para fazer as coisas com a antecedência que gostaria.
	tão confiante que nem preciso me organizar com antecedência para fazer as coisas.
	45. No trabalho (estudo) ...
	tenho um bom rendimento porque sou organizado.
	meu rendimento é médio porque eu não sou muito organizado.
	meu rendimento é muito baixo porque eu sou muito desorganizado.

Anexo D

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (VALIDADE SEMÂNTICA)

A pesquisa para a qual você esta sendo convidado a participar tem como objetivo a desenvolver um teste psicológico que visa conhecer como as pessoas enfrentam os problema e dificuldades em seus relacionamentos e na vida profissional. Características que são denominadas de qualidade de adaptação. Mais especificamente, o teste se destina à avaliação de atletas.

Nesta pesquisa você participará de grupos com 3 a 4 pessoas, dirigidos pelo pesquisador responsável. O objetivo é o de saber se as frases que estão sendo desenvolvidas para o teste podem ser compreendidas por atletas de diferentes modalidades e se elas podem ser aperfeiçoadas. Isto é, você não vai precisar falar de coisas suas ou expor aspectos de sua vida. O que nós estamos interessados e na sua compreensão sobre as frases que lhe serão apresentadas. O pesquisador também cantará com as sugestões dadas pelos membros do grupo, que serão anotadas, e posteriormente servirão para a construção final do teste.

Todos os dados que você fornecer serão tratados com a máxima confidencialidade pelo pesquisador. Em nenhum momento seu nome será divulgado. Todos os dados serão analisados em termos de grupos.

Saiba que sua participação nesta pesquisa é totalmente voluntária, não havendo nenhuma remuneração por ela. Se você aceitar participar, saiba que você é totalmente livre para abandoná-la a qualquer momento. Além disto, você poderá solicitar que se retire dela qualquer contribuição que você já tenha prestado.

A divulgação do trabalho terá finalidade acadêmica, esperando contribuir para desenvolvimento de um teste que ajude os psicólogos a realizarem diagnósticos mais rápidos e precisos. Os dados coletados serão utilizados na dissertação de mestrado do Psicólogo Evandro Morais Peixoto, o qual você poderá ter acesso através do telefone para contato: 8969-8101. Se você tiver dúvidas durante sua participação na pesquisa, ou mesmo depois dela ter se encerrado, poderá entrar em contato para esclarecê-las.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da PUC-Campinas cujo telefone para contato é o: (19) 3343- 6777.

Em caso de você concordar em participar deverá assinar e datar este Termo de Consentimento, do qual uma cópia será fornecida a você.

Evandro Morais Peixoto

Eu declaro ter sido informado e compreendido a natureza e objetivo da pesquisa e eu livremente concordo em participar. Declaro ainda ser maior de 18 anos.

Nome: _____

Assinatura: _____

Data: _____

Anexo E

CARTA DE INFORMAÇÃO À INSTITUIÇÃO

Campinas,.....de..... de

Prezado Sr.,

Eu, *Evandro Morais Peixoto*, aluno do Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Psicologia, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, pretendo realizar, como dissertação de mestrado, pesquisa intitulada ***Desenvolvimento da Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada de auto-relato para Atletas (EDAO-AR-A)***. Para tanto, necessito coletar os dados junto a equipes desportivas. Nesse sentido, venho respeitosamente solicitar a permissão de Vossa Senhoria para convidar os atletas do time, sob sua direção, para colaborarem como participantes. A pesquisa está sendo orientada pela Profa. Dra. Elisa Medici Pizão Yoshida e tem como objetivo, desenvolver um teste psicológico que visa conhecer como as pessoas enfrentam os problema e dificuldades em seus relacionamentos e na vida profissional. Mais especificamente, o teste se destina à avaliação de atletas.

Os dados para este estudo serão coletados por meio da aplicação do referido teste psicológico. A aplicação ocorrerá em algum espaço localizado no próprio centro de treinamento, desde que o mesmo apresente condições adequadas de privacidade. A participação do atleta será totalmente voluntária e precedida da assinatura de um Termo de Esclarecimento Livre e Esclarecido. Esta pesquisa não oferecerá riscos importantes, físicos e/ou psicológicos, aos participantes. Quando, por conta das respostas ao teste, forem levantadas lembranças desagradáveis ou, mal estar psicológico ao participante, o pesquisador fará o encaminhamento necessário para resolução da dificuldade apresentada.

A divulgação do trabalho terá finalidade acadêmica, e espera-se contribuir para desenvolvimento de um teste que ajude os psicólogos na realização de diagnósticos mais rápidos e precisos. Todos os dados fornecidos serão utilizados sem a identificação dos participantes e instituição envolvida. Os resultados da pesquisa serão disponibilizados à instituição por meio da dissertação de mestrado do psicólogo Evandro Morais Peixoto. Quaisquer dúvidas que existirem agora ou a qualquer momento em relação à pesquisa poderão ser esclarecidas, bastando entrar em contato pelo telefone abaixo mencionado.

Se Vossa Senhoria estiver de acordo, peço que o confirme por meio do preenchimento dos dados abaixo. Desde já, agradeço sua atenção.

Evandro Morais Peixoto
Pesquisador responsável – Tel. (11) 8089-4423

Profa. Dra. Elisa Medici Pizão Yoshida
Orientadora

Eu, _____, portador do RG: _____ representante da instituição, _____, sob o cargo _____ após a leitura da Carta de Informação à Instituição, ciente dos procedimentos propostos, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firmo, minha concordância quanto à realização da pesquisa.

São Paulo,..... dede.....

Assinatura do representante da instituição
(carimbo da instituição)

Anexo F

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (CONSISTÊNCIA INTERNA)

A pesquisa a qual você esta sendo convidado a participar tem como objetivo avaliar a utilidade de um teste psicológico para conhecer como as pessoas enfrentam os problemas e dificuldades nos seus relacionamentos e na vida profissional. Estas características são chamadas de qualidade da adaptação. Mais especificamente, o teste se destina à avaliação de atletas.

Os dados para este estudo serão coletados através da aplicação de um teste psicológico em forma de questionário que será realizado pelo pesquisador responsável. Todos os dados que você fornecer serão tratados com a máxima confidencialidade pelo pesquisador. Em nenhum momento seu nome será divulgado. Todos os dados serão analisados em termos de grupos.

Saiba que sua participação nesta pesquisa é totalmente voluntária, não havendo nenhuma remuneração por ela. Se você aceitar participar, saiba que você é totalmente livre para abandoná-la a qualquer momento. Além disto, você poderá solicitar que se retire dela qualquer contribuição que você já tenha prestado.

Em princípio, este estudo traz um risco mínimo aos participantes. No entanto, em alguns casos, as respostas aos testes trazem recordações ou emoções pessoais que podem não ser agradáveis. Em caso de você se sentir deprimido, ansioso ou com qualquer mal estar psicológico devidos à sua participação na pesquisa, o pesquisador fará o encaminhamento necessário para resolução da dificuldade apresentada.

A divulgação do trabalho terá finalidade acadêmica, esperando contribuir para desenvolvimento de um teste que ajude os psicólogos a realizarem diagnósticos mais rápidos e precisos. Os dados coletados serão utilizados na dissertação de mestrado do Psicólogo Evandro Morais Peixoto, o qual você poderá ter acesso através do telefone para contato: 8969-8101. Se você tiver dúvidas durante sua participação na pesquisa, ou mesmo depois dela ter se encerrado, poderá entrar em contato para esclarecê-las.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da PUC-Campinas cujo telefone para contato é o: (19) 3343- 6777.

Em caso de você concordar em participar deverá assinar e datar este Termo de Consentimento, do qual uma cópia será fornecida a você.

Evandro Morais Peixoto

Eu declaro ter sido informado e compreendido a natureza e objetivo da pesquisa e eu livremente concordo em participar. Declaro ainda ser maior de 18 anos.

Nome: _____

Assinatura: _____

Data: _____

Anexo G

ITENS ESCALA AFETATIVO RELACIONAL (AR)

P	Σ	R	Item
			1. Em festas e reuniões de amigos eu...
			fico à vontade e me divirto.
			fico ansioso e tenho dificuldade para me divertir.
			bebo tanto que geralmente passo mal ou apago antes do final da festa.
			2. Quando eu discordo de alguém eu...
			falo calmamente o que eu acho, para não brigar.
			falo o que eu acho, mesmo que acabe em briga.
			evito falar sobre o que eu acho, para não ter briga.
			acabo brigando com a pessoa porque não aceito perder.
			3. Quando estou com raiva de alguém eu...
			deixo para falar depois que a raiva passou, para não me arrepender depois.
			falo tudo que penso mesmo que me arrependa depois.
			acho melhor nem falar para não dar motivos para brigas.
			não sossego enquanto eu não me vingou.
			4. Quando preciso de alguma coisa eu...
			peço ajuda e mostro que estou agradecido, mesmo que a ajuda não tenha sido exatamente como eu queria.
			Peço ajuda, mas acabo me arrependendo porque as pessoas não fazem as coisas do jeito que eu gosto.
			brigo com qualquer um que tenta me impedir
			5. Quando alguém não faz o que eu peço eu...
			fico com raiva, mas converso para saber por que não fez o que eu pedi.
			fico com raiva e acabo fazendo eu mesmo para não ter briga.
			fico com muita raiva e espero um momento para me vingar.
			6. Quando alguém me pede dinheiro eu...
			empresto se eu tenho certeza de que não vai me fazer falta.
			empresto, mas fico com medo de me fazer falta.
			não empresto mesmo sabendo que não vai me fazer falta.
			7. Quando um amigo me diz que vai sair com outra pessoa eu...
			digo que tudo bem e proponho outro dia para nos vermos.
			falo que tudo bem para não correr o risco de perder de vez o amigo.
			não aceito ser trocado por ninguém e por isso não falo mais com ele.
			invento que também vou sair com alguém, para ele também ficar com ciúmes.
			8. No decorrer de minha vida esportiva eu...
			tive muitos amigos e alguns se tornaram íntimos.
			estabeleci boas amizades com as quais procuro manter contato até hoje.
			tive alguns colegas, mas nenhum se tornou amigo íntimo.
			estabeleci boas amizades, mas nada que valesse apenas manter contato.

			nunca consegui estabelecer amizades para além do ambiente esportivo.
			estabeleci muitas amizades porque todos gostam de mim.
			9. Quando alguma coisa dá errada para mim eu...
			fico chateado, mas penso onde foi que eu errei para não errar mais.
			fico chateado e procuro resolver o problema de outro jeito.
			demoro a tentar de novo com medo de não dar certo
			fico chateado e tenho dificuldade de tentar de novo.
			fico tão nervoso que não consigo pensar em mais nada.
			10. Quando eu gosto de alguém eu...
			mostro meus sentimentos por meio de palavras ou ações.
			tenho dificuldade em mostrar meus sentimentos por meio de palavras ou ações.
			não mostro de jeito nenhum meus sentimentos porque tenho medo da inveja dos outros
			11. Quando estou com pessoas de minha família eu...
			me sinto à vontade para falar o que penso.
			só falo sobre coisas que eu sei que não vão causar problemas.
			me fecho e não falo nada porque sempre acaba em briga.
			12. Quando eu preciso de ajuda eu...
			sempre peço a um amigo, porque sei que posso contar com ele.
			tenho dificuldade de pedir ajuda para um amigo, mesmo sabendo que posso contar com ele.
			não tenho nenhum amigo com quem contar.
			13. Com pessoas que eu não conheço (por exemplo, numa fila de ônibus ou de supermercado) eu...
			geralmente puxo conversa porque gosto de conhecer novas pessoas.
			fico quieto para não expor minha vida para um estranho.
			finjo que não ouvi quando alguém tenta puxar conversa porque tenho medo que ela queira saber da minha vida.
			14. Quando um amigo precisa de ajuda eu...
			estou sempre disposto ajudar no que necessita.
			só ajudo os que eu sei que vão me ajudar se um dia eu precisar.
			não me preocupo em ajudar ninguém porque já tenho meus próprios problemas.
			15. Eu me considero uma pessoa...
			amada por pessoas importantes para mim (pai/mãe; marido/mulher; filho/filha).
			que não foi suficientemente amada por pessoas importantes para mim.
			que nunca recebeu amor verdadeiro das pessoas importantes para mim.
			16. Eu reconheço que...
			quero ser amado pelas pessoas importantes para mim.
			tenho dificuldade em aceitar que quero ser amado pelas pessoas.
			sou uma pessoa tão carente que preciso que todo mundo goste de mim.
			17. Quando eu percebo que alguém gosta de mim eu me sinto...
			bem e procuro retribuir mostrando que eu também gosto dele.
			mal, porque não sei se eu mereço.
			muito mal, porque não sei o que a pessoa viu em mim.
			sufocado e tento me afastar da pessoa.

			18. Em situação de stress eu fico...
			nervoso mas me controlo para resolver o problema.
			nervoso e acabo tendo dificuldade para resolver o problema.
			tão nervoso que perco totalmente o controle.
			19. Nos meus relacionamentos amorosos (namoro/noivado/ casamento) eu...
			respeito à vontade do meu parceiro e sei ser respeitado.
			respeito à vontade do meu parceiro, mas dificilmente sou respeitado.
			preciso fazer um esforço para respeitar a vontade de meu parceiro.
			sempre acabo impondo minha vontade.
			sempre acabo sendo explorado pelo meu parceiro.
			20. Com relação aos meus técnicos e amigos de equipe eu...
			tenho bons relacionamentos com a maioria deles, mas sei que alguns não gostam de mim.
			tenho bons relacionamentos com alguns, mas sei que muitos deles não gostam de mim.
			não consigo estabelecer bons relacionamentos e por isso ninguém gosta de mim.
			21. Quando discuto com algum companheiro de equipe eu.
			tenho facilidade em reconhecer meus erros e pedir desculpa
			tenho facilidade em reconhecer meus erros, mas não consigo pedir desculpas.
			Não falo nada, mas procuro corrigir o que fiz de errado.
			nunca peço desculpas porque a culpa sempre está na outra pessoa
			finjo que nada aconteceu.
			22. Quando eu fico nervoso eu...
			procuro entender o que me deixou nervoso para resolver o problema.
			tenho medo de perder o controle, mas isso nunca aconteceu.
			não consigo me controlar e acabo brigando com quem aparece na minha frente.
			descarrego o meu nervosismo chutando e quebrando tudo ao meu redor.
			23. Quando eu preciso de alguma coisa...
			sempre peço a alguém de minha família porque sei que posso contar com eles.
			tenho dificuldade de pedir ajuda para a alguém de minha família, mesmo sabendo que posso contar com eles.
			não peço a ninguém de minha família, porque sei que nunca posso contar com eles.
			24. Quando alguém me agride sem motivos eu...
			fico com raiva durante algum tempo, mas depois eu me acalmo.
			eu enfrento a pessoa, mas depois fico me sentindo mal.
			fico com tanta raiva que eu tenho vontade de matar a pessoa.
			me sinto culpado por ter provocado o outro.
			fico com tanta raiva que eu não consigo pensar em mais nada por vários dias.
			25. Quando vejo um amigo se destacando em minha equipe eu...
			fico feliz e demonstro que estou contente por ele.
			falo que fiquei contente, mas no fundo não sinto nada já que suas conquistas não dizem respeito à minha vida.
			Não falo nada, mas no fundo eu fico com raiva porque acho que ele não merecia.

			26. Diante do técnico e companheiros de equipe eu...
			sinto que sou respeitado e sei que tenho importância para eles.
			sinto-me respeitado, mas acho que não tenho a importância que gostaria de ter.
			sinto-me desrespeitado por ser menos valorizado do que outras pessoas do grupo.
			sinto que minha presença na equipe não faz diferença para essas pessoas.
			27. Quando sinto que estou sendo prejudicado por alguém eu...
			fico irritado, mas procuro não me deixar abater pela ação do outro.
			fico irritado, e me deixo abater por um tempo.
			eu não sossego enquanto não o prejuízo também.
			28. Nos grupos dos quais faço parte (equipe, estudo, amigos) eu...
			sempre que possível, colaboro com meus colegas.
			colaboro com meus colegas para não me acharem egoísta.
			me sinto na obrigação de colaborar, mesmo quando não me pedem.
			nunca colaboro com meus colegas porque ninguém reconhece o meu esforço.
			29. Quando eu quero alguma coisa eu...
			consigo esperar o tempo que for necessário para conseguir.
			vou atrás mesmo sabendo que não tenho chance de conseguir.
			faço qualquer coisa para conseguir realizar o que eu quero, mesmo que depois eu me prejudique.
			30. Quando me comparo às pessoas de minha idade eu...
			sinto-me satisfeito com a vida que eu tenho.
			sinto-me mais ou menos satisfeito com a vida que eu tenho
			sinto-me muito insatisfeito com a vida que tenho

Anexo H

ITENS ESCALA PRODUTIVIDADE (Pr)

		31. Dias antes de uma competição (jogo) eu fico...
		à vontade, consigo realizar minhas tarefas diárias naturalmente.
		fico ansioso, mas consigo lidar com este sentimento.
		fico ansioso tenho dificuldade de realizar as tarefas diárias.
		prefiro não pensar na competição, pois sei que isso trará prejuízos para minha rotina.
		fico tão nervoso que não consigo realizar minhas tarefas cotidianas.
		32. Frente a um adversário inferior eu...
		procuro dar o melhor de mim para não ser surpreendido ao final da competição (jogo).
		fico nervoso, mas consigo ter boas atuações.
		fico apavorado, pois sei que a vitória não é mais que minha obrigação.
		33. Frente um adversário superior eu...
		percebo a situação como uma oportunidade e procuro superar minhas limitações.
		fico nervoso, mas procuro me acalmar e atuar da melhor maneira possível.
		sei que não há o que fazer, independente do meu desempenho sairei derrotado.
		Perco totalmente o controle, porque acho que se formos derrotados, a culpa será minha.
		34. Durante uma competição (jogo) eu...
		consigo lembrar das estratégias treinadas e colocá-las em práticas.
		tenho facilidade em realizar as estratégias treinadas.
		lembro-me das estratégias treinadas, porém não consigo colocá-las em prática.
		fico nervoso, o que me prejudica na execução das estratégias treinadas.
		não consigo ao menos me lembrar das estratégias treinadas.
		35. Quando sou prejudicado por um erro de arbitragem eu...
		fico irritado, mas procuro me acalmar para não ter meu desempenho prejudicado.
		procuro não me ocupar com as decisões do árbitro, e tento manter o foco na minha tarefa.
		Encaro com naturalidade, sei que todos podem errar.
		fico nervoso e perco a concentração por alguns instantes.
		sinto-me injustiçado, mas me esforço para retornar ao foco da competição.
		Perco o controle e faço reclamações agressivas, a ponto de ser penalizado.
		Não aceito erros do árbitro e parto para cima dele.
		36. Quando sou cobrado rispidamente por meu técnico...
		vejo a cobrança como incentivo para melhora do meu rendimento.
		entendo que a cobrança visa o bem da equipe.
		fico com raiva por não cumprir suas expectativas, mas procuro por em prática

		suas orientações.
		sinto-me coagido e tenho que me esforçar para não ter meu desempenho afetado.
		fico travado e perco o controle da situação.
		entendo a cobrança como uma agressão pessoal o que prejudica minha relação com ele.
		37. Quanto ao término da minha carreira esportiva...
		procuro me preparar para o futuro e tenho outros planos profissionais
		sei que esta hora vai chegar, porém não quero pensar nisso agora.
		não acredito que preciso pensar em outras atividades, pois faço o que gosto.
		38. Durante situações decisivas eu...
		consigo lidar com a pressão e manter o nível de concentração para resolver o problema.
		faço bem o que é preciso porque consigo controlar meu nervosismo.
		consigo controlar meu nervosismo, mas mesmo assim tenho meu desempenho prejudicado.
		fico travado e não consigo fazer nada.
		39. Quando eu quero alguma coisa profissionalmente (por ex: desenvolver novas habilidades, mudar de equipe; atuar em novas funções) eu...
		consigo esperar a melhor oportunidade para tentar, sem me estressar.
		tenho medo de me dar mal e só me arrisco depois de ter certeza que não vou me arrepender.
		faço o que estiver ao meu alcance para conquistar o que eu quero, mas me arrependo depois.
		desisto antes de tentar para não me frustrar depois.
		40. Em (reuniões de equipe, preleções, tempo técnico) eu fico...
		à vontade e tenho facilidade em compreender as orientações
		ansioso e tenho dificuldade em absorver as orientações
		Fico tão nervoso que não consigo compreender as instruções.
		41. Em situações de treinamentos e competições (jogos), quando eu discordo do meu técnico eu...
		dou minha opinião sempre que sou consultado.
		tenho facilidade em expor o que penso.
		só dou minha opinião quando tenho certeza de que estou certo.
		dou minha opinião e me arrependo logo em seguida.
		procuro impor minha opinião
		nunca dou minha opinião.
		42. Em relação aos companheiros de equipe eu...
		sinto que posso confiar neles.
		confio nas capacidades de cada um.
		sei que posso contar com eles, mas prefiro não incomodá-los.
		não acredito que posso confiar neles.

			Prefiro não contar com a ajuda de ninguém.
			43. Quanto às minhas condições físicas, táticas e técnicas eu...
			aceito bem minhas limitações porque acho que ninguém é perfeito.
			tenho dificuldades em aceitar minhas limitações, mas procuro superá-las dedicando-me mais nos treinos.
			costumo aceitar desafios além das minhas limitações e depois não sei o que fazer.
			centro todas as decisões em mim porque sei que ninguém terá um desempenho melhor que o meu.
			44. Em situações de treinamento e competição (jogos) eu...
			aceito a colaboração de meus amigos de equipe sempre que preciso de ajuda.
			peço ajuda quando não consigo resolver sozinho.
			peço ajuda, mas fico incomodado em demonstrar minhas limitações.
			nunca peço a colaboração para não expor minhas limitações.
			45. Economicamente eu me sinto...
			realizado, porque ganho muito bem.
			realizado, mas sem tempo para fazer outras coisas.
			frustrado, porque não ganho bem.
			frustrado, porque ainda dependo de meus pais.
			46. Quando eu não estou em situações de treinamentos e competições...
			eu me concentro no que estou fazendo e me sinto bem.
			eu tenho dificuldade em me concentrar no que eu estou fazendo porque estou sempre pensando em coisas relacionadas aos treinamentos e competições.
			eu não consigo me concentrar em nada, porque só fico pensando nos desafios que tenho que enfrentar.
			47. Após derrota em uma competição (jogo) importante eu...
			fico chateado, mas logo consigo me recuperar e pensar no próximo desafio.
			sinto-me culpado e durante dias fico pensando no que poderia ter feito diferente.
			não consigo superar a derrota fico pensando naquela decepção durante semanas.
			48. Quando sofro alguma lesão eu...
			Procuro me empenhar nas atividades fisioterápicas para voltar a treinar o mais rápido possível.
			fico chateado, mas não deixo me abater pela situação.
			tenho medo de perder espaço na equipe e por isso procuro me recuperar o mais rápido possível.
			penso em largar a carreira de atleta.
			fico apavorado, não consigo viver sem a rotina competitiva.
			49. Durante os períodos de treinamentos eu...
			Sinto-me à vontade com a carga de treinamentos sugerida pela comissão técnica.
			sinto-me sobrecarregado com a carga de treinamentos, mas consigo cumprir as

		exigências.
		sinto-me esgotado com a carga de treinamento a ponto de não ter energia para realizar outras atividades.
		50. Quando me desentendo com algum companheiro de equipe eu...
		consigo expressar minha opinião sem ofender o outro.
		espero o melhor momento para falar o que penso.
		falo o que tenho vontade mesmo que isso prejudique nossa relação.
		não falo o que tenho vontade por medo de perder o amigo.
		perco o controle e tenho comportamentos explosivos.
		51. Durante as competições (jogos) quando algum companheiro de equipe me chama atenção eu...
		presto atenção em suas orientações e procuro melhorar o que foi apontado.
		entendo sua intenção de me ajudar e procuro ouvir o que tem pra me dizer.
		sinto-me desconfortável por ser exposto na frente dos outros colegas, mas considero a opinião do amigo.
		fico irritado e ouço apenas o que é bom pra mim.
		viro as costas e não dou ouvidos ao que ele diz.
		52. Quando estou competindo (jogando) eu.
		consigo permanecer concentrado na competição, o que me ajuda a manter ou alcançar um bom desempenho.
		presto atenção nos acontecimentos ao meu redor (torcida, pessoas importantes, acontecimentos externos etc.) e as vezes me distraio do jogo (competição).
		fico preocupado com os erros que posso cometer durante a competição, mas consigo atuar normalmente.
		fico desligado pensando em outras coisas que não dizem respeito ao momento competitivo.
		53. Diante da pressão da torcida adversária eu fico...
		calmo e por isso tenho facilidade em desenvolver o que foi treinado anteriormente.
		nervoso, mas consigo me controlar e desenvolver bem o meu papel.
		nervoso e por isso tenho que me esforçar mais para alcançar o rendimento esperado.
		travado e sem o controle da situação
		54. Quanto aos treinos e competições (jogos) eu...
		consigo manter o mesmo nível de rendimento dos treinos durante as competições.
		tenho melhor rendimento nas competições do que nos treinos.
		sinto que sou levemente prejudicado pelo nervosismo durante as competições.
		tenho melhor rendimento nos treinos do que nas competições.
		55. Em competições (jogos) que tenho a torcida ao meu favor eu...
		sinto-me mais confiante para enfrentar o adversário e costumo me sair muito bem.
		sinto-me à vontade com o apoio do torcedor e tenho melhor rendimento.

		fico nervoso pela responsabilidade que é depositada em mim, mas me esforço para desempenhar bem o meu papel.
		sinto-me pressionado pela obrigação da vitória e por isso cometo mais erros.
		fico tão preocupado em agradar a torcida que tenho o rendimento prejudicado.
		56. Quanto à disciplina exigida de um atleta (alimentação, descanso, concentração etc.) eu...
		entendo a necessidade destas exigências e não tenho dificuldades para cumpri-las
		entendo a necessidade destas exigências, porém tenho dificuldades para cumpri-las.
		não concordo com estes tipos de restrições, mas cumpro as ordens que recebo da comissão técnica.
		não concordo com estas restrições e por isso faço o que tenho vontade.
		não acredito que isso possa influenciar meu rendimento e por isso não cumpro estas restrições.
		57. Quando tenho uma oportunidade profissional (aumento de salário, melhores condições de trabalho, convocações para seleções, etc.) eu...
		sinto-me motivado e procuro melhorar a cada treinamento e competição (jogo).
		fico contente, mas prefiro não criar expectativas e deixo tudo como está.
		espero sempre o melhor, e me frustro.
		não me sinto merecedor de novas oportunidades e por isso não me esforço para alcançá-las
		fico muito ansioso e só descanso quando alcanço o que eu quero.
		58. Profissionalmente eu me sinto...
		realizado porque eu faço aquilo que eu gosto.
		realizado, porque tenho sempre novos desafios para enfrentar.
		realizado, mas às vezes fico na dúvida se não teria algo melhor para eu fazer.
		realizado porque eu faço o que gosto, mas sem tempo para fazer outras coisas.
		frustrado, porque não tenho tempo para mais nada.
		frustrado porque acho que o esporte não é reconhecido no Brasil.

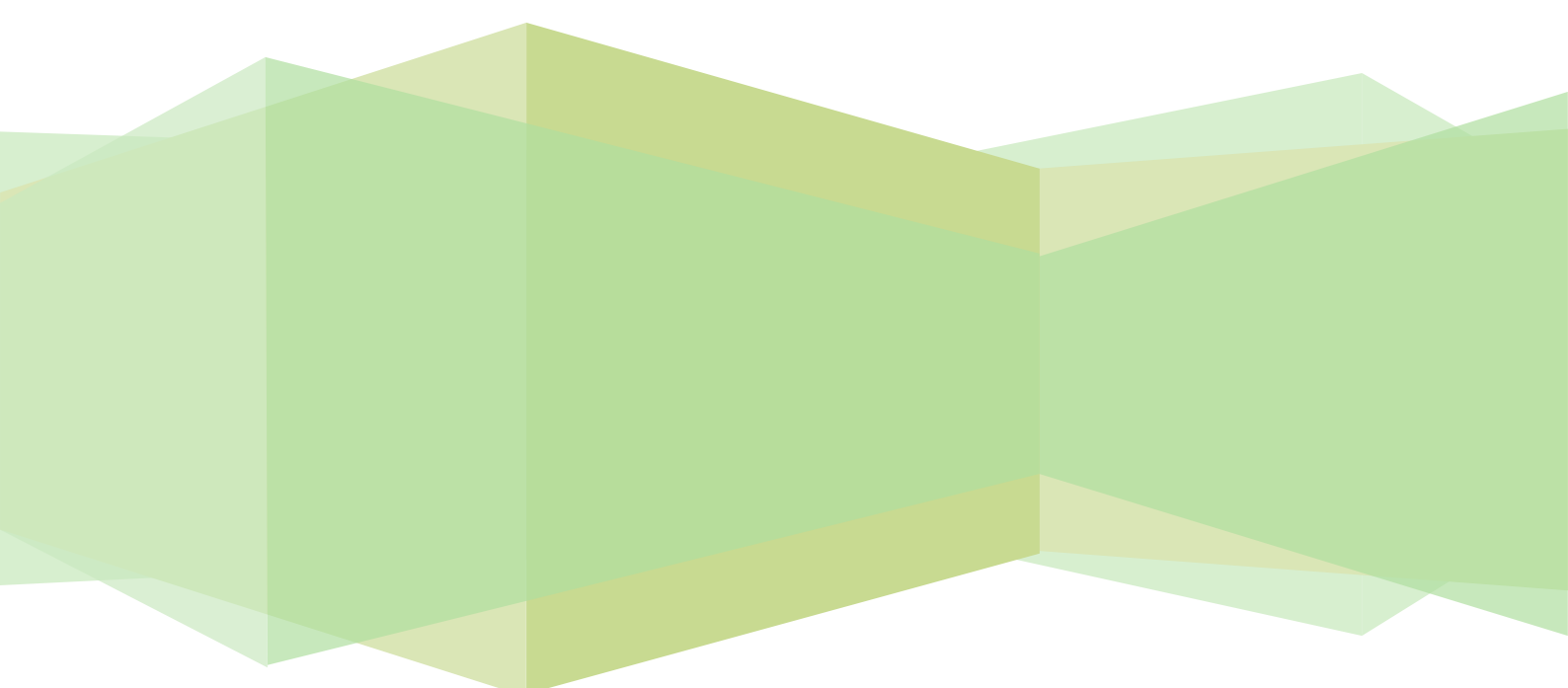
Anexo I

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

ESCALA DIAGNÓSTICA ADAPTATIVA PARA ATLETAS

EDAO-AR-A

Evandro Morais Peixoto e Elisa Medici Pizão Yoshida



DADOS DO RESPONDENTE

Iniciais/ nº protocolo: _____

Idade: _____

Modalidade esportiva: _____

Categoria: _____

Sexo: F [] M []

Nível competitivo: [] Regional [] Nacional [] Internacional

Estado civil: solteiro [] casado/união estável [] divorciado/desquitado [] viúvo []

Nível de Escolaridade: Fundamental incompleto [] Fundamental completo []

Ensino médio incompleto [] Ensino médio completo []

Universitário incompleto [] Universitário completo []

Nenhum []

COMO RESPONDER À ESCALA

A EDAO-AR-A tem como objetivo avaliar a forma como você age em diferentes situações e como você se sente atualmente em relação à sua vida. Por isso, **não tem respostas certas ou erradas**. Cada item apresenta uma situação (em negrito), seguida de possíveis maneiras de enfrentar o problema.

- ✓ **Você deve assinalar com um x na coluna da esquerda, a alternativa que mais se aproxima ao modo como você agiria na situação ou como você sente que é mais característico de você.**
- ✓ **Você deve responder apenas a uma das alternativas de cada item.**
- ✓ **Você deve responder a todos os itens.**

P	Σ	R	Item
			1. Quando eu discordo de alguém eu...
			falo calmamente o que eu acho, para não brigar.
			falo o que eu acho, mesmo que acabe em briga.
			evito falar sobre o que eu acho, para não ter briga.
			acabo brigando com a pessoa porque não aceito perder.
			2. Quando estou com raiva de alguém eu...
			deixo para falar depois que a raiva passou, para não me arrepender depois.
			falo tudo que penso mesmo que me arrependa depois.
			acho melhor nem falar para não dar motivos para brigas.
			não sossego enquanto eu não me vingou.
			3. Quando alguém não faz o que eu peço eu...
			fico com raiva, mas converso para saber por que não fez o que eu pedi.
			fico com raiva e acabo fazendo eu mesmo para não ter briga.
			fico com muita raiva e espero um momento para me vingar.
			4. Quando alguma coisa dá errada para mim eu...
			fico chateado, mas penso onde foi que eu errei para não errar mais.
			fico chateado e procuro resolver o problema de outro jeito.
			demoro a tentar de novo com medo de não dar certo
			fico chateado e tenho dificuldade de tentar de novo.
			fico tão nervoso que não consigo pensar em mais nada.
			5. Eu me considero uma pessoa...
			amada por pessoas importantes para mim (pai/mãe; marido/mulher; filho/filha).
			que não foi suficientemente amada por pessoas importantes para mim.
			que nunca recebeu amor verdadeiro das pessoas importantes para mim.
			6. Eu reconheço que...
			quero ser amado pelas pessoas importantes para mim.
			tenho dificuldade em aceitar que quero ser amado pelas pessoas.
			sou uma pessoa tão carente que preciso que todo mundo goste de mim.
			7. Quando eu percebo que alguém gosta de mim eu me sinto...
			bem e procuro retribuir mostrando que eu também gosto dele.
			mal, porque não sei se eu mereço.
			muito mal, porque não sei o que a pessoa viu em mim.
			sufocado e tento me afastar da pessoa.
			8. Em situação de stress eu fico...
			nervoso mas me controlo para resolver o problema.
			nervoso e acabo tendo dificuldade para resolver o problema.
			tão nervoso que perco totalmente o controle.
			9. Nos meus relacionamentos amorosos (namoro/noivado/ casamento) eu...
			respeito à vontade do meu parceiro e sei ser respeitado.
			respeito à vontade do meu parceiro, mas dificilmente sou respeitado.

			preciso fazer um esforço para respeitar a vontade de meu parceiro.
			sempre acabo impondo minha vontade.
			sempre acabo sendo explorado pelo meu parceiro.
			10. Com relação aos meus técnicos e amigos de equipe eu...
			tenho bons relacionamentos com a maioria deles, mas sei que alguns não gostam de mim.
			tenho bons relacionamentos com alguns, mas sei que muitos deles não gostam de mim.
			não consigo estabelecer bons relacionamentos e por isso ninguém gosta de mim.
			11. Quando discuto com algum companheiro de equipe eu.
			tenho facilidade em reconhecer meus erros e pedir desculpa
			tenho facilidade em reconhecer meus erros, mas não consigo pedir desculpas.
			Não falo nada, mas procuro corrigir o que fiz de errado.
			nunca peço desculpas porque a culpa sempre está na outra pessoa
			finjo que nada aconteceu.
			12. Quando eu preciso de alguma coisa...
			sempre peço a alguém de minha família porque sei que posso contar com eles.
			tenho dificuldade de pedir ajuda para a alguém de minha família, mesmo sabendo que posso contar com eles.
			não peço a ninguém de minha família, porque sei que nunca posso contar com eles.
			13. Quando alguém me agride sem motivos eu...
			fico com raiva durante algum tempo, mas depois eu me acalmo.
			eu enfrento a pessoa, mas depois fico me sentindo mal.
			fico com tanta raiva que eu tenho vontade de matar a pessoa.
			me sinto culpado por ter provocado o outro.
			fico com tanta raiva que eu não consigo pensar em mais nada por vários dias.
			14. Quando vejo um amigo se destacando em minha equipe eu...
			fico feliz e demonstro que estou contente por ele.
			falo que fiquei contente, mas no fundo não sinto nada já que suas conquistas não dizem respeito à minha vida.
			Não falo nada, mas no fundo eu fico com raiva porque acho que ele não merecia.
			15. Diante do técnico e companheiros de equipe eu...
			sinto que sou respeitado e sei que tenho importância para eles.
			sinto-me respeitado, mas acho que não tenho a importância que gostaria de ter.
			sinto-me desrespeitado por ser menos valorizado do que outras pessoas do grupo.
			sinto que minha presença na equipe não faz diferença para essas pessoas.
			16. Quando sinto que estou sendo prejudicado por alguém eu...
			fico irritado, mas procuro não me deixar abater pela ação do outro.
			fico irritado, e me deixo abater por um tempo.
			eu não sossego enquanto não o prejuízo também.
			17. Nos grupos dos quais faço parte (equipe, estudo, amigos) eu...
			sempre que possível, colaboro com meus colegas.
			colaboro com meus colegas para não me acharem egoísta.
			me sinto na obrigação de colaborar, mesmo quando não me pedem.
			nunca colaboro com meus colegas porque ninguém reconhece o meu esforço.

			18. Quando eu quero alguma coisa eu...
			consigo esperar o tempo que for necessário para conseguir.
			vou atrás mesmo sabendo que não tenho chance de conseguir.
			faço qualquer coisa para conseguir realizar o que eu quero, mesmo que depois eu me prejudique.
			19. Quando me comparo às pessoas de minha idade eu...
			sinto-me satisfeito com a vida que eu tenho.
			sinto-me mais ou menos satisfeito com a vida que eu tenho
			sito-me muito insatisfeito com a vida que tenho
			20. Dias antes de uma competição (jogo) eu fico...
			à vontade, consigo realizar minhas tarefas diárias naturalmente.
			fico ansioso, mas consigo lidar com este sentimento.
			fico ansioso tenho dificuldade de realizar as tarefas diárias.
			prefiro não pensar na competição, pois sei que isso trará prejuízos para minha rotina.
			fico tão nervoso que não consigo realizar minhas tarefas cotidianas.
			21. Frente a um adversário inferior eu...
			procuro dar o melhor de mim para não ser surpreendido ao final da competição (jogo).
			fico nervoso, mas consigo ter boas atuações.
			fico apavorado, pois sei que a vitória não é mais que minha obrigação.
			22. Frente um adversário superior eu...
			percebo a situação como uma oportunidade e procuro superar minhas limitações.
			fico nervoso, mas procuro me acalmar e atuar da melhor maneira possível.
			sei que não há o que fazer, independente do meu desempenho sairei derrotado.
			Perco totalmente o controle, porque acho que se formos derrotados, a culpa será minha.
			23. Durante uma competição (jogo) eu...
			consigo lembrar das estratégias treinadas e colocá-las em práticas.
			tenho facilidade em realizar as estratégias treinadas.
			lembro-me das estratégias treinadas, porém não consigo colocá-las em prática.
			fico nervoso, o que me prejudica na execução das estratégias treinadas.
			não consigo ao menos me lembrar das estratégias treinadas.
			24. Quando sou prejudicado por um erro de arbitragem eu...
			fico irritado, mas procuro me acalmar para não ter meu desempenho prejudicado.
			procuro não me ocupar com as decisões do árbitro, e tento manter o foco na minha tarefa.
			Encaro com naturalidade, sei que todos podem errar.
			fico nervoso e perco a concentração por alguns instantes.
			sinto-me injustiçado, mas me esforço para retornar ao foco da competição.
			Perco o controle e faço reclamações agressivas, a ponto de ser penalizado.

			Não aceito erros do árbitro e parto para cima dele.
			25. Quanto ao término da minha carreira esportiva...
			procuro me preparar para o futuro e tenho outros planos profissionais
			sei que esta hora vai chegar, porém não quero pensar nisso agora.
			não acredito que preciso pensar em outras atividades, pois faço o que gosto.
			26. Quando eu quero alguma coisa profissionalmente (por ex: desenvolver novas habilidades, mudar de equipe; atuar em novas funções) eu...
			consigo esperar a melhor oportunidade para tentar, sem me estressar.
			tenho medo de me dar mal e só me arrisco depois de ter certeza que não vou me arrepender.
			faço o que estiver ao meu alcance para conquistar o que eu quero, mas me arrependo depois.
			desisto antes de tentar para não me frustrar depois.
			27. Em (reuniões de equipe, preleções, tempo técnico) eu fico...
			à vontade e tenho facilidade em compreender as orientações
			ansioso e tenho dificuldade em absorver as orientações
			Fico tão nervoso que não consigo compreender as instruções.
			28. Em situações de treinamentos e competições (jogos), quando eu discordo do meu técnico eu...
			dou minha opinião sempre que sou consultado.
			tenho facilidade em expor o que penso.
			só dou minha opinião quando tenho certeza de que estou certo.
			dou minha opinião e me arrependo logo em seguida.
			procuro impor minha opinião
			nunca dou minha opinião.
			29. Em relação aos companheiros de equipe eu...
			sinto que posso confiar neles.
			confio nas capacidades de cada um.
			sei que posso contar com eles, mas prefiro não incomodá-los.
			não acredito que posso confiar neles.
			Prefiro não contar com a ajuda de ninguém.
			30. Quanto às minhas condições físicas, táticas e técnicas eu...
			aceito bem minhas limitações porque acho que ninguém é perfeito.
			tenho dificuldades em aceitar minhas limitações, mas procuro superá-las dedicando-me mais nos treinos.
			costumo aceitar desafios além das minhas limitações e depois não sei o que fazer.
			centro todas as decisões em mim porque sei que ninguém terá um desempenho melhor que o meu.

			31. Em situações de treinamento e competição (jogos) eu...
			aceito a colaboração de meus amigos de equipe sempre que preciso de ajuda.
			peço ajuda quando não consigo resolver sozinho.
			peço ajuda, mas fico incomodado em demonstrar minhas limitações.
			nunca peço a colaboração para não expor minhas limitações.
			32. Economicamente eu me sinto...
			realizado, porque ganho muito bem.
			realizado, mas sem tempo para fazer outras coisas.
			frustrado, porque não ganho bem.
			frustrado, porque ainda dependo de meus pais.
			33. Após derrota em uma competição (jogo) importante eu...
			fico chateado, mas logo consigo me recuperar e pensar no próximo desafio.
			sinto-me culpado e durante dias fico pensando no que poderia ter feito diferente.
			não consigo superar a derrota fico pensando naquela decepção durante semanas.
			34. Quando sofro alguma lesão eu...
			Procuro me empenhar nas atividades fisioterápicas para voltar a treinar o mais rápido possível.
			fico chateado, mas não deixo me abater pela situação.
			tenho medo de perder espaço na equipe e por isso procuro me recuperar o mais rápido possível.
			penso em largar a carreira de atleta.
			fico apavorado, não consigo viver sem a rotina competitiva.
			35. Durante os períodos de treinamentos eu...
			Sinto-me à vontade com a carga de treinamentos sugerida pela comissão técnica.
			sinto-me sobrecarregado com a carga de treinamentos, mas consigo cumprir as exigências.
			sinto-me esgotado com a carga de treinamento a ponto de não ter energia para realizar outras atividades.
			36. Quando estou competindo (jogando) eu.
			consigo permanecer concentrado na competição, o que me ajuda a manter ou alcançar um bom desempenho.
			presto atenção nos acontecimentos ao meu redor (torcida, pessoas importantes, acontecimentos externos etc.) e as vezes me distraio do jogo (competição).
			fico preocupado com os erros que posso cometer durante a competição, mas consigo atuar normalmente.
			fico desligado pensando em outras coisas que não dizem respeito ao momento competitivo.

			37. Diante da pressão da torcida adversária eu fico...
			calmo e por isso tenho facilidade em desenvolver o que foi treinado anteriormente.
			nervoso, mas consigo me controlar e desenvolver bem o meu papel.
			nervoso e por isso tenho que me esforçar mais para alcançar o rendimento esperado.
			travado e sem o controle da situação
			38. Quanto aos treinos e competições (jogos) eu...
			consigo manter o mesmo nível de rendimento dos treinos durante as competições.
			tenho melhor rendimento nas competições do que nos treinos.
			sinto que sou levemente prejudicado pelo nervosismo durante as competições.
			tenho melhor rendimento nos treinos do que nas competições.
			39. Quanto à disciplina exigida de um atleta (alimentação, descanso, concentração etc.) eu...
			entendo a necessidade destas exigências e não tenho dificuldades para cumpri-las
			entendo a necessidade destas exigências, porém tenho dificuldades para cumpri-las.
			não concordo com estes tipos de restrições, mas cumpro as ordens que recebo da comissão técnica.
			não concordo com estas restrições e por isso faço o que tenho vontade.
			não acredito que isso possa influenciar meu rendimento e por isso não cumpro estas restrições.
			40. Quando tenho uma oportunidade profissional (aumento de salário, melhores condições de trabalho, convocações para seleções, etc.) eu...
			sinto-me motivado e procuro melhorar a cada treinamento e competição (jogo).
			fico contente, mas prefiro não criar expectativas e deixo tudo como está.
			espero sempre o melhor, e me frustro.
			não me sinto merecedor de novas oportunidades e por isso não me esforço para alcançá-las
			fico muito ansioso e só descanso quando alcanço o que eu quero.
			41. Profissionalmente eu me sinto...
			realizado porque eu faço aquilo que eu gosto.
			realizado, porque tenho sempre novos desafios para enfrentar.
			realizado, mas às vezes fico na dúvida se não teria algo melhor para eu fazer.
			realizado porque eu faço o que gosto, mas sem tempo para fazer outras coisas.
			frustrado, porque não tenho tempo para mais nada.
			frustrado porque acho que o esporte não é reconhecido no Brasil.